

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

HYAN FELIPE GALLO CAMINHA

**CASA DANDARA: CENTRO DE APOIO PARA A POPULAÇÃO TRANSEXUAL E
TRAVESTI EM CURITIBA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

HYAN FELIPE GALLO CAMINHA

**CASA DANDARA: CENTRO DE APOIO PARA A POPULAÇÃO TRANSEXUAL E
TRAVESTI EM CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 1, do curso superior de Arquitetura e Urbanismo do Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo – DEAAU, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Botter

CURITIBA



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Campus Curitiba - Sede Ecoville
Departamento Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo

Curso de Arquitetura e Urbanismo

TERMO DE APROVAÇÃO

Casa Dandara: centro de apoio para população transexual e travesti em Curitiba.

Por

HYAN FELIPE GALLO CAMINHA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 20 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Odila Rosa
UDESC

Prof. Giceli Portela
UTFPR

Prof. Simone Polli
UTFPR

Prof. Fernanda Botter (orientadora)
UTFPR

Dedico este trabalho à todas as transexuais e travestis que não estão mais presentes neste plano em consequência de uma sociedade preconceituosa e intolerante. Vocês são símbolos de luta e resistência, obrigado por inspirarem este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à vida, a Deus e ao Universo, em toda sua dimensão, por terem trilhado meu caminho por essa jornada de autoconhecimento e por me permitirem estar aqui hoje.

Aos meus pais, Josemar e Lígia, os quais sem seu amor incondicional e suporte eu definitivamente não teria chegado até aqui. Obrigado por sempre terem acreditado em mim, me apoiado, me aceitado. Me sinto uma pessoa com uma sorte que poucos têm. Mãe, obrigado por ser o meu maior exemplo de força e generosidade. Pai, obrigado por sempre se colocar como meu amigo. Vocês são prova de que o amor filial é a virtude mais forte e pura que existe. Este é um primeiro passo de uma vida, que a partir de agora, será de retribuição por tudo isso.

Aos meus irmãos, Henrique, Hugo, Marcela e Helena, por serem os amigos que a vida me deu sem escolha. Porém, acredito que se tivesse escolhido, não teria feito tão bem. Ao Henrique, pelo seu companheirismo e generosidade imensuráveis, e com seu coração gigante me mostrar que família é um laço inquebrável. Ao Hugo, por sempre acreditar em mim mais do que eu mesmo acredito, e por tantas vezes me ouvir chorar e oferecer suas palavras que me trazem calma. À Marcela, com toda sua garra e carinho, por ser um exemplo de mãe, filha, irmã e amiga. À Helena, por mesmo tão nova, nos servir de modelo de pureza e bondade, transmitindo sempre amor por onde passa. Aos meus cunhados, Leonardo, Amanda e Milena, por abrilhantarem essa família ainda mais com suas personalidades, e com muito amor se mostrarem sempre, além de cunhados, verdadeiros amigos. Aos meus sobrinhos Arthur, Eduardo e Laura, em toda sua inocência, por me mostrarem a existência de um novo tipo de amor incondicional que eu nunca havia sentido antes.

Aos meus avós Henrique, Tereza, Idelfonso e Carminha, por todo o amor e bênçãos transmitidas durante minha vida, e por sempre cuidarem de mim, seja de perto ou de um outro plano espiritual.

Além de pais biológicos maravilhosos, a vida me presenteou com tios os quais posso chamar de pais. À minha madrinha Henriette, meu primeiro e maior exemplo de empatia e amor ao próximo. Talvez você não saiba o quanto influenciou a pessoa a qual me tornei, e espero que esteja orgulhosa. À Tia Geralda, por me mostrar o quão longe determinação pode te levar, e por me lembrar que dedicação à família é essencial, sempre. À Tia Henriqueta, por desde sempre ser além de tia, uma grande amiga capaz alegrar qualquer momento ruim. Ao Tio Manoel, com seu jeito divertido, por sempre se mostrar disposto a me ajudar de todas as formas possíveis. Também aos tios Gilson, Vinícius, Celene, Jorge, Risoneide, Josemir, Tereza, Josué e Fabiana, e aos primos Guilherme, Miguel, Thássia, Catarina e à Marina, por juntos aos outros citados, terem me ensinado o significado de família. Obrigado por me fazerem sentir acolhido e amado sempre.

Aos amigos João Victor, Monalisa e Pâmela, por mostrarem que a amizade verdadeira transpassa a distância e o tempo. Através dos risos frouxos, obrigado por sempre fazerem eu me sentir em casa ao lado de vocês e por não terem deixado nada

mudar. À Gabrielle por ter sido o meu primeiro exemplo de arquiteta e hoje ser um dos meus maiores exemplos de força, por ter me inspirado e me inspirar até hoje.

Ao Thalles, por ter se mostrado um irmão durante esses anos morando em Curitiba e por tantas vezes me trazer um escape da realidade cansativa. À Helena, por sua alegria contagiante e por ter sido a primeira pessoa a me mostrar que há amor na fria Curitiba.

Durante a faculdade cansativa e desgastante, a vida colocou em meu caminho pessoas iluminadas que tornaram essa jornada muito mais leve e divertida. Agradeço à Izabella, por incentivar sempre o melhor em mim, por deixar sempre seu ombro à disposição do meu choro, por se mostrar sempre disponível, seja para uma ajuda ou uma distração qualquer. À Letícia, por me entender em uma troca de olhares, por dividir comigo tantas características iguais, por tornar uma virada de noite de projeto um tempo agradável com direito a gargalhadas e conversas profundas. Ao Matheus, por ser o oposto de mim e assim me completar tão bem, por me ensinar diariamente com sua serenidade e sensatez. Ao Luiz, por sempre ter me ajudado tanto, pelos assuntos que só você me entende, por ser uma verdadeira inspiração para mim. Vocês são presentes que a faculdade me deu, uma família que eu escolhi a dedo, e eu sei que não teria conseguido sem vocês.

Aos amigos que iniciaram essa jornada comigo, Isabela, Daniella, Giovanna, Lucas e Vinícius, obrigado por toda amizade e companheirismo, e por quando estamos juntos, me trazer de volta todos os sentimentos bons da época calouro e por me sentir feliz de ter sido rodeado e acompanhado de pessoas incríveis nesse período. Aos veteranos e amigos, Débora, Isabele e Leandro, por servirem de inspiração tanto na faculdade, quando na vida, obrigado por sempre conseguirem, sem esforço, colocar um grande sorriso no meu rosto.

À Professora Yumi Yamawaki por ter se colocado sempre disposta a ajudar na elaboração desta monografia, e através do seu jeito gentil e bondoso, sempre trazer calma para os momentos desesperadores. Aproveito para agradecer também a todos os professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tecnológica do Paraná, onde cada um, do seu próprio jeito, contribuiu de alguma forma para minha formação acadêmica.

À minha professora orientadora Fernanda Botter pela exímia orientação e por ter se mostrado sempre disponível. Obrigado por ter aceitado de braços abertos um tema tão delicado, por todo o conhecimento transmitido, todo o apoio e toda palavra de afeto que me acalmou e me deixou cada vez mais seguro no trabalho realizado. Sua sensibilidade admirável me inspira como profissional e como pessoa. Esta monografia não seria realizada sem o seu auxílio.

Ao Transgrupo Marcela Prado e ao CPATT por toda a contribuição na elaboração deste trabalho. Obrigado Sabrina, Carla, Melissa e Carol. Obrigado pelo deslumbrante e importante trabalho que vocês realizam. Por fim, agradeço à todas as transexuais e travestis que são símbolos de força apenas por existirem e se expressarem como se sentem; vocês me inspiram imensuravelmente.

“O arquiteto não é um apêndice de uma máquina constrangedora e terrível. Ao contrário, deve ajudar a dominar, a submeter a estrutura impositiva que transforma o homem em coisa, em vítima de sua própria criatura”

(Vilanova Artigas)

RESUMO

CAMINHA, Hyan Felipe Gallo. Casa Dandara: Centro de Apoio para População Transexual e Travesti em Curitiba. 2018. 108 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

A presente pesquisa tem como foco a população de transexuais e travestis de Curitiba e a utilização da arquitetura como instrumento de auxílio e (re)inserção social. O trabalho apresenta uma breve contextualização sobre o tema, identificando os principais termos e conceitos, e destaca a assustadora realidade brasileira quando se trata de violência contra transexuais e travestis, além de trazer outros dados impactantes como a média da idade em que são expulsas de casa e a porcentagem dessa população que se utiliza da prostituição como fonte de renda. São apresentadas breves noções de psicologia ambiental para embasar a proposta de uma arquitetura restauradora que auxilie no bem-estar de seus usuários. Através da análise dos estudos de caso é possível perceber que esse tipo de equipamento existe e funciona no Brasil, porém, utilizam-se de espaços alugados e improvisados, não existindo projeto arquitetônico de referência com a mesma proposta. Portanto, foram analisados estudos de caso de usos distintos entre si com o objetivo de agregar todos na criação de um programa para um complexo de acolhimento: uma clínica, uma casa de passagem e um centro comunitário. Agrega-se a esta pesquisa encontro com a ONG curitibana que trabalha na área de apoio à população trans do Paraná. As entrevistas foram realizadas com o objetivo de entender os projetos que já são executados pela organização, quais as necessidades locais da população, quais seriam os espaços ideais na concepção do projeto e onde seria o local mais favorável para sua implantação. A análise do entorno e das condicionantes, a elaboração do programa de necessidades, fluxograma e de um plano de ocupação auxiliará na concepção deste equipamento. Portanto, é proposto um centro de apoio para a população transexual e travesti no centro da cidade de Curitiba, consistindo em uma clínica voltada aos problemas de saúde que essa população enfrenta; uma casa de passagem para o público LGBTQ+ em geral, com enfoque na população trans; e um centro comunitário aberto também ao público em geral que promova, além de uma plataforma de profissionalização e bem-estar através da terapia ocupacional para as pessoas trans, uma socialização com a comunidade, quebrando estigmas e incentivando a aceitação dessa população pela sociedade.

Palavras-chave: Arquitetura. Transexuais e Travestis. Centro de Apoio. Acolhimento. Reinserção Social.

ABSTRACT

CAMINHA, Hyan Felipe Gallo. Casa Dandara: Support Center for the Transgender and Transvestite Population in Curitiba. 2018. 108 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

The present research focuses on the population of transsexuals and transvestites in Curitiba and the use of architecture as an instrument of social assistance and reinsertion. The paper presents a brief context on the topic, identifying the main terms and concepts, and highlights the frightening Brazilian reality when it comes to violence against transsexuals and transvestites, as well as bringing other shocking data, such as the average age of expulsion from home and the percentage of the this population that uses prostitution as a source of income. Brief notions of environmental psychology are presented to support the proposal of a restorative architecture that assists in the well-being of its users. Through the analysis of the case studies it is possible to perceive that this type of equipment exists and works in Brazil, however, they use leased and improvised spaces, and there is no architectural design of reference with the same proposal. Therefore, case studies of different uses were analyzed, with the aim of aggregating all of them in the creation of a project for a host complex: a clinic, a transit house and a community center. Add to this research meeting with the NGO from Curitiba that works in support to the trans people of Paraná. The interviews were carried out with the purpose of understanding the projects that being executed by the organization, the on-site needs of the population, which would be the ideal spaces in the conception of the project and where would be the most favorable location for its implementation. The analysis of the surroundings and the constraints, the elaboration of the necessities program, flow chart and of an occupation plan will aid in the design of this equipment. In conclusion, is proposed a support center for the transsexual and transvestite population in Curitiba's Downtown, consisting of a clinic focused on the health problems that this population faces; a house of passage for the LGBT+ public, with a focus on trans people; and a community center open to the general public to promote a platform of professionalization and well-being through occupational therapy for trans people, in addition to socialization with the community, breaking stigmas and encouraging the acceptance of this population by society.

Keywords: Architecture. Transexual and Transvestite. Support Center. Hosting. Social Reinsertion.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Esquematização de conceitos relacionados a identidade de gênero..... | 24 |
| Figura 2 – Bandeira do Orgulho Transgênero..... | 26 |
| Figura 3 – Mapa de assassinatos reportados de transgêneros 2017..... | 31 |
| Figura 4: Mapa de assassinatos reportados de transgêneros 2008 - 2017..... | 31 |
| Figura 5 – Fachada da Casa 1 (Casarão). | 44 |
| Figura 6 – Cômodos do Casarão. | 44 |
| Figura 7 – Fachada do Galpão Casa 1 | 45 |
| Figura 8: Diversidade de usos para o mesmo espaço no Galpão Casa 1: aula de yoga (esq. sup.), apresentação de performances (dir. sup.), palestra (esq. inf.), feira (dir. inf). | 45 |
| Figura 9 – Evento no quintal do Galpão Casa 1..... | 46 |
| Figura 10 – Alunas do curso de costura na Casa Nem. | 47 |
| Figura 11 – Sala de aula da ONG Transvest..... | 48 |
| Figura 12 – Clínica Sayamamoto. | 49 |
| Figura 13 – Espaço de espera e convivência..... | 50 |
| Figura 14: Transparência para jardim externo e estante de livros..... | 50 |
| Figura 15 – Planta Térreo..... | 51 |
| Figura 16 – Shelter Home. | 53 |
| Figura 17 – Fachada composta por perfis de alumínio. | 54 |
| Figura 18 – Planta Térreo..... | 55 |
| Figura 19 – Planta Primeiro Pavimento..... | 56 |
| Figura 20 – Oficina do Shelter Home. | 56 |
| Figura 21 – Centro Cultural de Sedan..... | 59 |
| Figura 22 – Planta Térreo..... | 59 |
| Figura 23 – Auditório com plateia retrátil..... | 60 |
| Figura 24 – Estúdio de dança..... | 61 |
| Figura 25 – Planta Segundo Pavimento..... | 61 |
| Figura 26 – Corte Longitudinal AA. | 62 |
| Figura 27 – Centro Cultural de Sedan inserido na Praça Calonne..... | 62 |
| Figura 28 – Diversidade de usos para as salas de atividade: sala de cursos (esq. sup.), sala de artes (dir.), sala de expressão corporal (esq. inf.)..... | 63 |
| Figura 29 – Mapa político do Paraná e das 10 regionais de Curitiba..... | 72 |
| Figura 30 – Mapa das linhas de transporte de Curitiba..... | 73 |

| | |
|--|----|
| Figura 31 – Mapa de Curitiba..... | 74 |
| Figura 32 – Mapa do Centro..... | 74 |
| Figura 33 – Mapa do Centro..... | 75 |
| Figura 34 – Foto do interior para o exterior do terreno..... | 76 |
| Figura 35 – Foto do exterior para o interior do terreno..... | 76 |
| Figura 36 – Foto aérea do terreno..... | 77 |
| Figura 37 – Mapa de pontos notáveis. | 78 |
| Figura 38 – Mapa de usos..... | 79 |
| Figura 39 – Mapa de gabaritos, cheios e vazios. | 80 |
| Figura 40 – Mapa de fluxos. | 81 |
| Figura 41 – Mapa de vegetação..... | 82 |
| Figura 42 – Mapa de condicionantes naturais e ruídos..... | 83 |
| Figura 43 – Recorte do zoneamento de Curitiba..... | 84 |
| Figura 44 – Parâmetros de uso e ocupação do solo da Zona Central. | 85 |
| Figura 45 – Fluxograma. | 91 |
| Figura 46 – Esquema de plantas..... | 92 |
| Figura 47– Esquema de implantação..... | 93 |
| Figura 48 – Perspectiva setorizada com entorno. | 94 |
| Figura 49 – Perspectiva setorizada explodida..... | 94 |
| Figura 50 – Esquema de vista..... | 95 |
| Figura 51 – Perspectiva Lateral Esquerda. | 96 |
| Figura 52 – Fachada do Abrigo..... | 97 |
| Figura 53 – Ateliê de Costura..... | 98 |
| Figura 54 – Área externa de convivência. | 98 |
| Figura 55 – Praça de Acesso..... | 99 |
| Figura 56 – Perspectiva Lateral Direita. | 99 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Áreas Clínica Sayanomoto | 52 |
| Tabela 2 – Áreas Shelter Home | 57 |
| Tabela 3 – Áreas Centro Cultural de Sedan..... | 64 |
| Tabela 4 – Potencialidades projetuais identificadas nos estudos de caso. | 65 |
| Tabela 5 – Pré-dimensionamento de áreas da clínica. | 88 |
| Tabela 6 – Pré-dimensionamento de áreas do abrigo..... | 89 |
| Tabela 7 – Pré-dimensionamento de áreas do centro comunitário. | 90 |
| Tabela 8 – Total das áreas pré-dimensionadas. | 91 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Proporcionalidade de Áreas Clínica Sayanomoto..... | 52 |
| Gráfico 2 – Proporcionalidade de Áreas Shelter Home..... | 58 |
| Gráfico 3 – Proporcionalidade de Áreas Centro Cultural de Sedan | 64 |

LISTA DE ABREVIATURAS

AEN – Agência de Notícias do Paraná

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

APA – Associação Psiquiátrica Americana

CID-10 – Código Internacional de Doenças (10ª versão)

CPATT – Centro de Pesquisa e Atendimento a Travestis e Transexuais

DMS – Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbio Mentais

FAS – Fundação de Ação Social em Curitiba

HBIGDA – Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

LGBT+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers e Intersexuais

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG – Organização Não Governamental

SEED – Secretaria de Estado da Educação do Paraná

SESA – Secretaria de Estado da Saúde do Paraná

SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo

SOC – State of Care

TMP – Transgrupo Marcela Prado

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 17 |
| 1.1 | PROBLEMA..... | 18 |
| 1.2 | HIPÓTESE | 18 |
| 1.3 | JUSTIFICATIVA..... | 18 |
| 1.4 | OBJETIVO GERAL..... | 20 |
| 1.5 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 20 |
| 1.6 | METODOLOGIA | 20 |
| 2 | CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA..... | 22 |
| 2.1 | IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS, TERMOS E DIFICULDADES .. | 22 |
| 2.1.1 | Diagnóstico de Gênero <i>versus</i> Despatologização | 27 |
| 2.2 | SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO TRANSEXUAL E TRAVESTI NO BRASIL ... | 30 |
| 2.2.1 | Propostas de Ações da ANTRA..... | 34 |
| 2.3 | ARQUITETURA COMO AGENTE PROTETOR | 36 |
| 2.3.1 | Noções de Psicologia Ambiental | 38 |
| 3 | ESTUDOS DE CASO | 42 |
| 3.1 | CASAS DE ACOLHIMENTO LGBTQI NO BRASIL | 42 |
| 3.2 | CLÍNICA SAYANOMOTO..... | 49 |
| 3.3 | SHELTER HOME | 53 |
| 3.4 | CENTRO CULTURAL DE SEDAN | 58 |
| 3.5 | SÍNTESE DOS ESTUDOS DE CASO | 65 |
| 4 | INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE..... | 66 |
| 4.1 | CENTRO DE PESQUISA E ATENDIMENTO A TRAVESTIS E TRANSEXUAIS | 66 |
| 4.2 | TRANSGRUPO MARCELA PRADO | 68 |
| 4.3 | ESCOLHA DO TERRENO..... | 71 |
| 4.4 | ANÁLISE DO ENTORNO | 77 |
| 4.4.1 | Pontos Notáveis..... | 78 |
| 4.4.2 | Usos | 79 |
| 4.4.3 | Gabaritos, Cheios e Vazios | 80 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 4.4.4 | Fluxos | 81 |
| 4.4.5 | Vegetação | 82 |
| 4.4.6 | Condicionantes Naturais e Ruídos | 83 |
| 4.4.7 | Zoneamento e Parâmetros | 84 |
| 5 | DIRETRIZES PROJETUAIS | 85 |
| 5.1 | PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ DIMENSIONAMENTO..... | 85 |
| 5.2 | PLANO DE OCUPAÇÃO | 92 |
| 6 | PROPOSTA | 96 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 100 |
| 8 | REFERÊNCIAS | 101 |
| | APÊNDICE A – PRANCHAS DO PROJETO..... | 108 |

1 INTRODUÇÃO

Transgêneros são as pessoas que transitam entre os gêneros ou que reivindicam a passagem de um gênero para o outro, acompanhado de seu reconhecimento social e legal, e dentro desse grupo temos as pessoas transexuais e travestis (BENTO, 2008, p. 17). A transexualidade tem sido identificada no mundo inteiro ao longo de toda a História. Porém, apenas no século XX começaram a surgir estudos científicos e avanços médicos no que se refere ao assunto (JESUS, 2012, p. 14).

Entretanto, ao mesmo passo em que discussões são cada vez mais abertas e inclusivas e procedimentos médicos cada vez mais avançados, é notável também o tamanho do preconceito e intolerância ainda presentes na sociedade contemporânea ocidental, especialmente no Brasil. Dados que serão apresentados neste trabalho alertam para o aumento da violência contra essa população, que se encontra marginalizada e invisibilizada.

Diante dessa não aceitação familiar e social, da falta de oportunidades, de grandes conflitos internos, da necessidade de auxílio médico e psicológico e da exposição à violência, a Arquitetura surge como uma manifestação física de uma instituição social que vem ao resgate dessas pessoas em situações precárias.

Este trabalho apresentará uma pesquisa de base para o projeto de um Centro de Apoio para a População Transexual e Travesti em Curitiba. Serão apresentados conceitos e termos básicos para contextualização e entendimento sobre o assunto, além de uma análise sobre os dados no que diz respeito ao perfil da população no Brasil e as dificuldades que enfrentam. Esta pesquisa também irá contextualizar breves noções de Psicologia Ambiental, mostrando a relação entre o indivíduo e o ambiente construído em que ele está inserido, e como a Arquitetura pode ajudar no bem-estar de seus usuários. Serão apresentados estudos de caso de propostas semelhantes, porém não idênticas, visto que não há projeto arquitetônico relevante de mesma proposta. A interpretação da realidade irá tratar do contexto de Curitiba em relação a temática: quais as necessidades reais da população, visando o local mais favorável e o desenvolvimento do programa proposto para o projeto.

1.1 PROBLEMA

A população trans sofre discriminação a partir do momento em que são identificados como indivíduos que não seguem os padrões de gênero impostos pela sociedade. Dados apontam que a não aceitação começa cedo, dentro da própria família, muitas vezes resultando na expulsão de casa dessas pessoas. Além disso, raramente são abraçadas pela sociedade, sofrendo com a falta de oportunidades de educação e emprego. Como consequência grande parcela recorre à prostituição como fonte de renda, profissão essa que as coloca em situação de grande vulnerabilidade à intolerância, à violência e aos crimes de ódio. Como oferecer, através da arquitetura, assistência e acolhimento para essas pessoas que passam por situações emergenciais? Como prover uma plataforma que ofereça melhores oportunidades de vida para essa população e promover uma interação entre essa população e a comunidade?

1.2 HIPÓTESE

A elaboração de uma edificação que atenda às necessidades da população trans de Curitiba irá trazer assistência para essas pessoas em situação emergencial, apoio clínico e psicológico, e suporte para uma capacitação educacional e profissional. Isso lhes proporcionará uma passagem pela transição ou por conflitos internos e externos de maneira saudável, sentindo-se protegidas e acolhidas, e que tenham instrumentos que ajudem a poder atuar em diversas áreas. Além de trazer visibilidade para a comunidade, ser um símbolo de segurança e resistência.

1.3 JUSTIFICATIVA

O Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, de acordo com a ONG internacional Transgender Europe. A taxa de homicídios em 2017 foi a maior registrada nos últimos dez anos. No ano passado, de acordo com os dados do

Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), foram 179 assassinatos, o que representa 52% da porcentagem mundial (2018).

Além de temerem por suas próprias vidas morando em um dos países mais transfóbicos do mundo, essa população sofre preconceito diariamente e têm até direitos básicos de personalidade negados, como o direito à própria identidade. Em consequência desse panorama nacional, essas pessoas enfrentam dificuldades para se inserir no mercado de trabalho e na sociedade. Isso resulta em uma grande parcela trabalhando na prostituição – principalmente as travestis e mulheres trans, que vem a ser o grupo mais afetado pelos crimes de ódio.

Esse grupo se constitui de uma minoria de gênero que, juntamente com homossexuais e bissexuais (minorias sexuais), configuram-se como merecedores de especial proteção do Estado, em razão das fobias e discriminações que sofrem devido a sua identidade de gênero e/ou orientação sexual (VECCHIATTI, 2018, p. 71). Em termos de proteção social por intermédio do Direito Penal, o direito à segurança é fundamental e previsto no art. 5º da Constituição Federal. Ou seja, no caso dessa população que se encontra insuficientemente protegida, o Estado teria o dever constitucional de aprovar leis, medidas e políticas públicas para efetivar a segurança da população em questão das opressões que sofrem. (VECCHIATTI, 2018, p. 73). Entretanto, essa não é a realidade a qual nos encontramos: essa população atualmente encontra-se desamparada e invisibilizada, tanto pelo Estado, quanto pela sociedade como um todo.

Butler (2009, p. 97) chama atenção ao contexto social, e afirma que a autonomia trans não será alcançada sem a assistência e o suporte de uma comunidade, principalmente porque apenas pelo fato de serem incluídas dentro das identidades de gênero consideradas desviantes, essas pessoas sofrem com discriminação e intolerância.

Tendo em vista todos os obstáculos e riscos que essa população enfrenta, e a necessidade de um apoio da sociedade, torna-se pertinente a criação de um ambiente seguro, que ampare essas pessoas nas situações de dificuldade e que além de suprir necessidades básicas, ofereça uma plataforma que possa ajudá-los a se (re)inserir no mercado de trabalho e na sociedade. Outrossim, além de fornecer ajudas específicas, que a edificação seja considerada um marco e traga visibilidade para a comunidade trans e conscientização para a população.

1.4 OBJETIVO GERAL

Projetar um complexo que ofereça moradia emergencial, atendimento médico e psicológico e auxílio social para transexuais e travestis em situação precária na cidade de Curitiba, com o objetivo de assegurar seus direitos constitucionais e promover sua (re)inserção ao mercado de trabalho e à sociedade.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar e apresentar conceitos e termos básicos para entendimento sobre o assunto e público alvo;
- Analisar a situação atual da população transexual e travesti no país, compreendendo suas dificuldades e preconceitos enfrentados;
- Estudar e identificar as principais necessidades dessa população, mais especificamente na cidade de Curitiba;
- Analisar projetos arquitetônicos de cunho social que atendam necessidades semelhantes para efeito de comparação;
- Identificar a região de Curitiba mais favorável para abrigar o Centro de Apoio e propor um programa arquitetônico de um complexo que atenda às principais necessidades das transexuais e travestis curitibanas, oferecendo moradia emergencial, atendimento médico e psicológico e auxílio social.

1.6 METODOLOGIA

| ETAPA 01: Conceituação Temática |
|---|
| Embasamento teórico para melhor compreensão das dificuldades e necessidades do público alvo, analisando dados nacionais sobre perfil das população e violência. Analisar a história e origem da Arquitetura, com objetivo de conceber a importância da área como agente de proteção e acolhimento. Estudar teóricos da Psicologia Ambiental a fim de entender melhor a relação pessoa/espço construído. |

| Método: | Técnica de pesquisa: | Fontes: |
|----------------------|-----------------------------|---|
| Método exploratório. | Pesquisa bibliográfica. | Livros, artigos científicos, teses e webgrafia. |

ETAPA 02: Estudos de Caso

Analisar projetos existentes com necessidades semelhantes para entender seu funcionamento e a relação dos edifícios com o usuário.

| Método: | Técnica de pesquisa: | Fontes: |
|---|-----------------------------|----------------------------------|
| Métodos analítico, exploratório e descritivo. | Pesquisa bibliográfica. | Artigos científicos e webgrafia. |

ETAPA 03: Interpretação da Realidade

Analisar o contexto urbano e as necessidades locais do público alvo para definição da área de intervenção através de entrevistas com organização que presta auxílios à essa população. Identificar condicionantes do terreno escolhido para inserção do projeto no meio urbano.

| Método: | Técnica de pesquisa: | Fontes: |
|----------------------|--|--|
| Método exploratório. | Entrevistas, Pesquisa bibliográfica e levantamento em campo. | Livros, artigos científicos, teses, webgrafia.e legislações. |

ETAPA 04: Diretrizes Projetuais

Elaborar um programa de necessidades com a conclusão da Etapa 03 e um estudo de comparações da Etapa 02, entendendo as necessidades do público alvo e tendo como referência os casos estudados. Propor um plano de ocupação favorável ao entorno e contexto urbano onde o projeto será inserido.

| Método: | Técnica de pesquisa: | Fontes: |
|----------------------------------|--|---|
| Método analítico e exploratório. | Entrevistas, Pesquisa bibliográfica e levantamento em campo. | Artigos científicos, webgrafia.e legislações. |

2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

2.1 IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS, TERMOS E DIFICULDADES

Quando crianças somos educados dentro da noção, tomada como verdade, de que são apenas duas as categorias sexuais: os homens e as mulheres. Nos é ensinado que foi predeterminado dessa maneira, seja pela crença na religião, seja pela ciência. Crescemos dentro dessa dualidade limitante para reconhecer a nós mesmos e aos outros (SAADEH, 2004, p. 3).

Qualquer variação dessa referência é considerada anômala e doentia, de acordo com o conceito moral ou o pensamento médico no mundo ocidental contemporâneo. A possibilidade de existência de outras categorias sexuais e de gênero que vão além do que fomos criados acostumados parece irreal, o que é o prenúncio do preconceito e da dificuldade de aceitação das diferenças e particularidades (SAADEH, 2004, p. 3).

A sexualidade humana modela-se à dinâmica da sociedade ou período histórico que está sendo vivenciado. Porém, ao longo da história esse assunto foi sendo moldado para o panorama visto hoje, em que a cultura e a ciência tentam dividir, segregar e normatizar a sexualidade (SILVA & CERQUEIRA-SANTOS, 2014, p.29). O que comprova esse fato são os conceitos de masculinidade e feminilidade tão difundidos, definindo modos de existência e organizando práticas sociais, e principalmente relacionando linearmente sexo genital, gênero, desejo e práticas sexuais (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 572).

O sistema binário (masculino e feminino) produz e dissemina a ideia de que o gênero reflete o sexo, e que todas as outras esferas que compõem o ser humano estão condicionadas a essa determinação inicial. Como se a natureza construísse a sexualidade e os corpos tivessem que se posicionar em suas vidas de acordo com e essa origem natural (BENTO, 2008, p.17).

Porém, ao tratar desses conceitos de sexo e gênero como autônomos, abrimos espaço para discussão e para inclusão de experiências que estão além de um referente biológico. Negando que os significados atribuídos aos níveis constitutivos das identidades sejam determinados pelas diferenças sexuais, pode-se considerar

que a verdade dos gêneros não está no corpo físico, mas sim nas possibilidades de construir novos significados sem estar preso a condicionantes naturais. Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas (BENTO, 2006, p.17).

Desassociando sexo genital de gênero, podemos definir gênero, em linhas gerais, como "conceito geral que engloba todas as propriedades comuns que caracterizam um dado grupo ou classe de seres ou de objetos" (HOUAISS, 2001, p. 1441). Ao utilizar esse termo descentralizamos a noção predominante de que ser homem ou mulher é anatomicamente determinado. Essa determinação biológica nem sempre é compatível com a construção social e psicológica (SAADEH, 2004, p. 8).

Tendo em vista essa definição segundo dicionário da palavra, podemos identificar o termo "identidade de gênero" como sendo o gênero com o qual a pessoa se identifica, podendo ou não concordar com seu sexo biológico. Essa identidade está relacionada ao reconhecimento que o indivíduo possui de si próprio perante os padrões de gênero instituídos pelas normas sociais (SILVA & CERQUEIRA-SANTOS, 2014, p.29).

Dentro desses conceitos os seres humanos são enquadrados em duas classificações: cisgênero ou transgênero. São chamadas de cisgênero ou de "cis" as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando nasceram. Pelo outro lado, existem as pessoas não-cisgênero, que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, denominados transgêneros ou "trans" (JESUS, 2012, p.10).

Destaca-se que identidade de gênero e orientação sexual, termos comumente confundidos, são dimensões diferentes e totalmente independentes, sendo esse último definido como a atração afetivossexual por alguém e vivência interna relativa à sexualidade, que se difere do senso pessoal de pertencer a algum gênero. (JESUS, 2012, p. 24-26).

A importância da discussão recente sobre essas identidades culturais é o reconhecimento de que a cultura está longe de ser homogênea, e que é de fato, "complexa, múltipla, desarmoniosa e descontínua" (LOURO, 2003, p. 44), e que grupos, antes invisibilizados, devem ser tratados como partes integrantes da nossa sociedade. Abaixo será apresentada uma esquematização¹ com os conceitos até

¹Dos termos citados na esquematização, há alguns que, apesar de importantes, não serão o foco deste trabalho, portanto não serão aprofundados. "Intersexual" se refere às pessoas cujo corpo varia biologicamente do padrão de masculino ou feminino, seja pela configurações dos cromossomos,

então identificados (Figura 1), incluindo alguns que serão aprofundados posteriormente, para melhor ilustração e entendimento sobre o assunto.

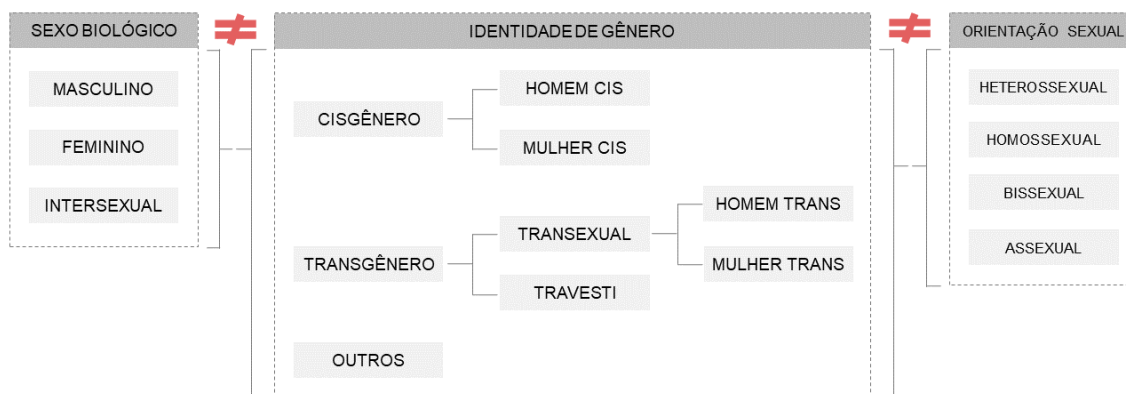


Figura 1 – Esquematização de conceitos relacionados a identidade de gênero.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Com essa contextualização em mente, dentre os grupos de indivíduos que colocam em questão essa disparidade entre o sexo biológico e o gênero estariam o das pessoas transgênero, ou somente “trans”. Esses sujeitos que transitam entre os gêneros ou que reivindicam legalmente a passagem de um gênero para o outro serão o foco desta monografia (BENTO, 2008, p.17).

Há várias definições, clínicas e sociológicas, que descrevem a vivência transexual, e muitas vezes essas definições se divergem no que se refere à subjetividade dos indivíduos que se encontram deslocados do sistema binário masculino-feminino. O presente trabalho apresentará as duas linhas, porém terá uma abordagem sociológica, já que grande parte das visões clínicas a categoriza como patologia ou disforia. Esta pesquisa nega a categorização patológica da transexualidade, no entanto, atribui valor aos aspectos clínicos que auxiliam os

localização dos órgãos genitais ou pela coexistência de tecidos testiculares e de ovários; em termos simplificados, pessoas que nasceram com a genitália ambígua. Nesse contexto há uma questão muito importante: a comunidade composta por pessoas intersexuais tem se mobilizado cada vez mais para que essas pessoas não sejam submetidas, após parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero, não dando opção de escolha para esses indivíduos. (JESUS, 2012, p. 25).

“Outros” engloba as expressões de gênero daquelas pessoas que não se identificam com nenhuma das identidades anteriormente apresentadas. Como as consideradas “não binário”, que não se identificam com o gênero masculino nem o feminino. Não serão apresentados a fundo, mas vale destacar a existência das nuances e variações de pertencimento de pessoas que não se reconhecem em nenhum extremo (LOUREIRO & VIEIRA, 2016).

sujeitos a se desenvolverem de acordo com a imagem do gênero que se identificam, através de tratamentos e procedimentos.

Transexual² é a pessoa que reivindica a passagem do gênero imposto ao nascer para o gênero identificado, e junto a isso o reconhecimento social e legal (SILVA & CERQUEIRA-SANTOS, 2014, p. 32). Essas pessoas geralmente sentem que o seu corpo físico não está condizente à forma como pensam e se sentem, e querem "corrigir" isso adequando seu corpo à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas: mudança de nome, uso de roupas, comportamentos, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos. Eles precisam viver integralmente e exteriormente como são por dentro, e ser aceitos socialmente dessa maneira (JESUS, 2012, p. 15-16).

Para vivenciar o gênero de maneira "integral", muitos transexuais requerem a mudança e reconhecimento do nome social como condições para melhorar seu modo de existência, bem como realização de cirurgia de mudança do sexo anatômico (SILVA & CERQUEIRA-SANTOS, 2014, p. 32). Porém, vale ressaltar que algumas pessoas transexuais não desejam fazer essa cirurgia, e ao contrário do que se comumente pensa, o que determina a identidade de gênero transexual é a forma como as pessoas se identificam, e não um procedimento cirúrgico (JESUS, 2012, p. 16).

Bento (2006) conceitua a transexualidade como uma experiência identitária determinada pelos conflitos com as normas e a ordem de gênero e que estabelece a inteligibilidade da identidade no corpo. A autora define como:

“(...) dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização” (BENTO, 2008, p. 183).

O termo “travesti” é antigo, anterior ao conceito de “transexual”, e por isso muito mais utilizado e consolidado em nossa linguagem, quase sempre em um sentido pejorativo. Essa denominação historicamente estigmatizada se encontra mais frequente no Brasil do que em qualquer outro país. Entende-se que travestis são as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, ou seja, se portam como se pertencem a esse gênero, mas não se reconhecem como homens ou como

² No desenvolvimento desta pesquisa, travestis e transexuais serão tratadas no feminino, pois a proporção dessa população feminina é de 3:1 para os homens trans (SAADEH, 2004).

mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero (JESUS, 2012, p. 16-17).

Normalmente não pretendem realizar a cirurgia de redesignação sexual. Vivem na condição feminina e masculina ao mesmo tempo e, não necessariamente são pessoas prostituídas. Porém, grande parte dessa população se encontra na prostituição devido à falta de oportunidades e opções de emprego, já que sofrem muita discriminação. Muitas pessoas tidas como travestis têm identidade transexual, porém não se apresentam assim por falta de entendimento sobre o assunto (BENTO, 2008, p. 70).

Abaixo é apresentada a Bandeira do Orgulho Transgênero (Figura 2), criada pela ativista estadunidense Monica Helms em 2000. O azul e rosa representam as pessoas que se identificam com o gênero masculino ou feminino, respectivamente, e o branco representa as pessoas que estão em transição ou que não se sentem pertencentes a nenhum gênero. A bandeira representa aceitação: não importa o caminho a ser percorrido, ele sempre estará correto (JESUS, 2012, p. 4).



Figura 2 – Bandeira do Orgulho Transgênero.

Fonte: JESUS (2012).

2.1.1 Diagnóstico de Gênero *versus* Despatologização

Apenas no século XX que começaram a existir estudos científicos e avanços médicos, que permitiram a essas pessoas adquirir uma fisiologia quase idêntica à de mulheres e homens cisgênero (JESUS, 2012, p. 14).

Na década de 1950 foram publicados os primeiros artigos que registraram e defenderam a especificidade do “fenômeno transexual” (BENTO, 2008, p. 95). O endocrinologista Harry Benjamin se dedicava a estabelecer as ocorrências que justificariam a diferenciação das pessoas transexuais em relação às homossexualidades. Ele relacionava as pessoas trans com abjeção aos seus órgãos genitais, defendendo a cirurgia de transgenitalização como a única alternativa terapêutica possível. Então ele estabelece critérios tomados por ele como científicos para que seja possível diagnosticar “o verdadeiro transexual” e assim autorizar a intervenção (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 570).

Essa tendência se intensificou ao longo das décadas de 1960 e 1970, mas foi só nos anos 1980 que esse desejo em produzir um diagnóstico diferenciado para transexuais ganhou maior concretude. A sua inclusão no Código Internacional de Doenças, em 1980, foi um marco no processo de definição da transexualidade como uma doença. Naquele mesmo ano a Associação de Psiquiatria Norte-Americana aprovou a terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, incluindo a transexualidade no rol dos “Transtornos de Identidade de Gênero”. (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 571)

Esses três documentos portanto se tornaram reconhecidos como oficiais na orientação do diagnóstico de transexualidade: o State of Care (SOC - 6ª versão), da Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HBIGDA); o Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbio Mentais (DMS - 5ª versão), da Associação Psiquiátrica Americana (APA); e o Código Internacional de Doenças (CID - 10ª versão), da Organização Mundial de Saúde (OMS) (BENTO, 2008, p. 97).

Nesses documentos a transexualidade é tratada como doença, as pessoas trans são construídas como percententes à um conjunto de indicadores comuns que as posicionam como portadoras de transtornos mentais, e trabalham com o pressuposto que essa população apresenta os mesmos sintomas em todas as partes

do mundo, causando a patologização acompanhada da universalização (BENTO, 2006, p. 98).

Há algumas diferenças entre esses referenciais. Para o SOC, "o transexual de verdade" tem como única solução para resolver seus "transtornos" ou "disforias", as cirurgias de transgenitalização. O DMS, por outro lado, tem como sua preocupação principal apontar manifestações do "transtorno" na infância, adolescência e fase adulta. O CID-10 demonstra mais objetividade apresentando as características gerais e o código que deve estar presente em todos os diagnósticos referentes ao "transexualismo" (BENTO, 2008, p. 99).

Nesse contexto clínico, existe o consenso atual entre os profissionais da saúde que trabalham com pacientes que sofrem de "transtorno de identidade de gênero", de que o tratamento para alívio dessa "disforia", se baseia em um tripé terapêutico formado por:

- Psicoterapia;
- Tratamento hormonal, e;
- Cirurgia de redesignação sexual (SAADEH, 2004, p. 119-120).

É importante ressaltar que esse tripé terapêutico não é necessariamente sequencial, nem se mostra completamente obrigatório, visto que, como já fora apontado, o fator determinante para uma identidade de gênero transexual é a forma de identificação própria, e não um procedimento cirúrgico ou tratamentos hormonais. Essas são apenas maneiras de aproximarem as pessoas trans – as que desejam isto – das características normativas do gênero que se identificam (JESUS, 2012, p. 16).

Com o passar dos anos, as novas edições dos documentos oficiais referenciais tentam se atualizar e se adequar, retirando termos considerados problemáticos e ofensivos. Porém, a patologização da sexualidade continua fortemente presente, não mais como "perversões sexuais" ou "homossexualismo", mas como "transtornos de gênero" (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 572).

Devido a todo esse pânorama clínico, atualmente existe um movimento muito forte e atuante dentro da comunidade trans que promove a despatologização da transexualidade. Mais de 100 organizações e quatro redes internacionais na África, na Ásia, na Europa e na América do Norte e do Sul que estão engajadas na campanha pela retirada da transexualidade do DSM e do CID (BENTO & PELÚCIO, 2012, p.

573). Existem muitos argumentos dentro dessa discussão de diagnóstico de gênero *versus* despatologização.

O protocolo que orienta as políticas públicas para o atendimento à saúde da população trans segue inteiramente as determinações da APA e do CID. Esse protocolo determina que todo “candidato” que queira realizar a cirurgia deve fazer terapia psicológica (por um tempo mínimo de dois anos), realizar o teste de vida real (usar as roupas do gênero identificado diariamente), tomar hormônios, realizar os testes de personalidade (Rorschach, MMPI) e fazer os exames laboratoriais de rotina. Pessoas a favor dos documentos afirmam que a retirada da obrigatoriedade ou flexibilização do protocolo poderiam trazer futuros arrependimentos às pessoas que realizaram a cirurgia (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 576).

Outro argumento muito forte que vai contra a despatologização é que se a transexualidade e a travestilidade não forem mais consideradas doenças, o estado não terá a obrigação de custear as despesas com os processos transexualizadores. Inclusive essa é uma preocupação de muitas pessoas dentro da própria comunidade trans (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 577).

Também há quem se apoia no argumento da autoridade científica para defender o diagnóstico de gênero, se pautando na presença desse tópico dentro do DSM, CID e SOC como prova científica que existem “normais” de gênero e os “doentes”. Porém, o contra-argumento é que isso pode ser contestado, visto que não existem testes clinicamente apropriados e repetíveis ou testes simples e sem ambiguidades (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 573).

O movimento pró despatologização defende que os princípios científicos de testabilidade e verificabilidade reivindicados por documentos como o DMS podem ser questionados. No caso da transexualidade, ou nos chamados “transtorno de identidade de gênero”, o próprio documento afirma que não existe qualquer teste diagnóstico específico, apenas se utilizam de testagem psicológica para revelar identificação ou padrões de comportamento do gênero oposto. O próprio SOC reconhece limitações de um conhecimento cientificamente comprovado por testes laboratoriais para a produção do diagnóstico de “disforia de gênero”, deixando essas incertezas clínicas para uma futura investigação científica (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 578).

No final das contas, “que temos de ‘científico’” é a definição de transtornos de gênero ou disforia de gênero estabelecendo protocolos universalizantes, definindo a

normalidade de gênero, orientando e autorizando intervenções para, ao fim, se reconhecer anemicamente que não há confiabilidade em suas afirmações” (BENTO & PELÚCIO, 2012, p. 578).

Além de toda essa argumentação, entende-se que as motivações para a despatologização têm grande importância pessoal para a vida das pessoas que são classificadas dentro de transtornos mentais: esses diagnósticos podem intensificar seu sofrimento, que ao mesmo tempo, é considerado como um dos critérios para o diagnóstico dessa patologia. Então, o movimento a favor da despatologização pode ser apontado como uma busca pela diminuição de sofrimento, por igualdade social e aceitação estética e biológica, como pessoas saudáveis, e não doentes (ARAÚJO, SILVA & SOUZA, 2014).

2.2 SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO TRANSEXUAL E TRAVESTI NO BRASIL

O Brasil, estigmatizado como "paraíso sexual", carrega como aspecto cultural o fato de ser comum no carnaval o fenômeno de transvestimentos. Para observadores estrangeiros, as imagens de homens festando abertamente nas ruas vestindo roupas femininas gera a impressão de que a homossexualidade e a transexualidade são aceitos e disseminados no país (GREEN, 2000, p.23).

Porém a realidade se mostra outra completamente diferente. Por mais que não existam leis anti-homossexuais na Constituição nem no Código Penal brasileiros, não podemos dizer que somos um país inclusivo. Dados apontam a intolerância presente no território brasileiro, através da homofobia e transfobia: o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo (ANTRA, 2018, p.7).

O Brasil lidera o Ranking mundial de assassinatos de Travestis e Transexuais com 52% das mortes. De acordo com relatórios da ONG Internacional Transgender Europe (TGEU), que monitora os assassinatos de Travestis e Transexuais pelo mundo, entre 01/10/2016 e 30/09/2017, foram assassinadas 171 pessoas trans no Brasil, seguidos de 56 mortes no México, 25 no EUA, 10 na Colômbia e 7 na Argentina e El Salvador no mesmo período.

O Brasil ocupa esse lugar no ranking há muitos anos, e lidera ainda nos dados acumulados de 2008 até 2017 com 1071 crimes – número muito acima de todos os outros países do globo, como podemos observar nas Figuras 3 e 4:

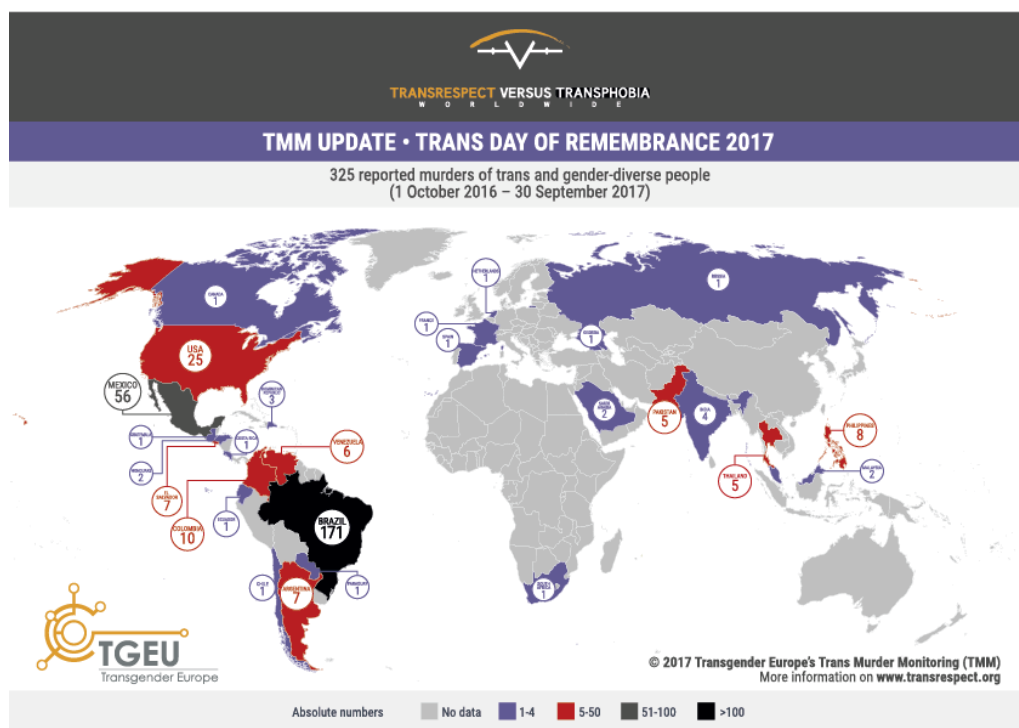


Figura 3 – Mapa de assassinatos reportados de transgêneros 2017.

Fonte: Transgender Europe (2017).

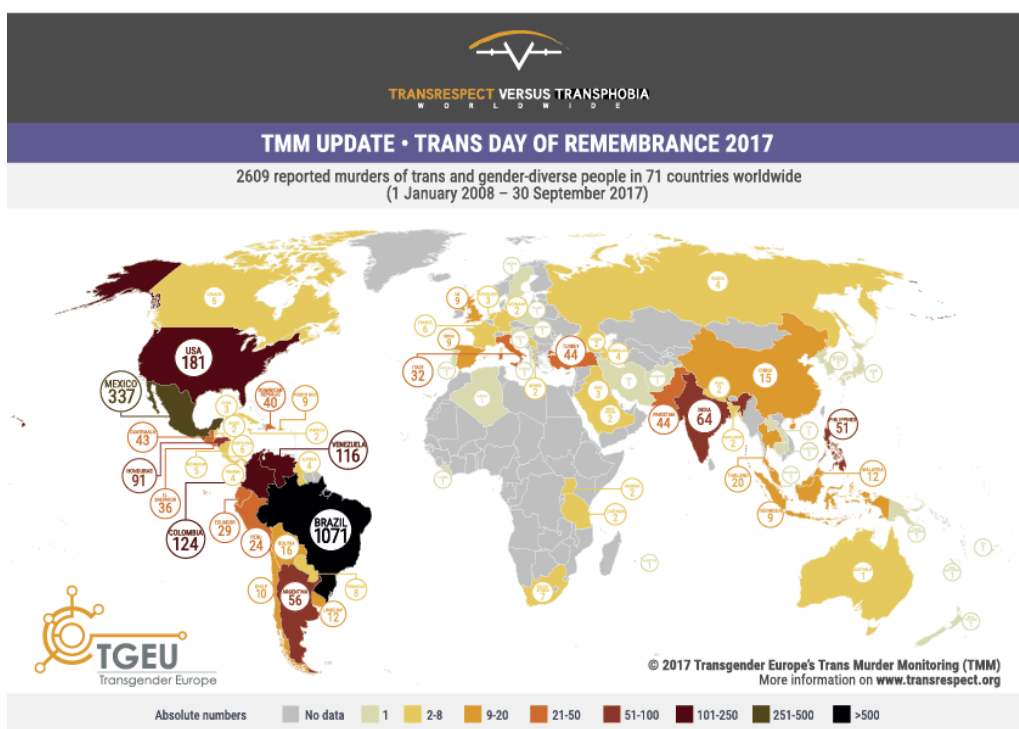


Figura 4: Mapa de assassinatos reportados de transgêneros 2008 - 2017.

Fonte – Transgender Europe (TGEU), 2017.

Tratando somente do território nacional, a negligência do Estado é tamanha que não há dados oficiais sobre os assassinatos. Os dados apresentados neste presente trabalho, são referenciados do “Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017”, produzido pela ONG Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), e publicado em 2018. O levantamento desse mapa foi feito a partir de pesquisa em matérias de jornais e mídias vinculadas na internet, de forma manual, e através de grupos específicos que enviam informações através da rede de afiliadas da associação (ANTRA, 2018, p.12).

No ano de 2017 ocorreram 179 assassinatos de pessoas trans, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens trans - lembrando da subnotificação desses dados. Destes, foram encontradas notícias de que apenas 18 casos tiveram os suspeitos presos, representando 10% dos casos (ANTRA, 2018, p.14).

Desses dados, o estado de Minas Gerais é o que tem o maior número absoluto, com 20 assassinatos. Em segundo a Bahia, com 17 casos, São Paulo e Ceará, com 16 assassinatos. O Paraná aparece com 8 crimes. Em último, Acre, Amapá, Piauí, Rio Grande do Norte e Roraima, com uma morte em cada (ANTRA, 2018, p.14).

Transformando em números proporcionais ao tamanho da população de cada estado, o ranking se altera com a Paraíba em primeiro lugar com 2,5 casos por milhão de habitantes, Alagoas em segundo (2,02/milhão) e Tocantins em terceiro (2,0/milhão). O Paraná se encontra em 15º, empatado com o Distrito Federal, com 0,67 assassinatos por milhão de habitantes (ANTRA, 2018, p.15).

A maior concentração dos Assassinatos foram contabilizados na região nordeste, com 69 assassinatos (39% dos casos), seguido da Região Sudeste com 57, Norte e Sul com 19 casos e Centro-Oeste com 15 assassinatos (ANTRA, 2017, p.16).

O Mapa aponta que 67,9% das vítimas tinham entre 16 e 29 anos, caindo para 23% entre aquelas de 30 a 39 anos, 7,3% entre 40 e 49 anos, e para 1,8% acima dos 50 anos. Esses números apontam que os índices mais altos de assassinatos estão relacionados à menor faixa etária, ou seja, quanto mais jovem mais suscetíveis a violência e a mortandade (ANTRA, 2018, p.17).

Através desses dados, chega-se à estimativa de que a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada no Brasil, e que a idade média dessas vítimas é de 27,7 anos (ANTRA, 2018, p.16).

Quanto ao gênero das vítimas, a maioria absoluta de 169 dos casos de assassinatos foram contra pessoas do gênero feminino, representando 94% do total

(ANTRA, 2017, p.19). Visto isso, as travestis e mulheres transexuais constituem um grupo de alta vulnerabilidade à violência. Apesar de não haver estudos sistemáticos sobre a expectativa de vida dessa população, Antunes (2013) afirma que a expectativa de vida dessa população seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira em geral, é de 74,9 anos (IBGE 2013).

De acordo com dados levantados pela ANTRA, 90% da população de travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência. Esse dado exorbitante deve-se principalmente à grande dificuldade de inserção no mercado de trabalho formal que essas pessoas enfrentam devido à discriminação e preconceito, além da deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social, familiar e escolar (ANTRA, 2018, p. 18).

Essa população enfrenta rejeição desde cedo em sua vida. A ANTRA estima que 13 anos é a idade média em que transexuais e travestis são expulsas de casa pelos pais, e dados do Projeto Além do Arco-Íris/AfroReggae revelam que cerca de somente 0,02% estão na universidade, 72% não possuem o ensino médio e 56% o ensino fundamental (ANTRA, 2018, p. 18).

Dentro desse cenário encontramos a maioria esmagadora das vítimas de assassinatos. Essas pessoas que recorrem à prostituição por falta de oportunidades e acabam se deparando com uma situação de extrema vulnerabilidade social, expostas aos maiores índices de violência, agressões físicas e psicológicas, visto que 70% dos assassinatos foram direcionados às profissionais do sexo, e 55% deles aconteceu nas ruas (ANTRA, 2018, p.18).

Além de todo os preconceitos e dificuldades enfrentados ao longo da vida só pelo fato de não se identificarem com o gênero atribuído ao órgão genital com o qual nasceram, as travestis e transexuais que se prostituem ainda sofrem com a desqualificação dessa profissão por valores sociais pautados em dogmas religiosos, considerando-as imorais perante a sociedade (ANTRA, 2018, p. 18).

Essa população acaba se tornando vulnerável e exposta a crimes de ódio por parte de grupos hegemônicos. Essa prática de atos lesivos é ocasiada pela intolerância contra aquelas pessoas diferentes do padrão considerado “normal” pela maioria, sendo violentadas física ou moralmente (VECCHIATTI, 2018, p. 67).

O que diferencia os crimes de ódio dos crimes em geral é a sua motivação. Eles são praticados contra determinadas pessoas em razão da intolerância do agente contra a vítima e seu grupo social, ou seja, são frutos do preconceito e discriminação.

Esse é o caso da transfobia e homofobia, onde pessoas sofrem violências (físicas e morais) e discriminações (diretas, indiretas, institucionais, etc) simplesmente pela sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. Considerando os crimes de ódio mais graves que os crimes comuns, é estarrecedor o fato da inexistência de uma legislação que criminalize a LGBTQIfobia (VECCHIATTI, 2018, p. 72).

Esses crimes geralmente são associados com agressão física, tortura, espancamento e facadas. Assustadoramente, em 85% dos casos os assassinatos foram apresentados com requintes de crueldade como uso excessivo de violência, esquartejamentos, afogamentos e outras formas brutais, o que denota o ódio presente nessa violência (ANTRA, 2018, p. 21).

Historicamente, a população transgênero é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade. Em nosso país, essa exclusão é ainda mais extrema: esses cidadãos e cidadãs ainda têm de lutar muito para terem garantidos os seus direitos fundamentais, tais como o direito a vida, ameaçado cotidianamente. Ainda há muito a ser percorrido na nossa sociedade para que as pessoas transexuais e travestis tenham um mínimo de respeito e dignidade (JESUS, 2012, p.11).

2.2.1 Propostas de Ações da ANTRA

A partir dos levantamentos desses dados, o ANTRA faz uma proposta de ações em 10 tópicos, com metas a serem construídas, apoiadas e desenvolvidas em parcerias com o poder público, com o objetivo de combater a violência contra a população de travestis e transexuais no Brasil.

Abaixo serão resumidas as 10 propostas de ações, que podem ser encontradas nas páginas 29 e 30 do Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017 (ANTRA, 2017).

1. Efetivação da criminalização, qualificação e tipificação de crimes cometidos por discriminação contra a população LGBTIQ, possibilitando: trazer visibilidade para o contexto de violência extrema que essa população enfrenta; incentivar denúncias; possibilitar um efetivo levantamento de dados dos crimes; determinar padrões de procedimentos investigativos; coibir a impunidade.

2. Realização de campanhas efetivas e regulares de combate da LGBTfobia, divulgando ações através de meios gráficos em locais públicos e de sociabilidade da população.

3. Garantia de atendimento das Travestis e Mulheres Transexuais em todas as Delegacias Especializadas de Atendimento a Mulher (DEAM) e o devido enquadramento na Lei Maria da Penha em casos de violência doméstica.

4. Criação de um canal de denúncias específico para crimes e violações contra a população LGBTIQ.

5. Capacitação dos agentes, operadores e pessoas que compõe os órgãos de segurança pública sobre como lidar em casos de violência e violações contra a população LGBTIQ.

6. Garantia do registro da motivação do crime de LGBTfobia nos registros de ocorrência, distinguindo o tipo (Lesbofobia, Homofobia, Transfobia, etc), bem como o nome social e a identidade de gênero das vítimas para um levantamento de dados mais eficaz e uma divulgação na mídia mais respeitosa.

7. Incentivo à criação um GT de segurança pública nas esferas Federais, Estaduais e Municipais para discutir ações de segurança específicas para a população LGBTI.

8. Instituição de um conselho estadual LGBT+ para monitorar e cobrar a efetivação destas ações.

9. Comunicação direta com as Organizações de Travestis e Transexuais, sobre as questões inerentes as profissionais do sexo a fim de que possa melhorar sua segurança durante o exercício de suas atividades.

10. Garantia de que Hospitais, IML e demais órgãos que atendam casos violência, incluam campos contendo a motivação, a orientação sexual e identidade de gênero nos prontuários e registros de todos os casos.

Essas propostas atendem a problemática específica de garantir segurança a essa população, mas vale ressaltar que a violência física não é o único problema enfrentado, e sim, parte de um quadro geral muito maior de dificuldades que essas pessoas lidam. Esse trabalho têm como objetivo se utilizar da arquitetura como ferramenta para oferecer uma plataforma em que essas vidas sejam respeitadas e tratadas de maneira digna, como a de qualquer ser humano deveria ser.

2.3 ARQUITETURA COMO AGENTE PROTETOR

O preconceito, a vulnerabilidade à violência, a falta de oportunidades, e todas as outras dificuldades enfrentadas pela população trans servem de argumento para a pertinência de um projeto que lhe sirva de segurança e apoio. Este capítulo apresentará teorias da arquitetura, principalmente sobre a sua origem, que mostram a importância da disciplina em atuar como agente protetor dos seres humanos.

São várias as teorias sobre a invenção da arquitetura. Uma das mais conhecidas é o mito da cabana primitiva, invocado pela primeira vez por Vitruvius (Marcos Vitruvius Polião, séc. I a.C.), autor de uma das primeiras e mais importantes obras literárias sobre o assunto, de título "De Architectura", que serviu de base para muitos estudos posteriores (CERVICINI, 2004, p. 65). A partir disso, muitos teóricos desenvolveram o tema da cabana primitiva ao estabelecer as origens da arquitetura, alguns serão pontuados a seguir.

Existem várias especulações acerca da moradia mais primitiva do homem como abrigo artificial. De acordo com Viollet-Le-Duc (1814-1879), nos primórdios da humanidade, o homem errante andava desprotegido sobre a face da terra, vulnerável aos fenômenos naturais e ao ataque de animais perigosos, e a invenção do abrigo se dá nesses momentos de busca à proteção (CERVICINI, 2004, p. 65).

Para o homem primitivo inventar o abrigo artificial ele teve que se conscientizar da própria insuficiência do meio natural (SILVA, 1994, p. 106). Muito além das cavernas naturais, cabanas e abrigos no alto das árvores parecem ser as formas mais elementares de habitação do homem. Assim, conclui-se que os abrigos primordiais derivaram-se de experiências, e destas experiências derivou o conhecimento da arquitetura (SILVA, 1994, p. 111).

Jacques-Francois Blonde, no seu livro "Cours d'Architecture" (1771) escreve que perante essas dificuldades do meio ambiente, os homens foram se refugiando, construindo choças e cabanas com materiais provenientes da natureza: juncos, canas, ramos de árvores, folhas, cortezas e barro (MIGUEL, 2002).

Partindo desta premissa, Leon Batista Alberti (1404-1472) afirma que o princípio básico da arquitetura está nas paredes e no teto: fecha-se o invólucro protetor, que diferencia o espaço amplo e espaço fechado. Desta maneira o homem designa a si mesmo como escada do seu espaço. Para Alberti, a união de paredes e

teto é o princípio da “congregação dos homens”. Em seu livro “De re aedificatoria” (1485), coloca que o ser humano primitivo buscou um espaço sossegado e seguro, e aliando à sua necessidade, assentou-se ali (MIGUEL, 2002).

Banister Fletcher (1866-1953), no livro “A history of architecture” (1896), define a origem da arquitetura de uma maneira simples: o esforço primitivo da humanidade para alcançar uma proteção contra a severidade do tempo, animais selvagens e os inimigos humanos. Frank Lloyd Wright (1867-1959) trata de maneira similar, apontando a casa como origem do refúgio, um abrigo no qual o ser humano busca amparo para proteger-se da chuva, do vento e da luminosidade intensiva. Nesse seu espaço pode recolher-se e sentir-se em segurança completa, comparado à um animal em sua toca (MIGUEL, 2002).

Em seu livro “Por uma arquitetura”, Le Corbusier (1887-1965) explana conceitos muito importantes, definindo que a função do arquiteto é a de “empregar os elementos suscetíveis de atingir nossos sentidos” (LE CORBUSIER, 1994, p. 7), porque “a arquitetura é um fato de arte, um fenômeno de emoção, fora das questões de construção, além delas. A construção é para sustentar; a arquitetura é para emocionar” (LE CORBUSIER, 1994, p. 10). Ele retoma a idéia do mito da cabana e do homem primitivo, porém, de acordo com ele, “não há homem primitivo; mas meios primitivos. Potencialmente, a idéia é constante desde o começo” (LE CORBUSIER, 1994, p. 49).

Isso significa que séculos se passaram e nossos meios evoluíram através do avanço da tecnologia, porém, ainda somos os mesmos seres humanos, e ainda baseamos o ato de nos abrigar na necessidade por segurança e proteção. Esse é o cerne da arquitetura.

Nos encontramos na necessidade de um ambiente de contenção e sustentação, para que o sujeito instale-se no mundo através de sua capacidade de elaboração imaginativa (CERVICINI, 2004, p. 63). Portanto, a arquitetura responde como “tentativa de proteção física diante de um desamparo psíquico inerente à constituição humana” (CERVICINI, 2004, p. 69).

Ao fazer um paralelo dessa síntese da origem da arquitetura com o tema do presente trabalho, depara-se diante de situação semelhante: um grupo de seres humanos extremamente expostos à fatores externos, que se encontram em perigo e em medo constante de “predadores” - representados pelo preconceito, intolerância, e pelos dados chocantes de violência contra travestis e transexuais.

Nessa situação estarrecedora, a arquitetura surge como uma manifestação física de uma instituição social, possibilitando a proteção dessa população em situação de grande vulnerabilidade. O ambiente construído poderá trazer segurança e acolhimento para essas pessoas, além do sentimento de esperança de uma realidade melhor.

2.3.1 Noções de Psicologia Ambiental

Tendo em vista a importância dessa relação entre o público alvo e o ambiente construído, este capítulo apresentará breves noções de Psicologia Ambiental, apontando seus conceitos e sua importância.

A Psicologia Ambiental é uma área derivada da Psicologia que estuda a pessoa em seu contexto, tendo como objeto central de estudo as inter-relações e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. (MOSER, 1998, p. 121)

Essa inter-relação é dinâmica, tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos – os indivíduos agem sobre o ambiente (por exemplo, construindo-o), mas esse ambiente, por sua vez, modifica e influencia as condutas humanas. Uma relação que se mostra recíproca. Portanto, a Psicologia Ambiental analisa como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, quais os efeitos que este ambiente está causando nele (MOSER, 1998, p. 122).

Esses efeitos podem ser diferentes para cada um: nós avaliamos e temos atitudes individuais em relação ao ambiente físico e social em que estamos inseridos. Isso acontece porque as dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, ou seja, trazemos nossa bagagem pessoal perante essa avaliação. A percepção que temos do espaço físico também influenciam na nossa

maneira de atuar: interagimos diferentemente dependendo do local. (MOSER, 1998, p. 123)

A Psicologia Ambiental é um campo nitidamente multidisciplinar, envolvendo, além da Psicologia, outras áreas como Geografia, Sociologia, Antropologia, entre outras. Nesse quesito, existem também relações estreitas evidentes com a Arquitetura e Urbanismo e o design – especialmente nas etapas do processo projetual do ambiente construído: planejamento, programação de necessidades e formulação de alternativas de projetos, etapas em que o indivíduo usuário é o centro do espaço “em fase de concepção”; ou seja, um dos focos do problema a ser resolvido é o nível de satisfação e atendimento das necessidades desse indivíduo (ORNSTEIN, 2005, p. 159).

Na esfera da Arquitetura, esse nível de satisfação é um ponto muito importante a ser analisado. A preocupação com a percepção dos usuários com as intervenções em termos de espaço construído e paisagem, propicia uma elaboração de propostas mais centradas no indivíduo e/ou social e nos impactos ecológicos das interferências realizadas (ELIALI, 1997, p. 351).

Alimentada pelas Psicologia e pela Arquitetura, porém relativamente independente destas, a Psicologia Ambiental utiliza-se da soma entre o conhecimento psicológico e o arquitetônico para alimentar a produção de um ambiente mais humanizado e ecologicamente coerente. Desempenha o papel de “ponte” entre as áreas e possibilita as necessárias trocas, enriquecendo ambas através da soma de conceitos, experiências e métodos de trabalho (ELIALI, 1997, p. 352).

Pouco contribuiremos socialmente se continuarmos a enfrentar cada problema isoladamente, esquecendo que o principal objetivo da edificação deve ser garantir a qualidade de vida da população. Tendo isso em vista, o edifício deixa de ser encarado apenas a partir das suas características físicas construtivas e passa a ser avaliado e discutido enquanto espaço “vivencial”, sujeito à ocupação, leitura, reinterpretação e/ou modificação pelos usuários. Portanto, junto ao estudo de aspectos construtivos e funcionais do espaço construído, acrescenta-se a análise comportamental e social, elementos essenciais à sua compreensão (ELIALI, 1997, p. 353).

Pesquisas na área de Psicologia Ambiental investigam as propriedades que os ambientes, naturais ou construídos, possuem para disparar processos restauradores do ponto de vista psicológico e fisiológico, os quais são desencadeados por determinados contextos ou configurações ambientais. Esses são conhecidos por

ambientes restauradores. A exposição a esses espaços pode contribuir para o bem-estar e a prevenção de doenças, bem como o alívio de agentes estressores (KUHNNEN & PUFF, 2014, p. 37).

Em relação às teorias de restauração, existem duas abordagens nas pesquisas feitas pelos Kaplan & Kaplan (1989; 1995), sintetizadas a seguir:

"Teoria da Recuperação do Estresse: Defende a ideia de que nossa resposta inicial acerca de um ambiente é de natureza afetiva e generalizante – “gosto, não gosto”, e ocorre de forma não-consciente. Respostas de afeto positivo surgem quando o ambiente apresenta componentes específicos como vegetação, texturas e ambientes sem ameaças. Estes elementos incitam o processo restaurador ao promover um descanso do estresse, diminuição do grau de excitação e sentimentos negativos associados ao medo. Caso a cena proporcione interesse suficiente, um processo cognitivo sobre o ambiente pode surgir, resultando numa experiência restauradora mais consciente e deliberada.

Teoria de Restauração da Atenção: Baseia-se na ideia de que as pessoas possuem capacidades limitadas de direcionar sua atenção a algo que não seja interessante por si só. A sobrecarga da capacidade executiva de inibir estímulos provoca sintomas de fadiga mental. Apesar de os ambientes naturais serem mais eficazes na redução dos efeitos da fadiga mental, ambientes construídos também são capazes de produzir resultados semelhantes. Entende que o ambiente pode inibir os efeitos da fadiga mental através de quatro atributos: Escape, Escopo, Fascinação e Compatibilidade." (KAPLAN & KAPLAN, 1989; 1995, apud KUHNNEN & PUFF, 2014, p. 38).

Também de acordo com os Kaplan & Kaplan (1989; 1995), para o ambiente ser considerado restaurador necessita de quatro características principais (apud KUHNNEN & PUFF, 2014, p. 39):

1) Escape: refere-se tanto à distância física quanto à conceitual, ou seja, está ligado ao fato de se deslocar a lugares diferentes no dia a dia, ou algum escape conceitual – uma janela com vista interessante, um quadro ou fotografia.

2) Escopo: o ambiente deve ter escopo suficiente para engajar a mente, considerando-se assim restaurador. O escopo refere-se à sensação de estar em contato ou perceber o mundo ao seu redor, e à sensação de união, pertencimento e também espaço para futura exploração.

3) Fascinação: denomina-se o estímulo fascinante aquele que desperta atenção involuntária ou que não requer muito esforço em captar, sentir-se conectado ao lugar, proporcionando uma despreocupação e segurança, e então, a atenção direcionada estará desligada.

4) Compatibilidade: enfatiza o nível de conformidade entre o o ambiente e o que o sujeito deseja realizar naquele momento.

Nesse contexto também encontramos a clássica obra do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Ele apresenta o conceito de “topofilia”, um neologismo que inclui todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, sendo esses laços superficialmente estéticos até o profundo sentimento de pertencimento. “Quando a topofilia é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 1980, p. 107). Também segundo ele, a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar (1980, p.114).

Com todos esses conceitos em mente, é de suma importância para o projeto proposto a preocupação com a satisfação do público alvo, oferecendo-lhe um ambiente construído que transmita sensações de segurança, acolhimento e amor, além da funcionalidade. Também garantir a aplicação das características de um ambiente restaurador, promovendo assim um descanso do estresse e do medo. Que o produto final seja percebido como um símbolo de resistência e esperança, e que toda a consciência do passado dos indivíduos usuários – que na grande maioria das vezes é preenchido com muita luta e muita dor – transforme-se em um sentimento de pertencimento.

3 ESTUDOS DE CASO

Este capítulo apresentará uma seleção de projetos arquitetônicos analisados com o objetivo de proporcionar um maior embasamento na elaboração do programa de necessidades, soluções projetuais e sistemas construtivos. Contudo, é importante destacar que, nesse quesito, não existe projeto arquitetônico de grande referência com a mesma proposta do presente trabalho. Exemplos dessas instituições de apoio existem e seguem atuantes, porém, geralmente, são localizados em espaços alugados, adaptados ou improvisados, não tendo seus projetos arquitetônicos publicamente disponíveis.

Com isso em mente, serão apresentados quatro estudos de caso, com o primeiro sendo uma compilação de instituições brasileiras de programas análogos, não obstante, sem seus desenhos técnicos disponíveis. Para efeito de comparação com instituições que tem a mesma proposta e atendem o mesmo público alvo, será feita uma análise através das informações e fotos publicadas. As outras três referências apresentadas serão um destrinchamento dos três setores categorizados do projeto proposto, sendo analisadas uma referência para cada: apoio psicológico e clínico, apoio moradia e apoio reinserção social.

3.1 CASAS DE ACOLHIMENTO LGBTQI NO BRASIL

Quando se trata de orientação sexual ou identidade de gênero, o próprio lar pode ser um espaço tão cruel quanto o mundo lá fora: parcela da população LGBT+ é expulsa de casa, muitas vezes até com pouca idade. Diante de muitas histórias de pessoas que acabaram sem ter onde morar apenas por expressarem quem são, organizações ou até mesmo militantes trabalhando sozinhos se espalham pelo Brasil, com muita dificuldade, organizando casas de acolhimento que, às vezes, funcionam sob o próprio teto (MAIA, 2017, p. 1). Neste capítulo serão apresentados alguns exemplos de referência nacional desses espaços acolhedores.

O principal exemplo a ser apresentado se encontra na cidade de São Paulo. A Casa 1 é um centro de cultura e república de acolhimento para LGBTs em situação

de risco, inaugurada oficialmente no dia 25 de janeiro de 2017. A idealização do projeto começou quando o jornalista Iran Giusti percebeu que era corriqueira a situação de pessoas sendo expulsas de casas após comunicarem suas orientações sexuais aos pais. A partir disso, ele ofereceu em sua rede social acolhimento em sua própria casa. Após receber dezenas de mensagens, Iran notou a grande demanda nesse assunto e iniciou este projeto (PANERARI, 2017, p. 1).

A idealização saiu do papel graças à uma campanha de arrecadação de dinheiro pela internet, o qual foi usado para manutenção da casa e para o aluguel do primeiro ano. Atualmente a casa conta com uma rede de voluntários que contribuem no acompanhamento psicológico, atendimento médico, nas doações ou atuando como professores para cursos que são oferecidos. Os próprios moradores são responsáveis pela comida, limpeza e cuidados com a casa, que funciona como uma república (PANERARI, 2017, p. 1).

A Casa 1 abriga, por até três meses, LGBTs expulsos de casa. A capacidade máxima é de 20 vagas, e 14 estão atualmente ocupadas. Segundo Iran, a procura é grande por parte de jovens de 18 a 24 anos, de origem periférica. Além do abrigo, a casa também oferece aos moradores atividades culturais, também abertas ao restante da sociedade, como laboratórios de criação, aula de dança e teatro, curso de idiomas, curso preparatório para o ENEM e atendimentos psicossociais. E ainda além de tudo isso, oferece assistência e doações a moradores em situação de rua da região (LISBOA, 2017, p. 1).

O principal intuito do projeto é proporcionar aos residentes oportunidades que geralmente lhes são negadas por conta do preconceito. Em entrevista para a Revista Glamour online, o fundador explica seus objetivos: "Acolher é mais do que oferecer um teto, é também trazer oportunidades e socialização para a vida dessas pessoas e, por isso, a Casa 1 será também um centro cultural e um espaço de palestras, cursos e workshops, tanto para os moradores quanto para o público em geral" (2016, p. 1).

Tratando-se do espaço físico que oferece esses serviços, existem duas estruturas principais: o Sobrado Casa 1 e o Galpão Casa 1. Ambos se localizam no distrito Bela Vista, na região central de São Paulo e são espaços alugados.

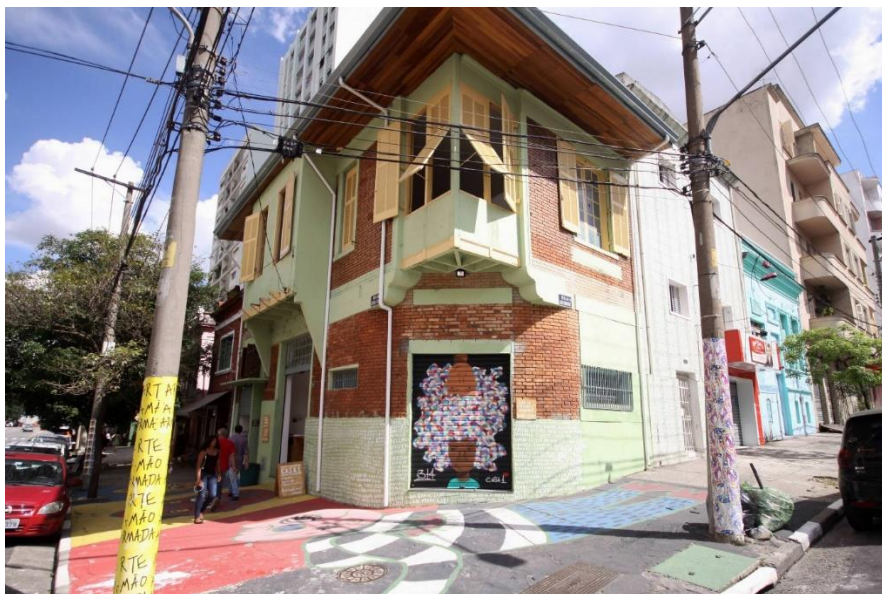


Figura 5 – Fachada da Casa 1 (Casarão).

Fonte: Casa 1 (2017).

O primeiro é um casarão (Figura 5) onde se encontra o espaço de residência para 20 moradores e moradoras, além de uma biblioteca, um centro de convivência e um centro de acolhida e distribuição de produtos de higiene pessoal e roupas para pessoas em situação de rua, que atende mensalmente 900 pessoas.



Figura 6 – Cômodos do Casarão.

Fonte: Casa 1 (2017).

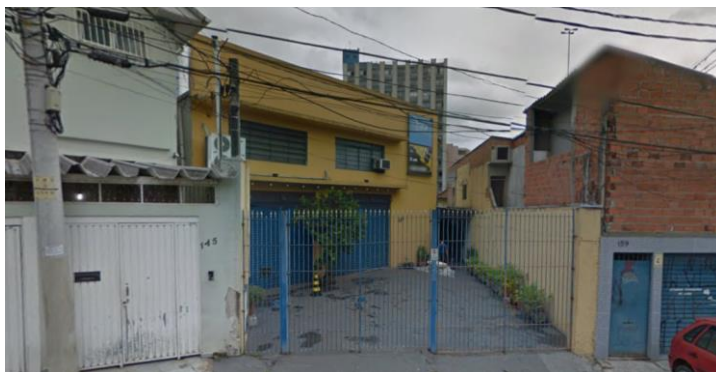


Figura 7 – Fachada do Galpão Casa 1

Fonte: Google Street View (2016).

O outro espaço é o Galpão Casa 1 (Figura 7), onde é concentrada basicamente toda a programação cultural, composto por 2 salas de aula, 1 grande salão multiuso e 1 ateliê de artes plásticas com oficinas de pintura e escultura. Além disso o espaço contempla 3 salas de atendimento para advogados, médicos e psicólogos que atendem os moradores da casa, e 1 grande quintal onde ocorrem feiras e eventos.

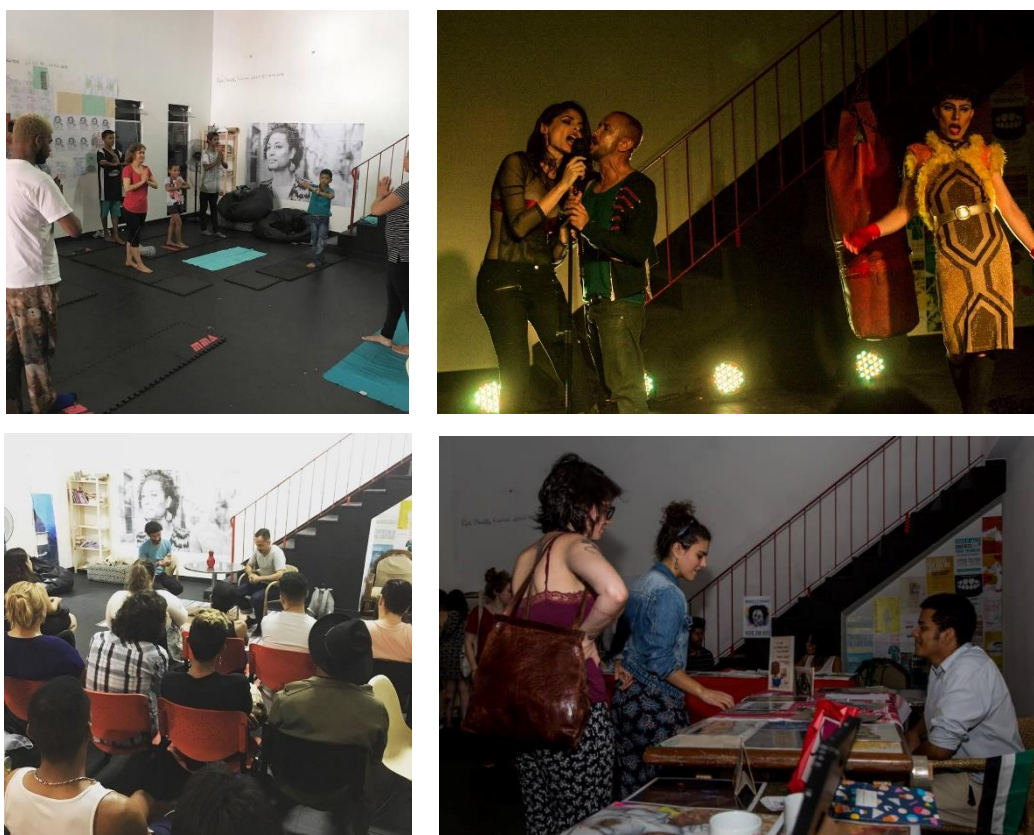


Figura 8: Diversidade de usos para o mesmo espaço no Galpão Casa 1: aula de yoga (esq. sup.), apresentação de performances (dir. sup.), palestra (esq. inf.), feira (dir. inf.).

Fonte – Página Casa 1 no Facebook (2018).



Figura 9 – Evento no quintal do Galpão Casa 1.

Fonte: Página Casa 1 no Facebook (2018).

Todos esses espaços foram adaptados e organizados dentro do espaço disponível e dentro da realidade alcançável dos envolvidos, que enfrentam muitas dificuldades, principalmente financeiras.

A Casa Nem, outra referência nacional, foi fundada em 2016 e está localizada no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, servindo como casa de passagem, abriga 35 pessoas no momento, já tendo recebido mais de 65 ao mesmo tempo e ainda atende 250 pessoas em situação de rua com refeições. A Casa atende a população LGBT+ em geral, porém seu público é composto quase inteiramente por travestis e transexuais. Com ações educacionais e profissionalizantes, o abrigo sobrevive com doações e a renda de eventos (MAIA, 2017, p. 1).

Por meio de oficinas, debates, festas e shows, o espaço empodera o público LGBT+ em situação de vulnerabilidade social e serve de referência. O local oferece atividades focadas na autonomia e cultura, como o PreparaNem, um cursinho preparatório para o ENEM, voltado também para o público em geral, ideia que agora já alcança novos horizontes no Rio (NUNES, 2017, p. 1).



Figura 10 – Alunas do curso de costura na Casa Nem.

Fonte: RIOetc (2016).

Celebrando a diversidade, o espaço também oferece aulas de costura, fotografia, história da arte, libras e yoga, todas ministradas por voluntários, voltadas ao público transexual, travesti e aos demais que sejam simpatizantes. O objetivo é acolher as pessoas até que estas tenham a vida reestruturada e cedam o espaço para outras, oferecendo plataformas que proporcionem melhores oportunidades de vida (NUNES, 2017, p. 1).

A casa é autossustentável, não recebe financiamento do governo, e trabalha com doações de alimentos, móveis e dinheiro. No térreo, o local conta com um bar e realiza sessões de cinema e festas sobre a cultura LGBT+, atividades que ajudam a pagar as contas (BOECKEL, 2016, p. 1).

Outro exemplo é a ONG Transvest, que realiza um trabalho filantrópico em Belo Horizonte (MG) que começou em 2016 com oferta de aulas preparatórias para o ENEM, e hoje o projeto cresceu e também serve como casa de passagem. A Casa Transvest ainda funciona em caráter experimental e no momento consegue abrigar apenas sete pessoas. A procura por vagas é alta, portanto o projeto tem objetivo de aumentar as vagas. Em comum, as hóspedes trazem as marcas de terem sido expulsas de casa ainda na adolescência: não terminaram o ensino fundamental e não conseguiam trabalho. Por isso, estudar no projeto é uma condição para a estadia na Casa Transvest (LISBOA, 2017, p. 1).



Figura 11 – Sala de aula da ONG Transvest.

Fonte: Página TransVest no Facebook (2017).

A Tranvest oferece para a população trans de Belo Horizonte palestras sobre as culturas LGBTQ+, oficinas artísticas, pré-vestibular, supletivo, curso de libras e cursos de línguas (inglês, francês, espanhol e italiano). O projeto não tem nenhum apoio do governo. Todas as atividades são gratuitas e todos profissionais envolvidos trabalham exclusivamente de forma voluntária, incluindo professores de todas as áreas de conhecimento, psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais (TRANSVEST, 2017, p. 1).

Além desses casos apresentados, existem outros como a CasAmor em Aracaju (SE), a Casinha no Rio de Janeiro (RJ), e a Casa de Missão Amor Gratuito em Maringá (PR). Todos eles oferecem moradia para o público LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade, além de promoverem oportunidades de reinserção social. É notável a mudança que esses casos de sucesso trazem para a vida dessas pessoas, além dos processos profissionalizantes, eles trazem empoderamento e orgulho da identidade dessa população, e uma desconstrução da violência que traziam em si, transformada através de afeto e educação (LISBOA, 2017, p.1).

Percebe-se que todos os projetos foram iniciados recentemente, em média há 2 anos. Isso mostra que o assunto está em alta e sendo discutido pela sociedade, e que essas pessoas, antes marginalizadas e invisibilizadas começam, aos poucos, a ganhar algum espaço e alguma chance de inserção social. Mesmo com recursos limitados e espaços físicos não tão favoráveis, passando por adaptações e improvisações, esses projetos já conseguem fazer uma diferença. Com destaque para

grande demanda em todas as cidades que começaram esses trabalhos, os exemplos se mostram uma conquista para a comunidade LGBTQI, especialmente para as travestis e transexuais, e reforçam a pertinência deste presente trabalho.

3.2 CLÍNICA SAYANOMOTO

- Arquiteto: Kentaro Yamazaki
- Localização: Saga, Japão
- Ano do projeto: 2014
- Área construída: 305,60 m2



Figura 12 – Clínica Sayamamoto.

Fonte: ArchDaily (2017).

O projeto é uma clínica de saúde mental em Saga, especializada no tratamento de pacientes com demência. Assim como em outros lugares, o envelhecimento da população de Saga criou uma maior necessidade de atenção médica para os idosos (ARCHIDAILY, 2017, p.1).

O principal partido do projeto é que o espaço de espera ao atendimento também seja um espaço de convivência e de aprendizagem para os pacientes que vivem com demência e suas famílias que os acompanham. Este espaço de "aprendizagem" não tem a intenção de tratar diretamente a doença, mas proporcionar aos visitantes um ponto de partida para fazer frente à condição da demência. Mediante a criação deste

espaço no qual os pacientes podem interagir com os funcionários e as famílias, buscase uma conexão das pessoas através da aprendizagem (ARCHIDAILY, 2017, p.1).

Essa convivência com outras pessoas que passam pelo mesmo problema se mostra saudável, e trazendo para o tema do presente trabalho, é pertinente um uso similar, criando, em um espaço que seria apenas de espera, um lugar de troca de experiências e criação de uma rede de acolhimento, principalmente se tratando de apoio psicológico.

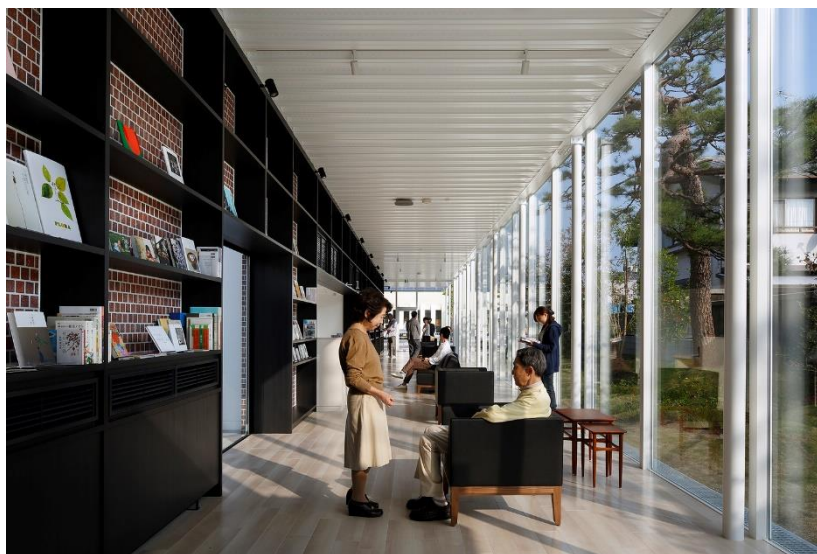


Figura 13 – Espaço de espera e convivência.

Fonte: ArchDaily (2017).

Possui uma estante de trinta metros que contém livros ilustrados (Figura 13), passando pela parede desta sala. O outro lado deste espaço é aberto visualmente para um jardim ao ar livre, desenhado para recriar a paisagem dos campos de arroz e montanhas utilizando a flora local (ARCHIDAILY, 2017, p.1).

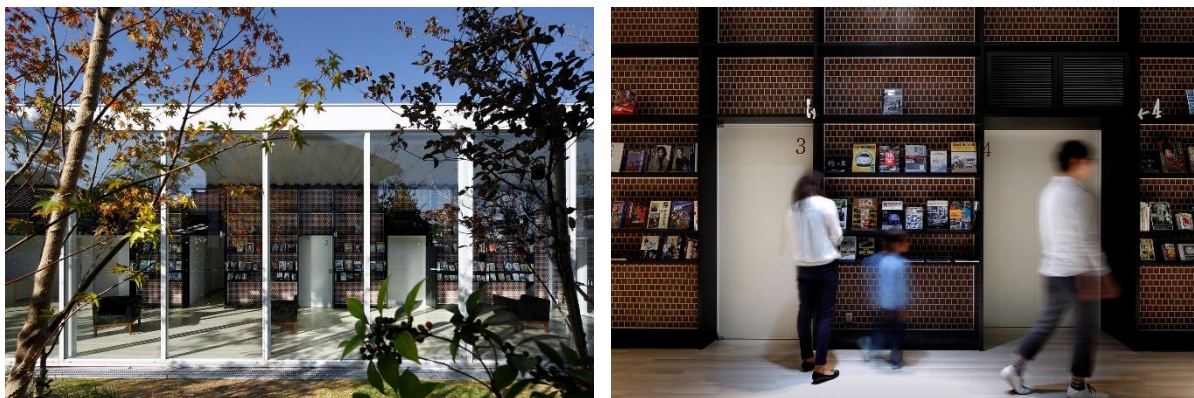


Figura 14: Transparência para jardim externo e estante de livros.

Fonte – ArchDaily (2017).

O partido da transparência para um jardim externo (Figura 14) se relaciona intimamente com a Teoria dos Ambientes Restauradores, tratada na Conceituação Temática (Ver Capítulo 2.3.1). São atendidas duas características: escape e escopo. A grande janela para um ambiente externo agradável se configura como um escape conceitual, e a sensação de estar em contato com o mundo ao seu redor explora a sensação de união e pertencimento com o lugar. O projeto se mostra como um bom e exemplo de ambiente restaurador do bem-estar.



Figura 15 – Planta Térreo.

Fonte: ArchDaily (2017), adaptado pelo autor.

Na planta do térreo (Figura 15), percebe-se um fluxo simples e bem organizado, onde o acesso de carro para estacionamento do público geral se dá por uma rua, e o acesso do estacionamento de funcionários se dá pela rua oposta; o acesso e circulação de pedestres acontece pelo lado inferior do desenho, já o acesso e circulação de funcionários é pela parte superior do desenho, separando os acessos restritos do fluxo do público em geral.

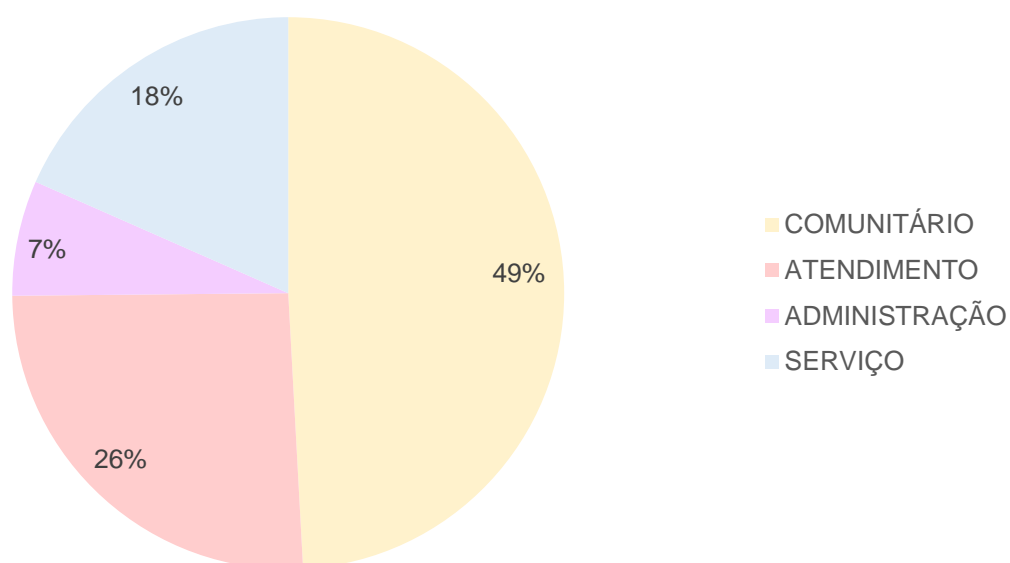
Possui apenas dois banheiros de acesso geral, e um banheiro para a administração; uma sala de escritório, e uma sala de diretor. Na parte de atendimento encontra-se: (1) duas salas de atendimento médico; (2) uma sala de terapia; (3) uma sala multiuso; (4) uma sala de observação; (5) uma sala de raio X.

Tabela 1 – Áreas Clínica Sayanomoto

| CLÍNICA SAYANOMOTO | | |
|--------------------------------|----------------------|------------------------|
| SETOR | AMBIENTE | ÁREA (m ²) |
| COMUNITÁRIO | ESPERA/CONVIVÊNCIA | 140,00 |
| | TOTAL | 140,00 |
| ATENDIMENTO | CONSULTÓRIOS (2) | 17,70 |
| | SALAS DE TERAPIA (2) | 26,45 |
| | OBSERVAÇÃO | 21,60 |
| | RAIO X | 7,50 |
| | TOTAL | 73,25 |
| ADMINISTRAÇÃO | RECEPÇÃO | 11,25 |
| | ADMINISTRAÇÃO | 8,00 |
| | TOTAL | 19,25 |
| SERVIÇO | SANITÁRIOS | 18,25 |
| | SALA FUNCIONÁRIOS | 24,40 |
| | DEPÓSITOS | 9,75 |
| | TOTAL | 52,4 |
| SUBTOTAL | | 284,90 |
| CIRCULAÇÕES HORIZONTAIS | | 20,70 |
| CIRCULAÇÕES VERTICAIS | | 0,00 |
| ÁREA TOTAL DO PROJETO | | 305,60 |

Fonte: Autor (2018).

Gráfico 1 – Proporcionalidade de Áreas Clínica Sayanomoto



Fonte: Autor (2018).

Através da Tabela 1 e Gráfico 1, é possível notar que, apesar de se tratar de uma clínica, o que se sobressai em porcentagem de área não são os consultórios e salas de terapia, que representam apenas 26% da área total, mas sim a grande metragem da sala de espera, quase 50% da edificação, que pelo partido do projeto transforma-se em um espaço de convivência entre os pacientes e acompanhantes que auxilia no bem-estar psicológico durante os tratamentos.

3.3 SHELTER HOME

- Arquiteto: Javier Larraz Arquitectos
- Localização: Navarra, Espanha
- Ano do projeto: 2010
- Área construída: 935,90 m²



Figura 16 – Shelter Home.

Fonte: ArchDaily (2011).

A construção do Shelter Home para pessoas em situação de rua, além de satisfazer as necessidades de abrigo e comida para os residentes, propõe uma oportunidade para uma melhora na qualidade de vida desse grupo excluído socialmente, cujas necessidades vão além do simples fato de achar um lugar para dormir (ARCHITIZER, 2016, p. 1).

A proposta define um volume capaz de assumir, com personalidade, a intensidade do uso a que será submetido, e ao mesmo tempo sendo flexível na sua

funcionalidade, onde a configuração de seu interior facilita a coexistência entre diferentes grupos de usuários e permite a aceitação das diferentes necessidades percebidas em um programa relativamente complexo, apesar do seu espaço limitado: banheiros, salas de jantar, oficinas ocupacionais, salas de lazer, etc (ARCHITIZER, 2016, p. 1).



Figura 17 – Fachada composta por perfis de alumínio.

Fonte: ArchDaily (2011).

Uma caixa silenciosa é proposta (Figura 17), protegendo seu conteúdo de espectadores curiosos, e adequadamente integra sua escala reduzida em um ambiente semi-urbano (ARCHITIZER, 2016, p. 1).

Sua configuração espacial possui uma distribuição extremamente racional e modulada, se aproveitando de uma área limitada para o cumprimento de um programa de necessidades complexo. Possui uma composição formal, com uma arquitetura discreta, sensível e contida, e foi idealizado para ter uma grande eficiência energética (ARCHITIZER, 2016, p.1).

Mais do que um abrigo para os moradores de rua, o Shelter Home cumpre sua função social de modo a oferecer comida para os seus usuários. Em troca, eles devem se envolver nas tarefas diárias de manutenção: limpeza, jardinagem, pintura, procurando um compromisso pessoal e positivamente focando no respeito pela nova instalação (ARCHITIZER, 2016, p.1).

É no centro do projeto onde estão localizadas as instalações e os serviços da edificação. Os espaços de convivência (quartos, oficinas, salas de jantar e de lazer) são distribuídos pelo perímetro exterior, com o objetivo de melhor aproveitamento da luz e ventilação natural (ARCHITIZER, 2016, p.1).

A fachada, composta por perfis de alumínio (Figura 17), garante a desejada privacidade dos usuários, e ao mesmo tempo determina uma zona de segurança, uma vez que o edifício se torna mais seguro e menos propenso a invasões, além de ser uma solução estética que configura a homogeneidade da construção e, ao mesmo tempo, adapta o edifício ao seu entorno (ARCHITIZER, 2016, p.1).

O edifício integra dois usuários diferentes: um serviço de abrigo e um centro de permanência média para pessoas em situação de rua. Embora os dois grupos usem simultaneamente o prédio, o projeto foi pensado de modo a não haver interferência entre esses dois fluxos, facilitando a independência funcional. Portanto foram propostos dois acessos independentes, por meio de cada uma das fachadas longitudinais opostas (ARCHITIZER, 2016, p.1).



Figura 18 – Planta Térreo.

Fonte: ArchDaily (2011), adaptado pelo autor.

O setor de média permanência é concentrado integralmente no térreo (Figura 18), composto por dez quartos duplos, instalações sanitárias atendendo ao número de quartos, uma área de estar e jantar. O setor que atende aos usuários de maior permanência, começa no térreo, contendo três quartos duplos femininos, uma sala de estar e jantar, uma oficina para as mulheres, uma sala de armários, uma lavanderia, e duas salas da parte administrativa. Além disso, o térreo conta com uma recepção que atende as duas entradas independentes, e uma sala de refeição compartilhada composta por 48 lugares, e áreas técnicas com entrada independente do complexo.



Figura 19 – Planta Primeiro Pavimento.

Fonte: ArchDaily (2011), adaptado pelo autor.

O primeiro pavimento (Figura 19) consiste no restante da área destinada ao setor de longa permanência, consistindo em quinze quartos duplos masculinos, instalações sanitárias correspondentes ao número de quartos, uma oficina (Figura 20), uma sala administrativa e uma área de estar e jantar.

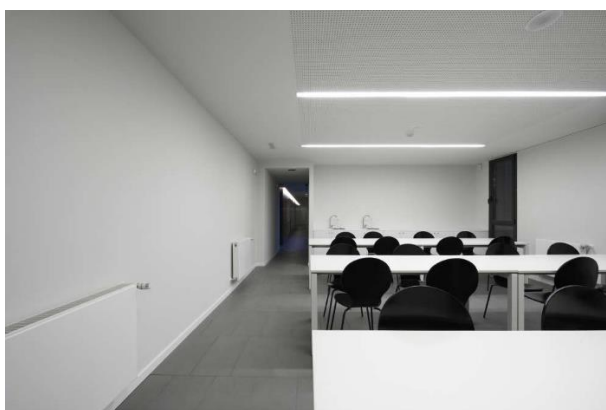


Figura 20 – Oficina do Shelter Home.

Fonte: ArchDaily (2011).

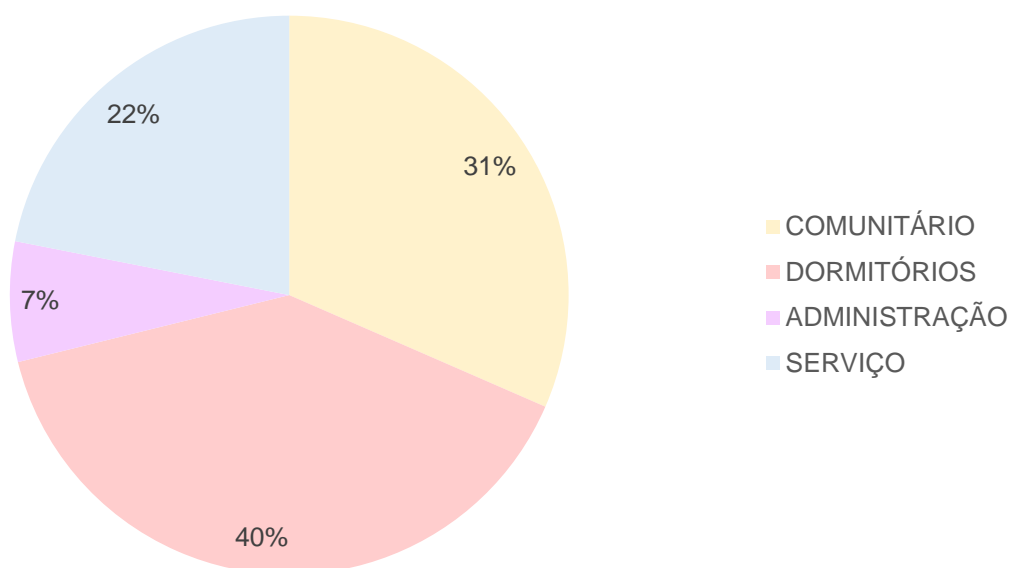
Esse projeto foi escolhido como estudo de caso devido ao atendimento a dois grupos distintos de pessoas, com fluxos independentes, distribuição que será útil nas diretrizes do projeto proposto; além do grande partido da privacidade dos usuários, que também se relaciona com a privacidade desejada do público alvo desse setor no presente trabalho, se configurando como um grupo de pessoas que está passando por um momento delicado e precisa de proteção e um sentimento de segurança.

Através desses elementos, é proporcionado ao projeto duas das características dos Ambientes Restauradores (Ver Capítulo 2.3.1): fascinação e compatibilidade. A primeira relaciona-se ao sentimento de conexão ao lugar, proporcionando uma despreocupação e segurança, e a segunda se refere à funcionalidade do lugar em relação ao seu usuário em específico.

Tabela 2 – Áreas Shelter Home

| SHELTER HOME | | |
|--------------------------------|---------------------------------------|-----------------------------|
| SETOR | AMBIENTE | ÁREA (m²) |
| COMUNITÁRIO | SALA DE ESTAR (MÉDIA PERMANÊNCIA) | 15,60 |
| | SALA DE JANTAR (MÉDIA PERMANÊNCIA) | 71,00 |
| | SALA DE ESTAR (LONGA PERMANÊN.) | 40,85 |
| | SALA DE JANTAR (LONGA PERMANÊN.) | 40,85 |
| | OFICINAS (2) | 65,90 |
| | TOTAL | 234,20 |
| DORMITÓRIOS | QUARTOS (18) (LONGA PERMANÊN.) | 189,10 |
| | QUARTOS (10) (MÉDIA PERMANÊNCIA) | 105,00 |
| | TOTAL | 294,10 |
| ADMINISTRAÇÃO | RECEPÇÃO | 11,40 |
| | ADMINISTRAÇÃO | 40,20 |
| | TOTAL | 51,6 |
| SERVIÇO | SANITÁRIOS | 68,60 |
| | LAVANDERIA | 6,00 |
| | SALA DE ARMÁRIOS | 25,75 |
| | COZINHA | 14,20 |
| | ÁREAS TÉCNICAS | 48,10 |
| | TOTAL | 162,65 |
| SUBTOTAL | | 742,55 |
| CIRCULAÇÕES HORIZONTAIS | | 174,55 |
| CIRCULAÇÕES VERTICAIS | | 18,80 |
| ÁREA TOTAL DO PROJETO | | 935,90 |

Fonte: Autor (2018).

Gráfico 2 – Proporcionalidade de Áreas Shelter Home

Fonte: Autor (2018).

Analisando a Tabela 2 e Gráfico 2, se mostram proporcionais a porcentagem de áreas do setor comunitário (31%), e de áreas dos dormitórios (40%), mostrando que, mesmo tratando-se de um abrigo temporário, não basta apenas quartos destinados à uma noite de sono, mas aliado a isso destaca-se a importância de espaços que incentivem uma convivência saudável entre os moradores, e espaços que ofereçam plataformas e oportunidades para pessoas que estão em situação precária possam melhorar de vida.

3.4 CENTRO CULTURAL DE SEDAN

- Arquitetos: Richard + Schoeller Arquitetos
- Localização: Sedan, França
- Ano do projeto: 2012
- Área construída: 1609,00 m²



Figura 21 – Centro Cultural de Sedan.

Fonte: ArchDaily (2013).

O centro cultural ocupa um local privilegiado no centro da cidade de Sedan no norte da França, às margens do Rio Meuse, conformado pelos quatro paralelepípedos suspensos, que enquadram a paisagem a partir do espaço central do auditório (ARCHDAILY, 2013, p. 1).

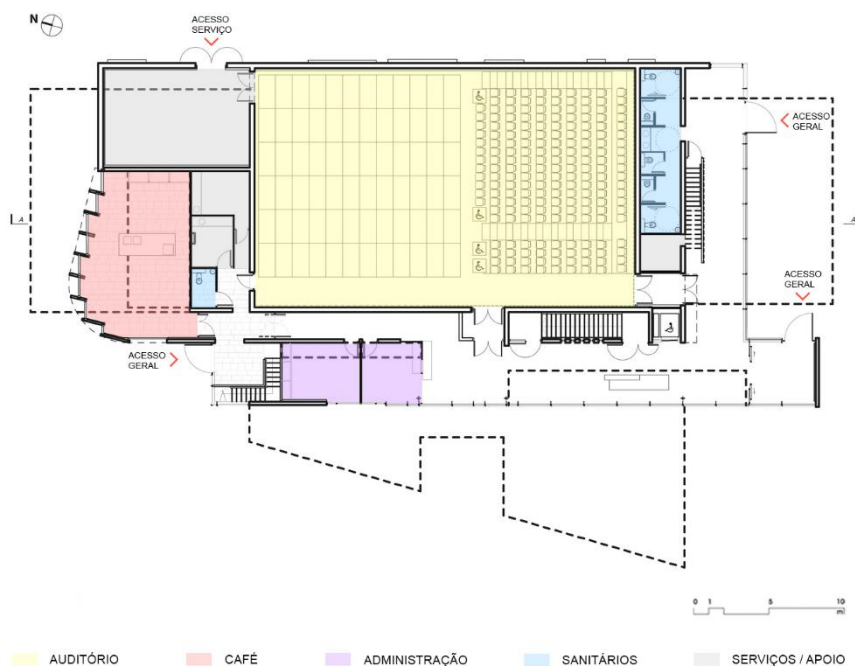


Figura 22 – Planta Térreo.

Fonte: ArchDaily (2013), adaptado pelo autor.

A edificação abre-se aos quatro lados da praça no qual está inserida. A elevação dos blocos libera o solo urbano, permitindo o passeio do olhar, abrindo a passagem entre interior do projeto e o exterior, a Praça Calonne. No térreo (Figura 22), a praça e os antigos edifícios vizinhos, o átrio, a administração e o auditório constituem uma relação dinâmica, um espaço onde a cultura se abre para a cidade. O átrio abre-se para o rio, convidando os visitantes para dentro (ARCHDAILY, 2013, p. 1).

A cozinha, localizada no térreo, funciona como um café, abrindo-se em direção à ponte sobre o Rio Meuse ao norte. Além disso, no térreo encontramos um hall para a entrada principal, voltada à fachada sul, com banheiros de acesso geral.



Figura 23 – Auditório com plateia retrátil.

Fonte: ArchDaily (2013).

Ainda no térreo, o auditório de 197 lugares (Figura 23) é, na verdade, um espaço multiuso: ele é equipado com palco e plateia retráteis, fazendo possível transformá-lo em um espaço livre com 350 m². Na parte anterior ao palco se encontram os bastidores, um grande espaço de depósito que se abre diretamente à rua, facilitando o a carga e descarga de cenários, equipamentos, etc. Também atrás do palco se encontram dois camarins e um banheiro.



Figura 24 – Estúdio de dança.

Fonte: ArchDaily (2013).

Acima, no primeiro pavimento, o estúdio de dança (Figura 24) é modulado conforme o palco, contribuindo para os ensaios. Nesse nível intermediário encontra-se também escritórios da parte administrativa e corredores que formam mezaninos, transformando o pé direito do térreo, em partes, duplo. Não se encontra disponível a planta do primeiro pavimento, entretanto, isso não prejudica por completo o entendimento do projeto, visto que as partes mais importantes a serem analisadas deste estão no térreo e no segundo pavimento.

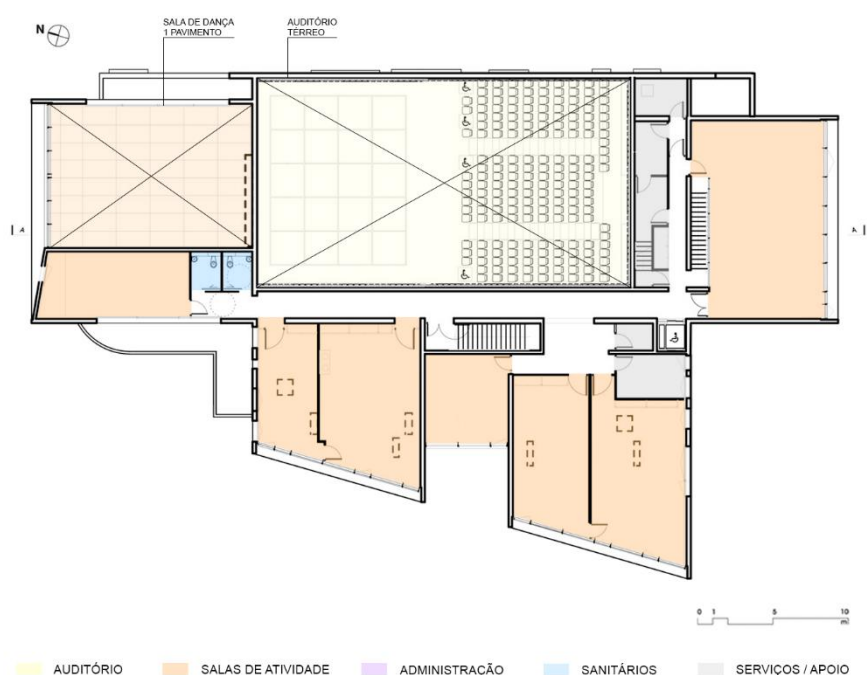


Figura 25 – Planta Segundo Pavimento.

Fonte: ArchDaily (2013), adaptado pelo autor.

Através das aberturas envidraçadas é fácil ver o que acontece no interior do segundo pavimento (Figura 25): salas de dança e expressão corporal, salas de cursos e ateliês de arte. Essa transparência cria uma relação direta de seus usuários com a paisagem externa, além de, aliado às aberturas zenitais espalhadas pelas salas, proporcionam ambientes de luz natural em abundância.

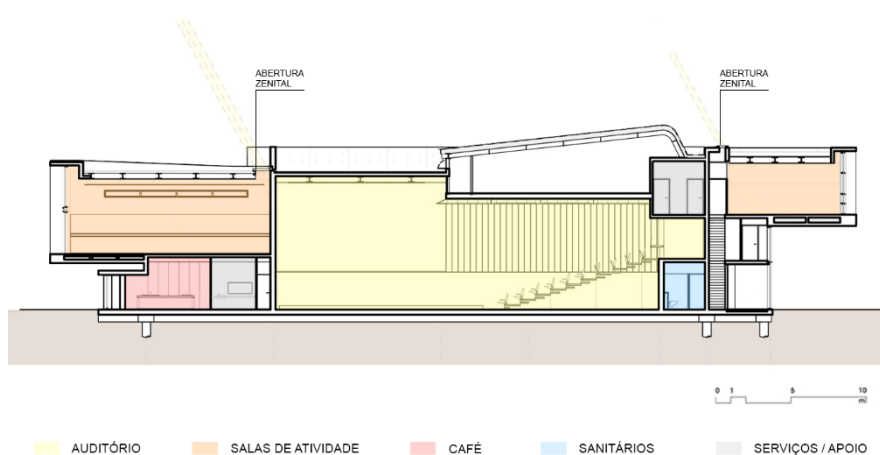


Figura 26 – Corte Longitudinal AA.

Fonte: ArchDaily (2013), adaptado pelo autor.

Com o corte (Figura 26), podemos perceber os níveis: o auditório, no térreo, com um pé direito quase triplo, o estúdio de dança, no primeiro pavimento, com um pé direito e meio, e no restante percebemos os três níveis com o pé direito simples.



Figura 27 – Centro Cultural de Sedan inserido na Praça Calonne.

Fonte: ArchDaily (2013).

No geral, a edificação se expressa como uma arquitetura poderosa que, ainda assim, retém sua dimensão humana e respeita o ambiente urbano, contribuindo, graças à sua flexibilidade, acessibilidade e transparência, ao papel comunitário deste lugar de cultura (ARCHDAILY, 2013, p. 1).



Figura 28 – Diversidade de usos para as salas de atividade: sala de cursos (esq. sup.), sala de artes (dir.), sala de expressão corporal (esq. inf.).

Fonte: ArchDaily (2013).

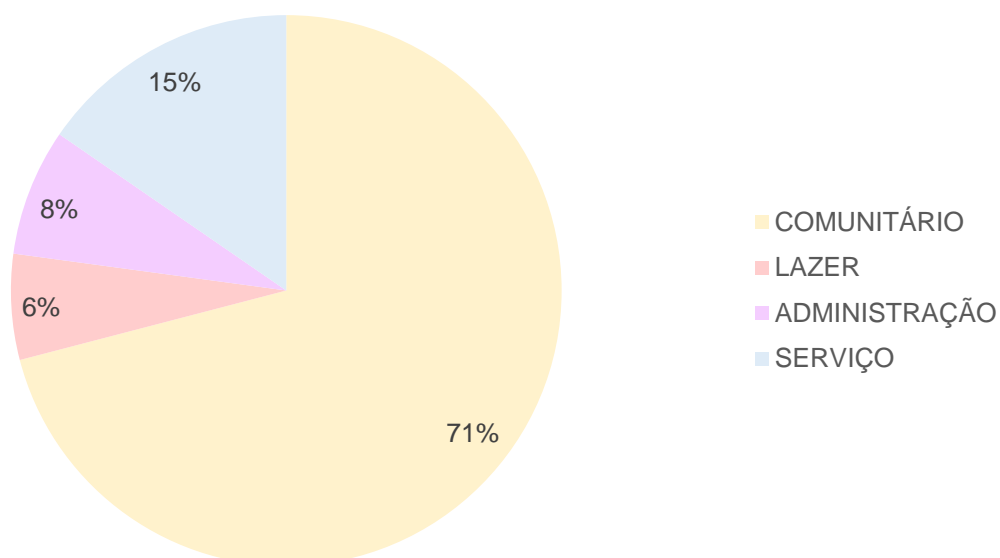
Esse estudo de caso foi escolhido devido à sua espacialidade e dinamismo, proporcionando vários usos para um mesmo espaço: um grande espaço com plateia e palco retráteis que permite uma ampla multifuncionalidade, e oficinas (Figura 28) que proporcionam uma variedade de usos para um mesmo espaço. Além da sua relação com o entorno: a elevação de alguns espaços e a grande transparência do térreo proporcionam uma relação de acolhimento e proximidade entre o exterior e interior. Esse projeto também atende características de Ambientes Restauradores, com sua translucidez nos espaços e contato íntimo e pertencimento com seu entorno, o escape e escopo são destacados.

Tabela 3 – Áreas Centro Cultural de Sedan

| CENTRO CULTURAL DE SEDAN | | |
|--------------------------------|----------------------|------------------------|
| SETOR | AMBIENTE | ÁREA (m ²) |
| COMUNITÁRIO | AUDITÓRIO | 350,00 |
| | ESTÚDIO DE DANÇA | 151,00 |
| | SALAS ATIVIDADES (7) | 327,00 |
| | TOTAL | 828,00 |
| LAZER | CAFÉ | 72,40 |
| | TOTAL | 72,40 |
| ADMINISTRAÇÃO | ADMINISTRAÇÃO | 87,00 |
| | TOTAL | 87,00 |
| SERVIÇO | SANITÁRIOS | 51,00 |
| | BASTIDORES | 54,00 |
| | CAMARINS | 21,40 |
| | DEPÓSITOS | 20,90 |
| | ÁREAS TÉCNICAS | 29,50 |
| | TOTAL | 179,80 |
| SUBTOTAL | | 1167,00 |
| CIRCULAÇÕES HORIZONTAIS | | 358,80 |
| CIRCULAÇÕES VERTICAIS | | 83,00 |
| ÁREA TOTAL DO PROJETO | | 1609,00 |

Fonte: Autor (2018).

Gráfico 3 – Proporcionalidade de Áreas Centro Cultural de Sedan



Fonte: Autor (2018).

Se tratando de um centro comunitário, é notável e correta a predominância de áreas de caráter comunitário na Tabela 3 e Gráfico 3, porém, nota-se um subdimensionamento nas áreas de café e de sanitários, considerando a capacidade de 197 pessoas no auditório e 8 salas de atividades multifuncionais.

3.5 SÍNTESE DOS ESTUDOS DE CASO

A análise das Casas de Acolhimento no Brasil serviu de base para compreender o que projetos com essa proposta oferecem à população que auxiliam, e imaginar que se esses trabalhos já são realizados em espaços limitados e adaptados, como seria a grandiosidade dos projetos com ambientes confortáveis e adequados para sua realização.

As referências arquitetônicas serviram de base principalmente para o dimensionamento de áreas do programa que será posteriormente proposto, considerando a escala dos projetos sendo próxima à do presente trabalho. Além disso, foram selecionadas as principais condicionantes analisadas nos estudos de caso, definidas como possíveis potencialidades projetuais (Tabela 4).

Tabela 4 – Potencialidades projetuais identificadas nos estudos de caso.

| | CLÍNICA SAYANOMOTO | SHELTER HOME | CENTRO CULTURAL DE SEDAN |
|-------------------------------|---|---|---|
| POTENCIALIDADES PROJETUAIS | <p>Fluxos independentes para setor de serviço e acesso geral.</p> <p>Espaço de convivência entre pacientes.</p> <p>Grande transparência com exterior.</p> | <p>Simplicidade do volume.</p> <p>Privacidade dos usuários.</p> <p>Fluxos independentes para diferentes usos.</p> <p>Espaços comunitários de convivência e lazer entre moradores.</p> | <p>Dinamismo do volume.</p> <p>Inserido em uma praça.</p> <p>Elevação dos blocos e liberação de parte do solo urbano.</p> <p>Multifuncionalidade dos espaços.</p> <p>Grande transparência com exterior.</p> |

Fonte: Autor (2018).

4 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Este capítulo apresentará a realidade local da população trans em Curitiba, resultando em um programa arquitetônico que atenda às necessidades dessas pessoas e onde o projeto proposto seria implantado, de forma que seja favorável ao público alvo. Importante ressaltar a escassez de dados concretos sobre essa população em específico na cidade, devido à falta de levantamento e mapeamento de informações, mostrando mais uma vez ser um assunto negligenciado em nossa sociedade e ressaltando a pertinência da presente pesquisa e do desenvolvimento de futuros trabalhos acadêmicos que incentivem a visibilidade ao assunto.

Em Curitiba existem duas organizações que se mostram referência nacional quando se trata do auxílio às transexuais e travestis da cidade e do estado: o Centro de Pesquisa e Atendimento a Travestis e Transexuais e o Transgrupo Marcela Prado (TMP). Os próximos subcapítulos explanarão o trabalho que esses grupos realizam, e como isso influenciará no desenvolvimento do programa de necessidades e na gestão do projeto.

4.1 CENTRO DE PESQUISA E ATENDIMENTO A TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

Criado em 2013 no Paraná, o Centro de Pesquisa e Atendimento a Travestis e Transexuais é o único centro do estado que oferece a hormonioterapia e acompanhamento multiprofissional especializado. Funcionando dentro da 2ª Regional de Saúde Metropolitana, em Curitiba, a qual está localizada à Rua Barão do Rio Branco, 465, no Centro, o CPATT subsidia os atendimentos do SUS na 2ª Regional de Saúde e é credenciado pelo Ministério da Saúde (SESA, 2017).

São atendidos transexuais e travestis com mais de 18 anos que precisam de ajuda no processo transexualizador, e são encaminhados ao CPATT a partir de qualquer unidade de saúde no Paraná. A porta de entrada do serviço oferecido pelo Governo do Estado é o atendimento psicológico, onde no primeiro atendimento o paciente passa por uma consulta com um psicólogo que vai entender as expectativas do acompanhamento. Após isso eles passam por uma fase de coleta de dados, uma

consulta médica e diversos exames, e então são apropriadamente iniciados no tratamento hormonal (AEN PR, 2018).

A coordenadora do CPATT, Carla Amaral, em entrevista para a Agência de Notícias do Paraná, explica que muitos pacientes já utilizavam hormônios de maneira irregular antes de frequentar o serviço: “Os exames são essenciais para saber as condições de saúde do paciente e se estão aptos a iniciar o tratamento hormonal, pois é comum utilizarem os hormônios sem prescrição médica e isso pode causar danos à saúde” (AEN PR, 2018).

O fluxo de atendimento é diferente para cada paciente. As consultas médicas e psicológicas podem ser semanais, quinzenais ou mensais, de acordo com o caso. De janeiro até o final de julho de 2017, houve mais de 400 consultas médicas e 780 atendimentos psicológicos. Foram utilizados mais de 43 mil comprimidos e 700 ampolas de hormonioterapia (AEN PR, 2018).

Após um período mínimo de dois anos no CPATT, o paciente recebe a indicação para a cirurgia de readequação sexual, popularmente conhecida como cirurgia de mudança de sexo. Apenas cinco estados brasileiros contam com centros hospitalares credenciados para o procedimento: Goiás, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo (AEN PR, 2018).

O serviço atende a população transexual e travesti do estado do Paraná inteiro, recebendo pacientes tanto da região metropolitana quanto de cidades do interior. Atualmente existe um total de 635 pessoas cadastradas no sistema, em torno de 57% mulheres trans e 43% homens trans, e cerca de 200 estão na lista de espera do atendimento, de acordo com dados fornecidos pela própria recepção do CPATT. Entre informações e consultas são cerca de 15 atendimentos diariamente. Atualmente, 250 pacientes ainda frequentam o local (AEN PR, 2018).

Esse levantamento de pessoas cadastradas foi iniciado recentemente, apenas em 2017. No momento, não há mais detalhes sobre esses dados, e não se sabe a porcentagem desse número que reside em Curitiba. Esse levantamento está sendo aprofundado para uma maior especificação dos dados, separando-os por cidade e, posteriormente, por bairros. Então, por ora, não há um mapeamento preciso da quantidade dessa população e onde eles residem exatamente, e não existem outros dados além desses. Vale ressaltar que as 635 pessoas, mais as 200 na lista de espera, são apenas as que procuraram atendimento do CPATT, devendo-se levar em conta a parte da população que não procurou esse serviço.

4.2 TRANSGRUPO MARCELA PRADO

Todas as informações apresentadas neste subcapítulo foram retiradas de um documento fornecido pela própria gestão do Transgrupo, onde é resumida toda a ação da ONG e seus projetos até janeiro de 2018, além de entrevista com a atual presidente Sabrina Mab Taborda.

O Transgrupo Marcela Prado³ foi criado em 16 de outubro de 2004 e legalmente constituído em 20 de setembro de 2006. A partir dessa data, a associação que já existia passou a ser oficial. Tem como objetivo promover a saúde e a plena cidadania das pessoas travestis e transexuais, combatendo os estigmas e preconceitos construídos contra essa população específica. A ONG surgiu a partir do Núcleo de Travestis e Transexuais do Grupo Dignidade, organização histórica do Movimento LGBT que alçou visibilidade anterior à fundação do TMP.

Em seus quase 14 anos de história, o TMP realizou diversos projetos em prol da comunidade trans em Curitiba, dos quais alguns que estão em continuidade serão explanados a seguir. Perceber os projetos que são realizados e qual o espaço físico necessário para sua execução contribuirá para a elaboração do programa de necessidades.

Viva Melhor Sabendo – o TMP é umas das ONGs parceiras da Unaid, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids, o programa possui a responsabilidade de implementar a testagem rápida por fluido oral de HIV/Aids entre as populações-chave. De 08/2016 a 12/2017, foram realizados mais de 541 testes rápidos com pessoas travestis e transexuais.

Expressão Trans – visa orientar pessoas travestis e transexuais a respeito de questões voltadas à saúde, à sexualidade, a informações práticas e aos direitos de que dispõem como cidadãs(ãos), a fim de evitar a marginalização e contribuir para o

³ O nome do grupo é em homenagem à Marcela Prado, uma militante fundamental para garantir os poucos direitos aos quais a população trans têm acesso hoje. Entre outros trabalhos de base que Marcela desempenhou junto à população, destaca-se a sua participação como Conselheira Municipal de Saúde e como membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB/PR, além de sua atuação para a fundação da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, sendo uma de suas primeiras presidentas.

alívio do sofrimento causado pela sua condição, bem como trabalhar com a orientação de estudantes e profissionais de diversas áreas no que tange à atuação com este público. Ao todo, o Expressão Trans realizou 24 oficinas e 3 workshops, atingindo diretamente 350 pessoas e mais de 1.000 pessoas indiretamente, tais como amigas(os), familiares e pessoas atendidas pelas(os) profissionais que participaram das atividades.

Assessoria Jurídica – é realizada assessoria jurídica para as mulheres travestis e transexuais na sede da ONG, quanto a situações de violência e outras demandas desse público. Há uma equipe de profissionais do direito disponível duas vezes por semana na ONG para orientações jurídicas e uma vez por mês é realizado um encontro com as pessoas participantes do Grupo Vivencial Transformação para orientações jurídicas. Quando necessário, os casos são encaminhados para a Defensoria Pública do Paraná, conforme parceria firmada deste órgão com a ONG.

Retificação de Prenome e Gênero – a Desembargadora Joeci Machado Camargo, responsável pelo programa Justiça nos Bairros no Estado do Paraná, criou um espaço na agenda do programa para que os processos a respeito do nome civil pudessem ter andamento também para a população que não têm acesso facilitado à justiça. Esta parceria da Justiça nos Bairros com o Transgrupo Marcela Prado proporcionou a retificação de prenome e gênero de 121 travestis e transexuais, desde fevereiro de 2016 até maio de 2018.

Projeto Tô Passada – criado em 2016, o cursinho preparatório para o vestibular e para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o projeto tem como público-alvo a população LGBTQI da cidade de Curitiba. O intuito é preparar a comunidade para o ingresso no ensino superior, promovendo a inserção das pessoas trans no ambiente acadêmico. Além do foco nas provas dos processos seletivos, o Tô Passada também oferece formação profissional para o mercado de trabalho, tendo módulos constituídos por entrevistas de emprego, elaboração de currículos e relações interpessoais. Este projeto está sendo realizado pela ONG Transgrupo Marcela Prado em parceria com a Universidade Tuiuti do Paraná. A equipe é formada por alunas(os) do curso de psicologia da UTP e UniDom Bosco, e por professoras(os) voluntárias(os). O projeto conta com duas frentes de ação: articulação e realização de eventos e reuniões com empresas para a contratação de pessoas LGBT+, e a realização de um curso preparatório para o ENEM e para o mercado de trabalho. As ações realizadas até o momento, baseadas nesses princípios metodológicos, têm proporcionado

grandes resultados, tais como: 100% de aprovação em 2016; alunas(os) que nunca sonharam em cursar uma universidade hoje planejam e/ou estão ocupando esse espaço; uma aluna do ano de 2016, que passou no vestibular da UFPR em matemática e na UTFPR em Engenharia Têxtil, passou a ser professora de matemática no cursinho em 2017; alunas(os) conquistaram uma vaga de emprego; e, principalmente, as(os) alunas(os) passaram a se sentir de fato incluídas(os) socialmente, como sujeitos de direito.

Projeto Trans#Formar – proporciona um espaço de debate e vivencial para mulheres travestis e transexuais em situação de liberdade e privadas de liberdade a respeito de questões voltadas aos seus direitos como cidadãs, e às relações de gênero, raça/etnia, classe social, sexualidades, intergeracionais, familiares, a fim de evitar a marginalização, enfrentar a transfobia e contribuir para o alívio do sofrimento causado pela sua condição, bem como trabalhar na formação de profissionais da segurança pública, saúde, educação, assistência e seguridade social, do sistema prisional e operadores do direito, no que tange à atuação com esse público e identificação de situações de violência vivenciadas por essa população. Este projeto é realizado na ONG com as pessoas travestis e transexuais em liberdade e na Casa de Custódia de São José dos Pinhais com as privadas de liberdade, desde maio de 2016.

Disponibilização de preservativos – a ONG disponibiliza preservativos femininos e masculinos, e gel lubrificante para pessoas travestis, transexuais, gays e profissionais do sexo que procuram a ONG. Além disso, são realizadas abordagens quinzenalmente nos pontos de prostituição da cidade, durante as quais são entregues um kit contendo preservativos, gel lubrificante e materiais com informações sobre prevenção e testagem. Mensalmente são entregues nessas ações, aproximadamente, 15.000 preservativos.

Atendimento Psicológico – as ações no âmbito da psicologia são desafiadoras, uma vez que cotidianamente é necessário romper com os preconceitos que as pessoas têm em relação ao atendimento psicológico, reforçar que é uma ciência e profissão e como tal há princípios éticos a serem seguidos, e demonstrar, a partir das práticas, que o fazer psicológico é muito mais do que atendimentos. Na ONG não é diferente, e ainda há um elemento a mais: as pessoas que procuram o serviço de psicologia, muitas vezes, já passaram por outros profissionais e não tiveram experiências positivas; ao contrário, tiveram negado o seu direito de ser quem são. A

psicologia tem atuado também em outras frentes, tais como: realização de ações na Casa de Custódia de São José dos Pinhais, parceria com o Centro de Pesquisa e Atendimento de Travestis e Transexuais (CPATT) do Paraná, articulação para a elaboração e implantação de políticas públicas para a garantia da saúde mental e física das pessoas travestis e transexuais, e forte atuação junto ao Conselho Regional de Psicologia para uma melhor formação e atuação de psicólogas(os). Só no ano de 2017 foram realizados mais de 1.000 atendimentos e o Transgrupo, por meio deste setor, participou ativamente da construção da Carta de Recomendação ao HC para realização das cirurgias do processo transexualizador.

Miss Curitiba Trans – com o objetivo de resgatar a autoestima de travestis e transexuais destruída pela violência, o concurso Miss Curitiba Trans surgiu com o objetivo principal de apagar um passado ruim, e de garantir a socialização das pessoas trans com os diversos segmentos da sociedade. Em 2017, foi realizada a 7ª edição deste evento.

Formação e Workshops para estudantes e profissionais – mensalmente a ONG, através de parceria com IES, conselhos de classe e órgãos públicos e privados, realiza aproximadamente 5 eventos com o objetivo de colaborar para a formação de estudantes e profissionais em questões relacionadas a direitos humanos e identidade de gênero. Só em 2017, foram mais de 2.000 pessoas beneficiadas diretamente com essas ações.

Atualmente, a sede do grupo se encontra na Rua Desembargador Westphalen nº 15, em um prédio comercial. A ONG realiza a maioria dos projetos citados acima em sua própria sede: uma sala alugada que consiste em apenas uma pequena recepção, uma sala de reuniões, uma sala de atendimento privado, e um banheiro. É notável o grande trabalho realizado em um espaço limitado, portanto, a existência de um espaço físico confortável e adequado aumentaria o sucesso e alcance desses projetos e incentivaria a criação de outros.

4.3 ESCOLHA DO TERRENO

O município de implantação do presente projeto é a capital paranaense, Curitiba (Figura 29). Possui uma população estimada para 2017 de 1.908.359

habitantes, segundo o IBGE - o censo de 2010 do mesmo instituto apontou para uma população de 1.751.907 pessoas naquele ano. Os limites curitibanos estão divididos em 20 regionais e, subsequentemente, 75 bairros.



Figura 29 – Mapa político do Paraná e das 10 regionais de Curitiba.

Fonte: IPPUC (2015).

Através de entrevistas com as representantes do Transgrupo Marcela Prado e do CPATT, foi constatado que o principal fator para a escolha de um terreno para a implantação do projeto proposto seria o fácil acesso ao transporte público. Visto que essas instituições atendem também pessoas advindas da região metropolitana e de cidades do interior do estado, e que grande parte dessa população se encontra em situação financeira precária, é de extrema importância que a localização do projeto seja acessível de forma a evitar ao máximo que os usuários precisem pegar mais de um meio de transporte para chegar ao complexo.

A Figura 30 é um recorte do Mapa das Linhas de Ônibus do IPPUC, abrangendo a região central da cidade, e provando a sua grande amplitude quando se trata de acesso ao transporte público. São notados os pontos de maior convergência das linhas nessa região: Praça Tiradentes, Praça Carlos Gomes, Praça Rui Barbosa e Praça Eufrásio Correia, além do Terminal Guadalupe, que é a maior referência em relação ao transporte metropolitano, e a Rodoferroviária de Curitiba, tratando-se do transporte intermunicipal.

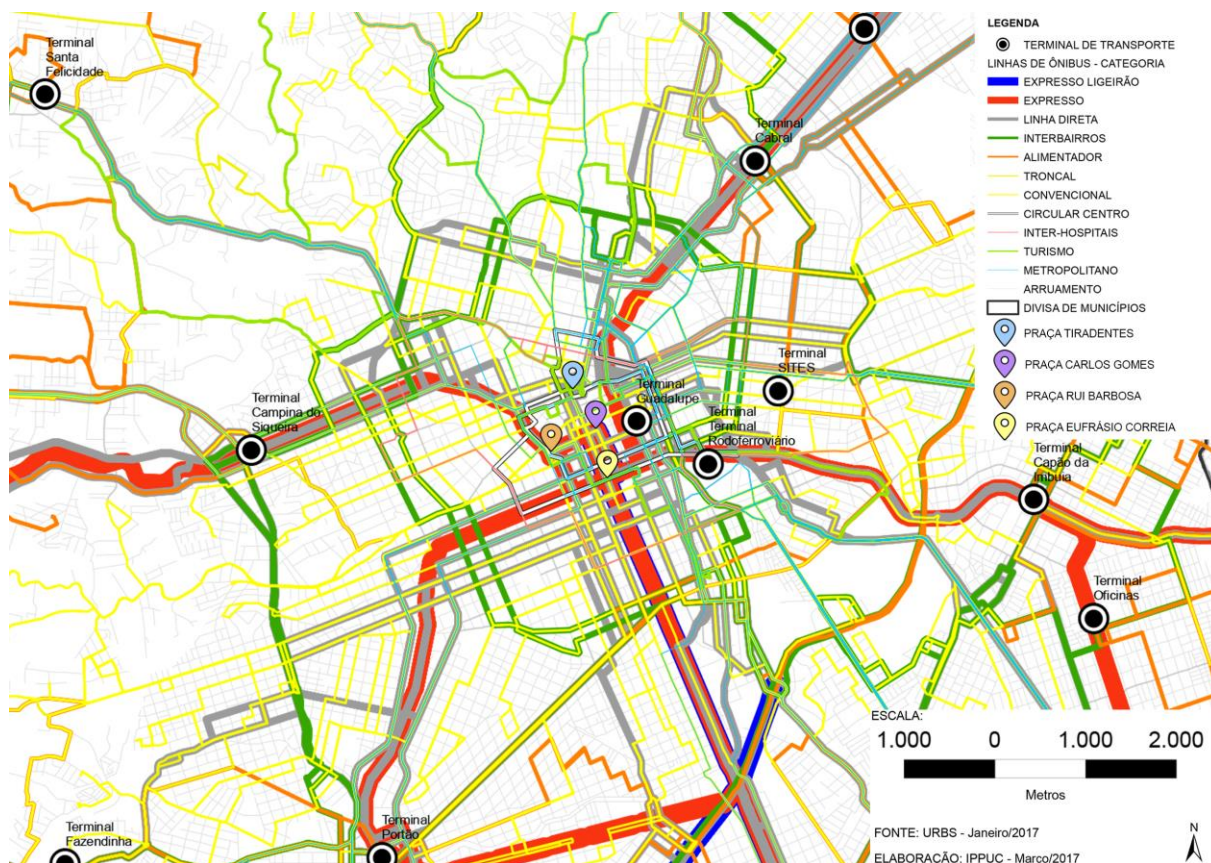


Figura 30 – Mapa das linhas de transporte de Curitiba.

Fonte: URBS (2017), adaptado pelo autor.

Além desse fator decisivo, é importante ressaltar que ambas instituições apontadas se localizam no Centro, próximas entre si, visando esse fácil acesso do público alvo. Portanto, considera-se manter o terreno na mesma região devido à existente ambientação da população em relação aos seus equipamentos de auxílio. De acordo com o TMP, é estimado que a maioria da população trans reside no Centro e que a maioria das que utilizam da prostituição como fonte de renda trabalham nessa região.

Levando em consideração essas condições, além do fato de que posicionar este equipamento em uma região central da cidade trará uma maior visibilidade para o projeto e também uma maior chance de integração com a comunidade, o Bairro Centro, na Regional Matriz (Figura 31), foi escolhido para abrigar a área de intervenção do presente trabalho. Historicamente, foi na Praça Tiradentes que a cidade se iniciou - local do marco zero da capital. O bairro apresenta 23.360 domicílios com 37.283 habitantes, sendo 54,60% do sexo feminino, segundo material disponível pelo IPPUC.

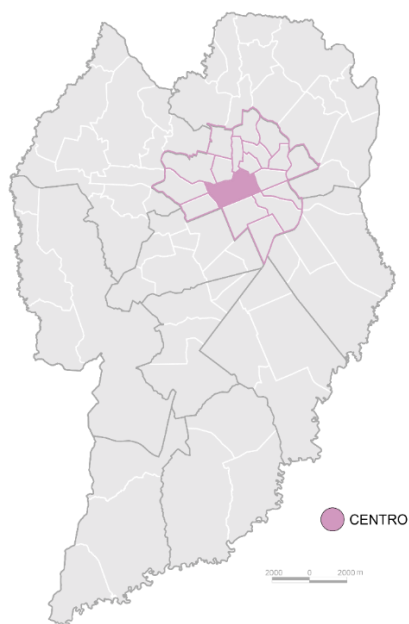


Figura 31 – Mapa de Curitiba.

Fonte: IPPUC (2015), adaptado pelo autor.

Tendo as condicionantes estabelecidas, buscou-se por vazios urbanos. “Os vazios urbanos são áreas construídas ou não, desocupadas ou subutilizadas, que possuem como característica comum o fato de serem resíduos do crescimento da cidade” (DITTMAR, 2006 apud TARNOWSKI, 2007). Devido à pouca disponibilidade de lotes sem áreas construídas, a melhor opção é escolher entre estacionamentos – uso em abundância nessa região que é considerado uma subutilização do terreno.



Figura 32 – Mapa do Centro.

Fonte: IPPUC (2015), adaptado pelo autor.

O terreno escolhido (Figura 32) encontra-se na Rua Emiliano Pernetá, na quadra circundada pelas ruas Desembargador Whestphalen, Pedro Ivo e Voluntários da Pátria e possui aproximadamente 1480 m². Se encontra a aproximadamente 100 metros da atual sede do Transgrupo Marcela Prado, e fica de frente ao Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto.

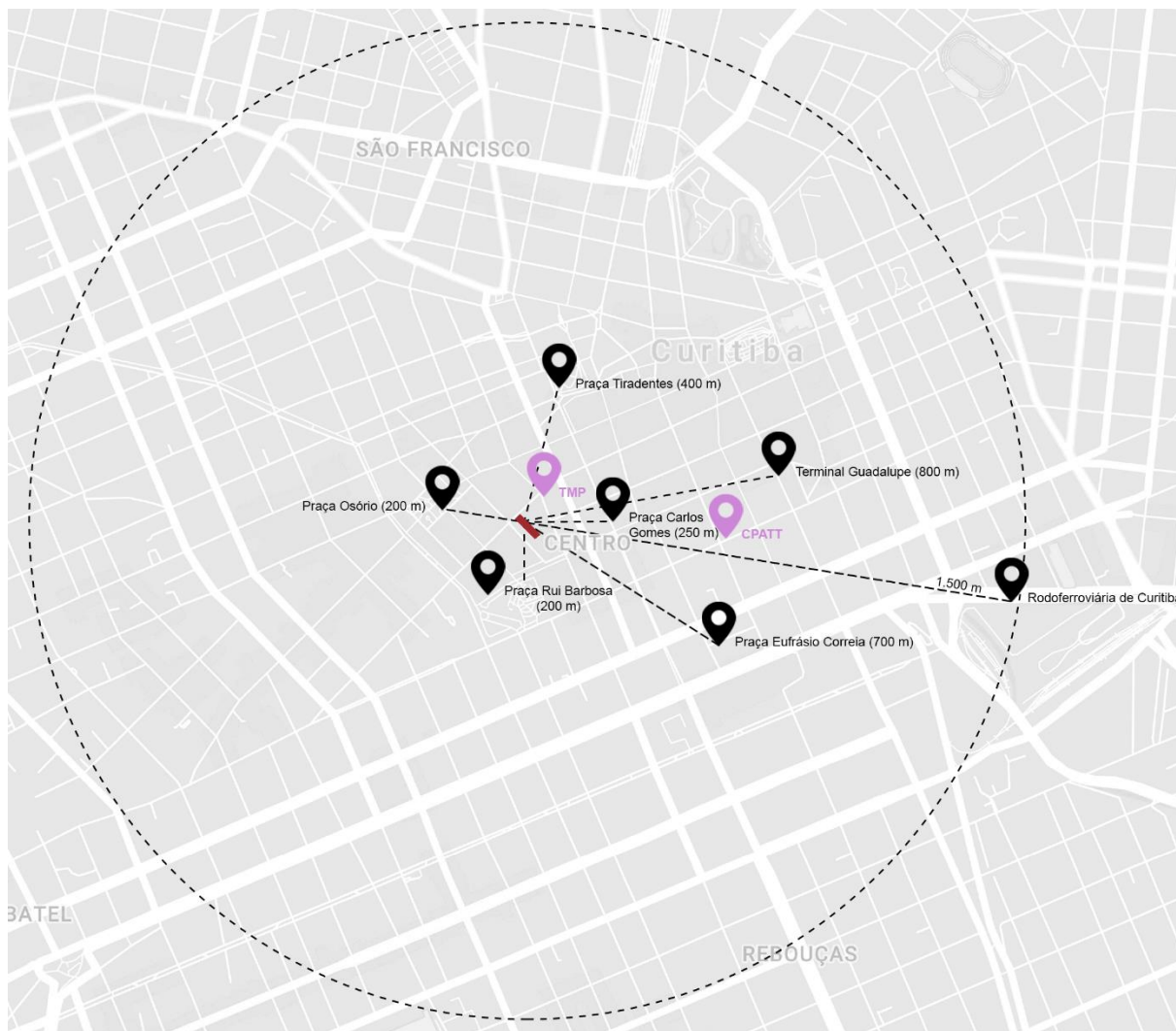


Figura 33 – Mapa do Centro.

Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor (2018).

Através da Figura 33 é possível observar a proximidade do lote aos equipamentos de auxílio já existentes, aos pontos de grande relevância de transporte público e à Rodoferroviária de Curitiba. Fica a uma distância de 2,1 km da Rodoviária, o que equivale a 26 minutos a pé ou 10 minutos de carro; do Terminal Guadalupe, 1,1 km e 10 minutos a pé. Os outros pontos de interesse ficam entre 3 e 9 minutos.



Figura 34 – Foto do interior para o exterior do terreno.

Fonte: Autor (2018).

A principal visual do terreno (Figura 34) é o Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto, um patrimônio histórico da cidade.



Figura 35 – Foto do exterior para o interior do terreno.

Fonte: Autor (2018).

No terreno escolhido, hoje, se encontra um estacionamento coberto (Figura 35), ao lado de comércios e outro estacionamento.

4.4 ANÁLISE DO ENTORNO



Figura 36 – Foto aérea do terreno.

Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor (2018).

O terreno possui uma forma retangular com área de 1478,60 m², com testada medindo 18 metros e uma profundidade de 80 metros. Está em uma localização chave (Figura 36) com diversas qualidades. Abaixo será analisado o levantamento do entorno englobado pelo raio estabelecido de 200 metros a partir do centro do terreno. Foram levantados os aspectos relacionados aos pontos notáveis, usos, cheios e vazios, gabaritos, fluxos de veículos e pedestres, e vegetação.

4.4.1 Pontos Notáveis

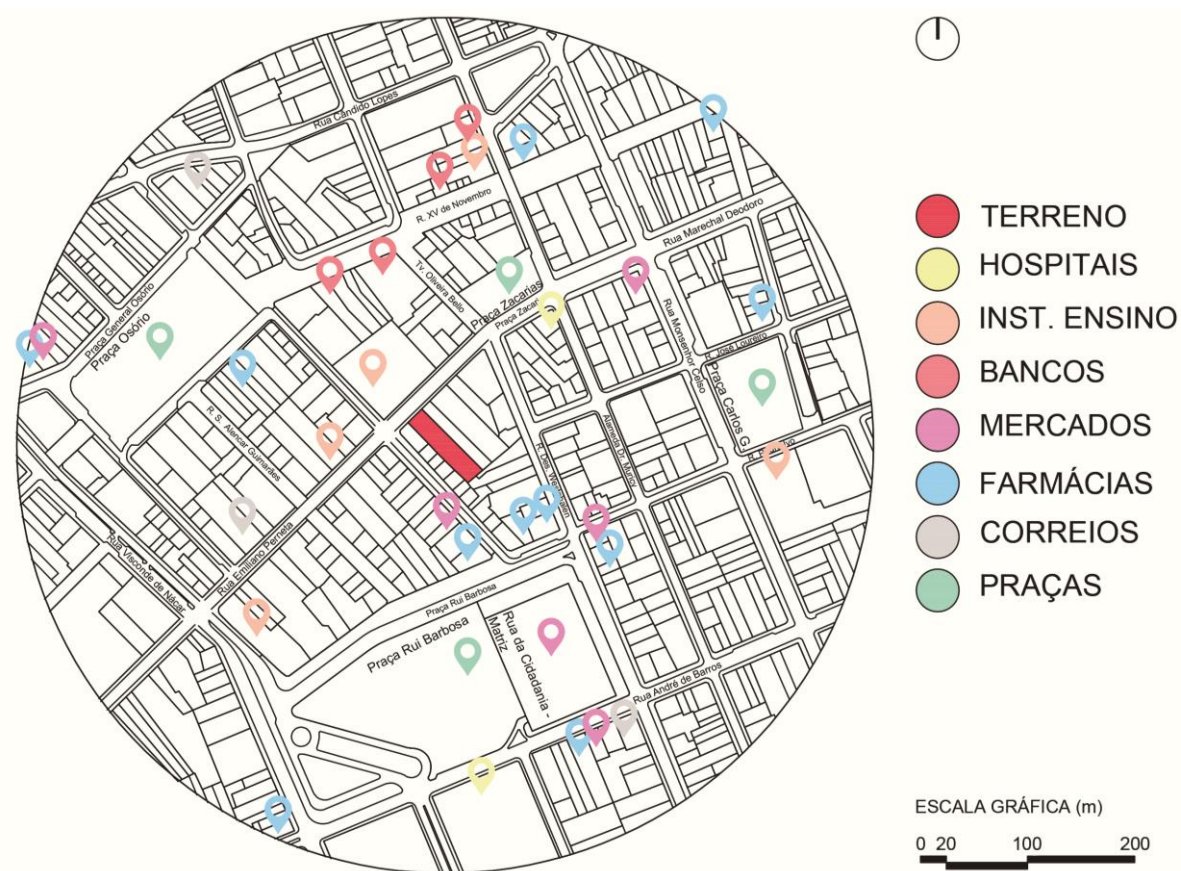


Figura 37 – Mapa de pontos notáveis.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Por ser localizado no centro da cidade, o terreno está muito bem servido de equipamentos urbanos e serviços. Na Figura 37 é possível perceber, em um raio de 400 metros, a quantidade de hospitais, instituições de ensino, bancos, mercados, farmácias e correios existentes no entorno. Destaca-se a proximidade de 4 praças bem conhecidas e utilizadas pelos moradores do Centro e de Curitiba em geral: Praça Zacarias, Praça Osório, Praça Rui Barbosa, Praça Carlos Gomes. Outro ponto importante é a presença da Rua da Cidadania da Regional Matriz localizada na Praça Rui Barbosa, onde se encontram um mercado e restaurante popular, o Centro de Assistência Social, uma unidade da URBS dentre outros serviços oferecidos ao cidadão.

4.4.2 Usos

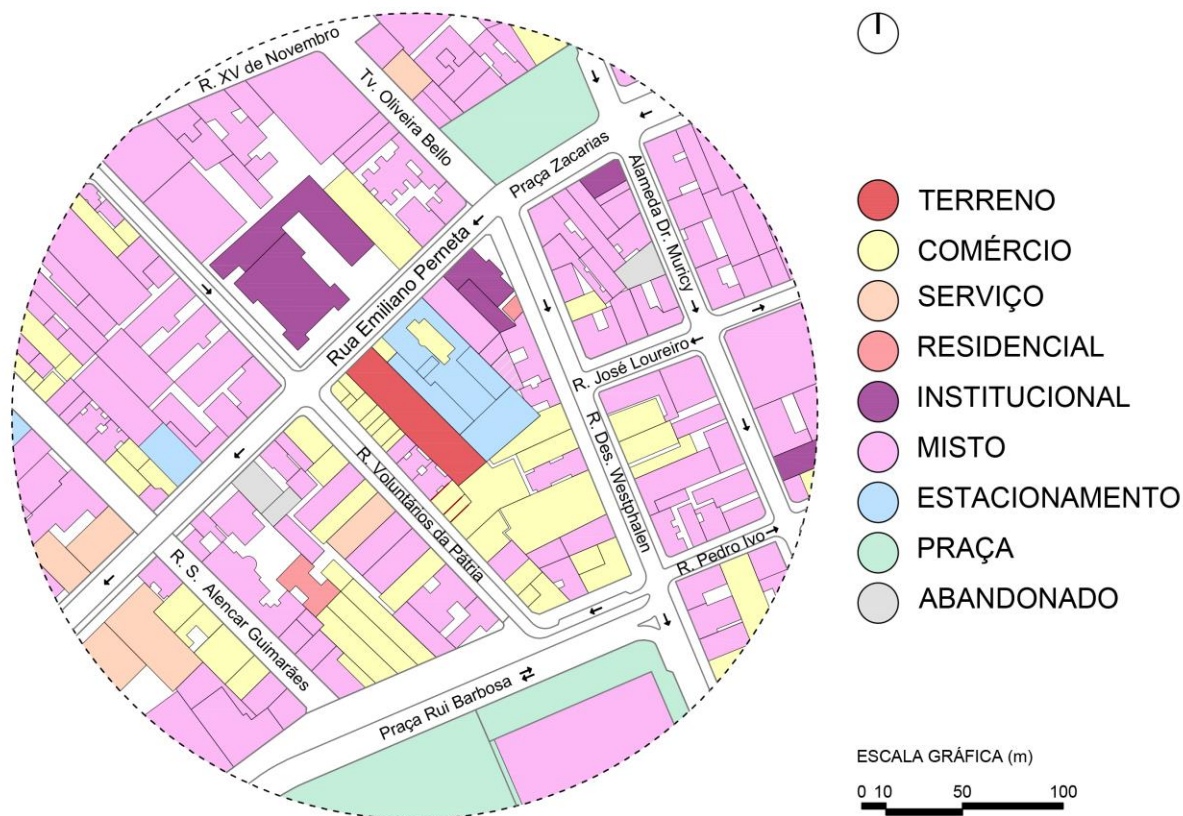


Figura 38 – Mapa de usos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Analisando os usos do entorno em um raio de 200 metros (Figura 38), além do fato de ser bem servido de serviços e comércio como já apontado anteriormente, é possível perceber também a grande predominância de usos mistos, visto que é uma área muito movimentada da cidade, e ao mesmo tempo com grande potencial construtivo; portanto, o que acontece na maioria das vezes é a presença de comércios ou estacionamento no térreo, e outros usos nos pavimentos superiores, como residencial, escritórios, institucional, etc. Na quadra onde o terreno está inserido, a proporção é um pouco diferente, com a maioria das edificações sendo apenas de uso comercial.

4.4.3 Gabaritos, Cheios e Vazios

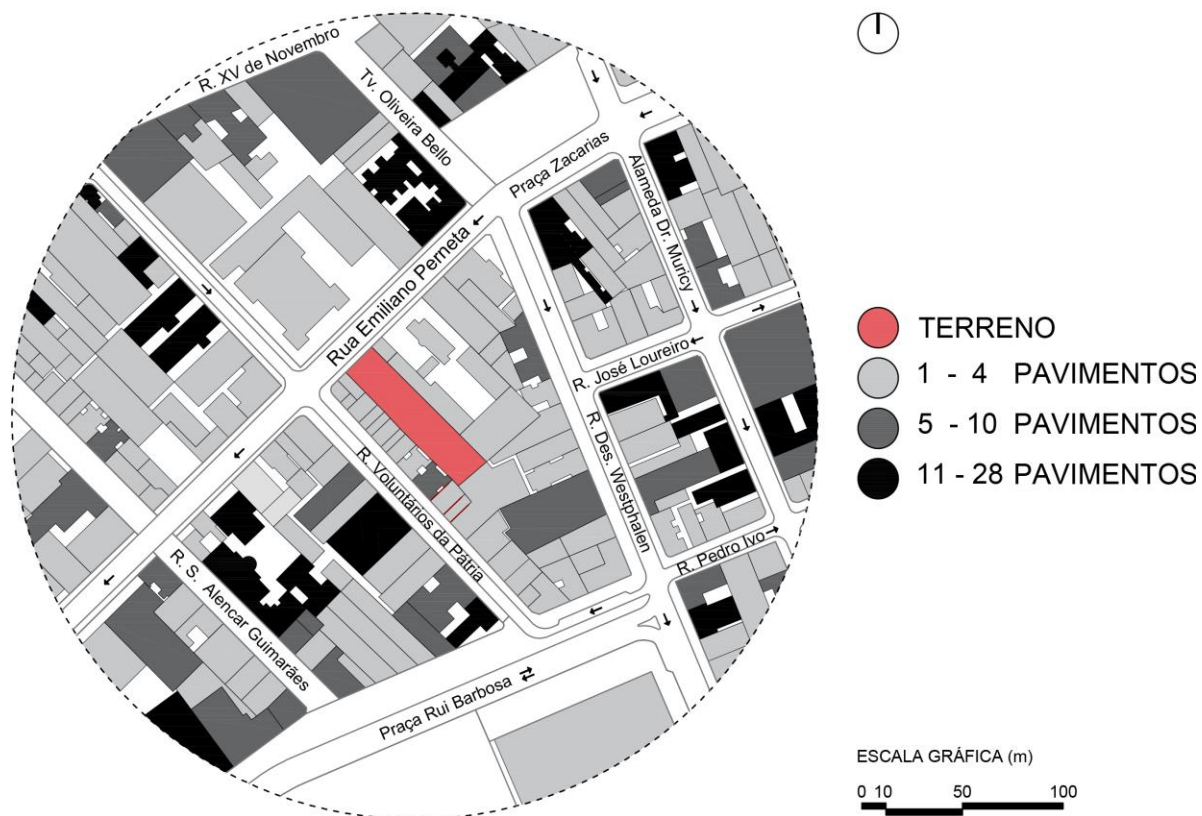


Figura 39 – Mapa de gabaritos, cheios e vazios.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Através do mapa de cheios e vazios (Figura 39) é possível perceber que é uma região extremamente adensada, com poucos vazios. Alguns desses são estacionamentos descobertos ou então estão localizados em meio de quadra. Em compensação a essa concentração urbana, existem alguns respiros: as praças do Centro. Apesar de ser uma região central, nessa área específica analisada, predominam as construções de apenas 1 a 4 pavimentos, especialmente na quadra em que o terreno está inserido. Conta-se com a presença de 20 torres altas com mais de 11 pavimentos.

4.4.4 Fluxos

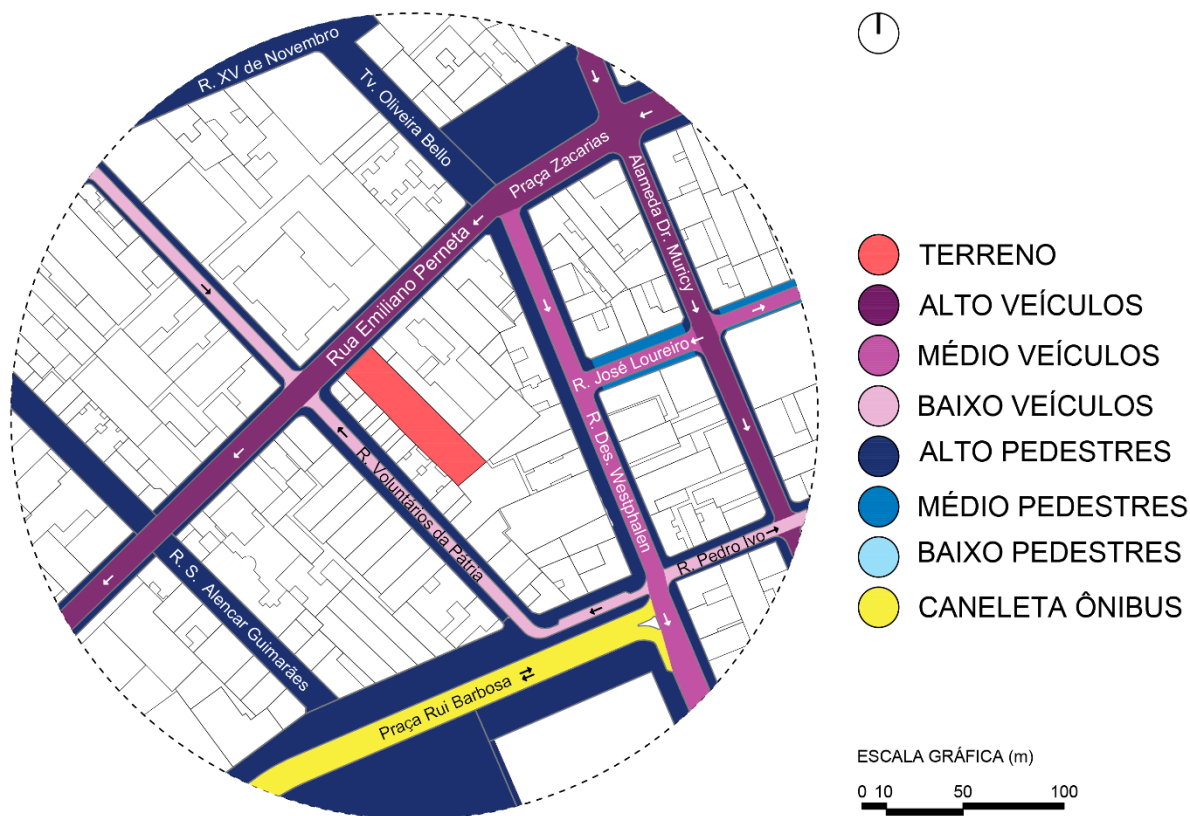


Figura 40 – Mapa de fluxos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Com a análise de visita a campo, foram apontados os fluxos de veículos e pedestres no mapa de fluxos (Figura 40). Por se tratar de uma região central, com vários comércios, serviços e pontos nodais, já era de se esperar a predominância de fluxos altos durante o dia, o que foi comprovado. A Rua Marechal Deodoro que depois da Praça Zacarias se torna Rua Emiliano Perneta é a mais movimentada dentre as analisadas tratando-se de veículos: ela possui com um tráfego de intenso e constante. A Rua Voluntários da Pátria é a mais estreita e com o menor fluxo de veículos, sendo utilizada principalmente como estacionamento. Todas as vias têm como velocidade máxima permitida 40 km / h. Em relação aos pedestres, o fluxo é muito alto em todas as ruas, com uma leve redução na Rua José Loureiro. Esse fluxo é intensificado e ainda mais percebido nas 3 ruas pedestrianizadas que existem na área: a Rua S. Alencar Guimarães, que faz uma ligação entre a Praça Osório e a Rui Barbosa, e a

Travessa Oliveira Bello que conecta a Praça Zacarias à Rua XV de Novembro – rua pedestrianizada de maior referência e fluxo da cidade.

4.4.5 Vegetação



Figura 41 – Mapa de vegetação.

Fonte: Google Maps, adaptado pelo autor (2018).

Através de foto aérea com destaque às vegetações (Figura 41), é possível observar que a região possui uma escassa quantidade de vegetação. Com concentração somente na Rua Desembargador Whestphalen, na Praça Zacarias e na Praça Rui Barbosa. O Instituto de Educação do Paraná, localizado na frente do terreno, possui algumas árvores dentro do lote. Isso aponta uma necessidade local que pode ser aplicada no projeto através de uma praça com vegetação e / ou telhados verdes.

4.4.6 Condicionantes Naturais e Ruídos

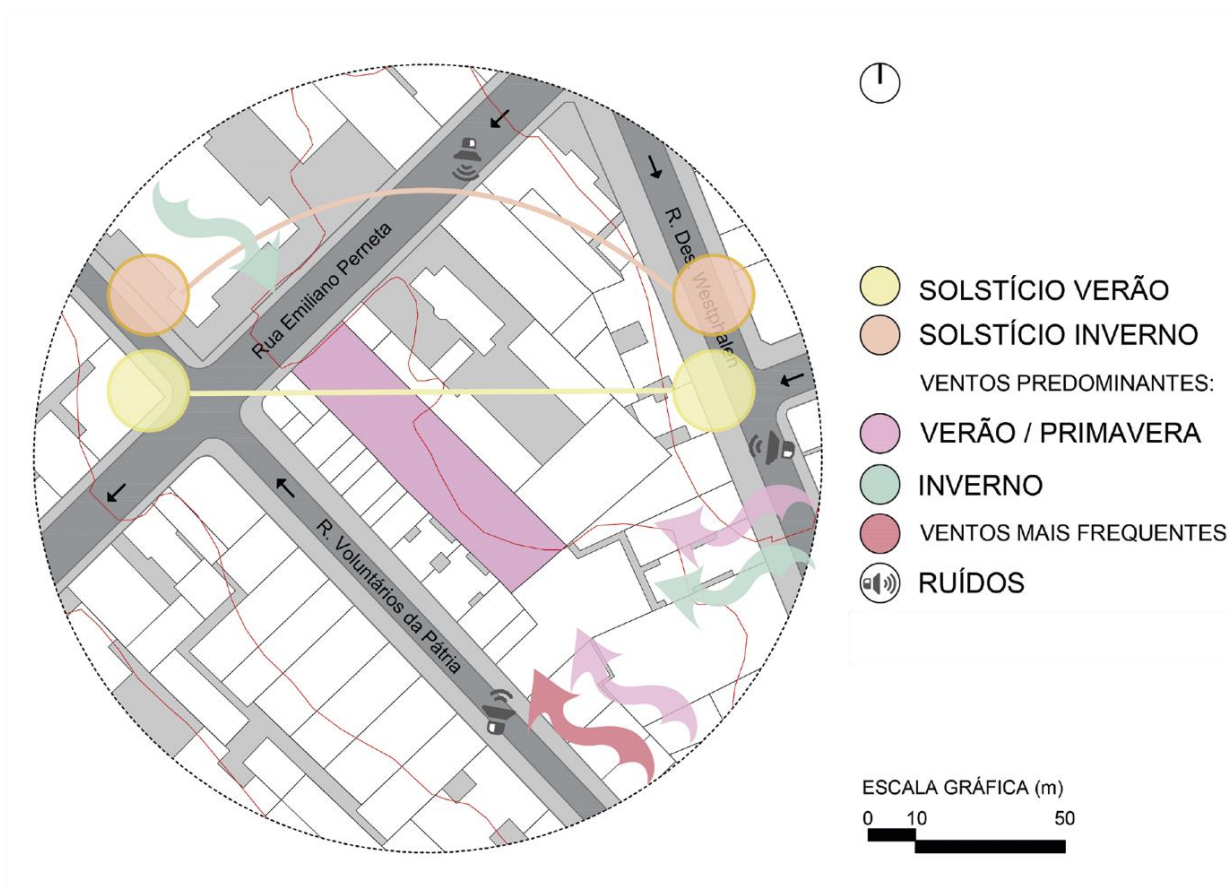


Figura 42 – Mapa de condicionantes naturais e ruídos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Analisando as condicionantes naturais (Figura 42) percebe-se que a melhor insolação dentro do terreno seriam as suas faces norte e leste, recebendo a insolação advinda do norte geográfico. Os ventos mais predominantes advêm do leste, sudeste e noroeste, e os ventos mais frequentes vêm também do sudeste. Os maiores ruídos do entorno do terreno são provenientes da rua mais movimentada, a Emiliano Perneta; as outras ruas que contornam a quadra, também têm grande movimentação, porém um pouco menor que a principal. Esses ruídos diminuem no período da noite e nos finais de semana, devido à redução dos fluxos.

4.4.7 Zoneamento e Parâmetros

A área de intervenção se encontra na Zona Central do zoneamento de Curitiba (Figura 43). Segundo o Art. 6º da lei nº 9.800/2000, a Zona Central (ZC) se caracteriza como “o centro tradicional da cidade, é caracterizada pela grande concentração de atividades e funções urbanas de caráter setorial” (CURITIBA, 2000).

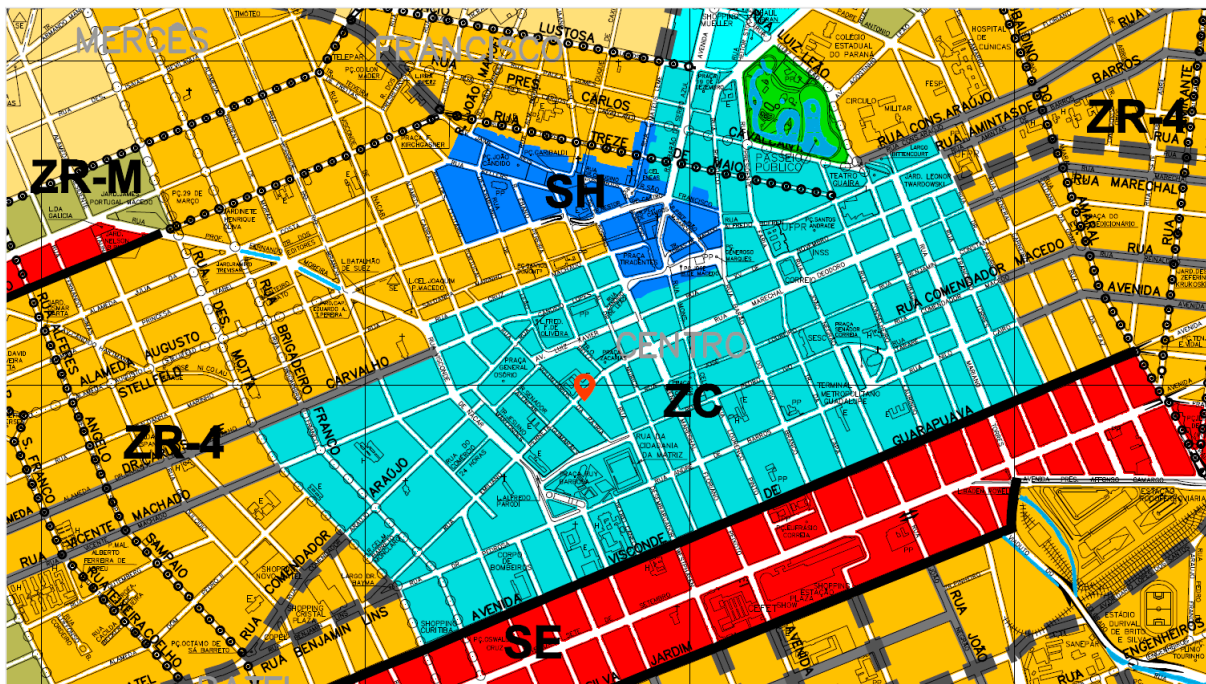


Figura 43 – Recorte do zoneamento de Curitiba.

Fonte: IPPUC (2015), adaptado pelo autor.

Tal área possui parâmetros de uso e ocupação do solo (Figura 44) que dispõe como usos permitidos: Habitação Coletiva, Habitação Transitória 1 e 2, Comunitário 2 – Lazer e Cultura, Comunitário 2 – Culto Religioso, Comércio Vicinal, de Bairro e Setorial, Indústria 1 de até 100 m². Como usos tolerados estão Habitação Unifamiliar e Comunitário 1, e usos permissíveis 2 e 3 – Ensino.

De acordo com as instruções tidas na Portaria nº 80/2013 a partir do Decreto 183/2000 da Secretaria Municipal de Urbanismo de Curitiba, o projeto proposto se encaixa em 3 categorias: Habitação Institucional (casa de passagem), Comércio e Serviço Vicinal (clínica, café e lojas) e Comunitário 2 – Lazer e Cultura (centro comunitário). Portanto, verifica-se as classificações do projeto proposto como permitidas para a construção na área de intervenção escolhida.

Com relação à ocupação, o coeficiente de aproveitamento é 5; a taxa de ocupação máxima (em porcentagem) para o térreo e primeiro pavimento são 100% e 66% para os demais pavimentos; a altura máxima em pavimentos é livre (CURITIBA, 2000).

O afastamento das divisas no térreo e primeiro pavimento é facultativo, nos demais pavimentos é de 2,00m. Para informações mais específicas sobre parâmetros construtivos na etapa projetual deve-se consultar a Guia Amarela a Portaria nº 80/2013 (CURITIBA, 2000).



CURITIBA

17

QUADRO I
ZONA CENTRAL – ZC
PARÂMETROS DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

| USOS | | | OCUPAÇÃO | | | | | | | |
|--|--|------------------------------|------------|----------------|--|----------------------|-------------------------------|---------------------------|---|---------------------------|
| PERMITIDOS | TOLERADOS | PERMISSÍVEIS | PORTE (m²) | COEFIC. APROV. | TAXA OCUP. MÁX. (%) | ALTURA MÁXIMA (PAV.) | REGUL. MIN. ALIN. PREDIAL (m) | TAXA PERMISSÍVEL MIN. (%) | AFAST. DAS DIVISAS (m) | LOTE MÍN. (Frente x Área) |
| - Habitação Coletiva - Habitação Institucional - Habitação Transitória 1 e 2 - Comunitário 2 – Lazer e Cultura (1) - Comunitário 2 – Culto Religioso (1) - Comércio e Serviço Vicinal, de Bairro e Setorial (1) (2) | - Habitação Unifamiliar - Comunitário 1 | - Comunitário 2 e 3 - Ensino | | 5 | Térreo e 1º pav. = 100% Demais pav. = 66% | Livre | - | (4) | Térreo e 1º pav. = Facultado Demais pav. = 2,00m | 11x330 |
| - Indústria Tipo 1 (3) | | | 100m² | - | - | - | - | - | - | - |

Observações:

- (1) Proibido estacionamento comercial e da atividade dentro do Anel Central de Tráfego Lento.
- (2) Com exceção de hipermercado.
- (3) Somente alvará de localização em edificações existentes.
- (4) Atendido o § 5º do ART. 42.

Figura 44 – Parâmetros de uso e ocupação do solo da Zona Central.

Fonte: IPPUC (2010).

5 DIRETRIZES PROJETOVAIS

5.1 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ DIMENSIONAMENTO

Como apontado anteriormente, são escassos os dados concretos em relação ao público alvo desta pesquisa. Portanto, a elaboração do programa de necessidades foi baseada na análise dos estudos de caso e em entrevistas com representantes do

TMP e informações disponíveis pelo CPATT. Para atingir um número de pessoas atendidas pela casa de passagem proposta, foi feito um cruzamento de dados que será explanado a seguir.

A Fundação de Ação Social de Curitiba (FAS) realizou em 2016 um levantamento e chegou a um número de 1.715 pessoas em situação de rua em Curitiba. A Regional Matriz foi a que apresentou a maior concentração de pessoas com 59,1% do total (FAS, 2016, p. 1). Porém, ao traçar o perfil dessa população, não foram considerados orientação sexual e identidade de gênero.

Paralelamente, em São Paulo, a prefeitura divulgou o perfil socioeconômico da população em situação de rua da cidade no Diário Oficial, também em 2016, e pela primeira vez, a informação sobre orientação sexual foi incluída. De acordo com os dados levantados, 8,9% do total da população em situação de rua pertencem à comunidade LGBTQ+ (SMADS, 2018, p. 1).

De acordo com análise dos dados, a população LGBTQ+, há indícios de que o número de casos de tuberculose e portadores de HIV é maior nessa comunidade do que entre os heterossexuais em situação de rua. De um modo geral, essa população também parece sofrer mais agressões do que a heterossexual.

A partir da análise desses dados observa-se que as razões pelas quais as pessoas chegam à situação de rua são provenientes de diversos fatores, mas todos sofrem influência da questão social na atualidade. O desemprego, a falta de formação escolar e profissional, a violação dos direitos, os conflitos familiares, a ausência de moradia, enfim, todos estes agravos contribuem para essa situação de vulnerabilidade. (MACHADO, 2015, p. 64).

Segundo Prado e Machado (2008), essa questão afeta as populações LGBTQ+ de todas as formas citadas tal como acontece com o resto da população. Porém, de forma especial, a questão social neste grupo se constitui de forma desmobilizante, inferiorizando e invisibilizando estes indivíduos através dos preconceitos e discriminações que estes sofrem (MACHADO, 2015, p. 64).

Portanto, cruzando os dois dados apontados acima, e considerando a mesma porcentagem de São Paulo para a população de Curitiba, atinge-se um resultado estimado de 153 pessoas LGBTQ+ em situação de rua na cidade. O projeto proposto da casa de passagem atenderá até 50 pessoas, o que representa quase um terço da população estimada. Como não se sabe a porcentagem desse dado que seja trans, a proposta do abrigo abrangerá o acolhimento também de outras pessoas da

comunidade LGBT+, para evitar o risco de ociosidade. Os moradores poderão usufruir do serviço por até 3 meses, prazo podendo ser estendido de acordo com o caso. A casa atenderá duas populações diferentes: as de longo permanência, e as de média permanência, voltada para aquelas pessoas que precisam de apenas um lugar para comer e / ou dormir, e para as transexuais e travestis em situação precária que vêm de outros municípios para serem atendidas e não têm onde se hospedar.

Quando se trata de um acolhimento institucional é direito do acolhido que ele tenha atendimento em todas as esferas de sua cidadania, isto é, a recuperação de seus documentos, a atenção à sua saúde e condição física, moral e mental, à sua reintegração familiar e socioeconômica, estruturando sua reestabilização na sociedade (MACHADO, 2015, p. 63).

O projeto proposto tem como objetivo oferecer plataforma para a realização dessa reestabilização. Portanto, além da casa de passagem é proposta uma clínica de saúde voltada especificamente para os problemas de saúde enfrentados pelas transexuais e travestis, com atendimento endocrinológico, ginecológico, psiquiátrico, psicológico e médico da família e assistente social. Além desses dois usos, é proposto um centro comunitário para promover, não só a integração da comunidade com as pessoas trans, mas também para realizar projetos que auxiliem essa população, e oferecer cursos profissionalizantes e plataformas para gerar atividades que sirvam de terapia ocupacional para pessoas que estão em situação delicada.

A realização e profissão da terapia ocupacional foi criada no início do século XX, nos Estados Unidos. Teve sua prática reconhecida no contexto da reabilitação física e mental pela necessidade de reinserir os traumatizados de guerra na sociedade. Atualmente, essa área atua em nível de prevenção e promoção de saúde, tratamento e reabilitação que visa a inclusão social, isto é, a construção de espaços sociais receptivos para atender populações com algum tipo de diferença ou deficiência, e sujeitos com o desejo de ocupar um lugar de participação na vida social (RIBEIRO & OLIVEIRA, 2005, p. 427 e 428).

Nesse quesito, podem ser usados de exemplo os "Centros de Convivência e Cooperativas" (CeCCOs) adotados pela prefeitura de São Paulo, no período de 1989 a 2000. Estes equipamentos propunham a convivência entre pessoas portadoras de transtorno mental, portadores de deficiência física e/ou sensorial, idosos, crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, e a população em geral em espaços públicos, tais como, parques, praças, centros comunitários. Como estratégia

de ação utilizavam-se de oficinas nas quais se desenvolviam vários tipos de atividades, partindo-se das necessidades dos usuários, valorizando-se sua história e sua identidade sócio-cultural, com o objetivo de produzir e conceber saúde e, principalmente, pelo uso do recurso "atividade" para a busca de autonomia e da participação social (LOPES & LEÃO, 2002, p. 62).

Portanto, o centro comunitário proposto, promoverá a realização de oficinas terapêuticas, de geração de renda e de relaxamento. Tudo isso aliado a um incentivo de integração entre a população trans e a comunidade, estimulando a reinserção social das trans, e uma maior aceitação social. Os produtos das oficinas de geração de renda serão comercializados e parte do dinheiro arrecadado é destinada aos usuários, parte à manutenção do complexo. Será incluído nesse espaço um auditório para 200 pessoas para a realização de eventos, palestras, espetáculos, etc; uma biblioteca com salas de estudos; salas de aula que ofereçam cursos de línguas e cursos preparatórios para enem e vestibulares; salas de atividades diversas, que estimulem a mente e o corpo: teatro, dança, yoga, culinária, corte e costura, artes e artesanato; um café e duas lojas onde poderão ser vendidos os produtos resultantes das aulas e oficinas realizadas, gerando renda e oferecendo emprego à população trans.

Em relação à gestão desse centro de apoio, é proposto uma administração realizada por ONG, nesse caso, o Transgrupo, através de parecerias com o poder público e empresas privadas, utilizando-se de patrocínios e de rendas geradas por projetos realizados pelo próprio centro.

Após feita essa análise das necessidades e uma breve estruturação de como funcionará o projeto, é proposto o seguinte programa de necessidades (Tabelas 5, 6 e 7):

Tabela 5 – Pré-dimensionamento de áreas da clínica.

| CLÍNICA | | |
|--------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| SETOR | AMBIENTE | ÁREA (m²) |
| COMUNITÁRIO | ESPERA/CONVIVÊNCIA | 140,00 |
| | TOTAL | 140,00 |
| ATENDIMENTO | CONSULTÓRIOS MÉDICOS (2) | 25,00 |
| | CONSULTÓRIO PSICÓLOGO | 15,00 |
| | ASSISTÊNCIA SOCIAL | 15,00 |
| | OBSERVAÇÃO | 25,00 |

| | | |
|----------------------|-------------------|---------------|
| | TESTAGEM RÁPIDA | 10,00 |
| | TOTAL | 90,00 |
| ADMINISTRAÇÃO | RECEPÇÃO | 10,00 |
| | ADMINISTRAÇÃO | 20,00 |
| | TOTAL | 30,00 |
| SERVIÇO | SANITÁRIOS | 25,00 |
| | SALA FUNCIONÁRIOS | 25,00 |
| | DEPÓSITOS | 20,00 |
| | TOTAL | 70,00 |
| SUBTOTAL | | 330,00 |

Fonte: Autor (2018).

Tabela 6 – Pré-dimensionamento de áreas do abrigo.

| ABRIGO | | |
|----------------------|---|------------------|
| SETOR | AMBIENTE | ÁREA (m²) |
| COMUNITÁRIO | SALA DE ESTAR | 60,00 |
| | SALA DE JANTAR | 80,00 |
| | TOTAL | 140,00 |
| DORMITÓRIOS | QUARTOS DUPLOS (20) (LONGA PERMANÊN.) | 240,00 |
| | QUARTOS DUPLOS (5) (MÉDIA PERMANÊNCIA) | 60,00 |
| | TOTAL | 300,00 |
| ADMINISTRAÇÃO | RECEPÇÃO | 20,00 |
| | ADMINISTRAÇÃO | 30,00 |
| | TOTAL | 50,00 |
| SERVIÇO | SANITÁRIOS | 70,00 |
| | LAVANDERIA | 25,00 |
| | GUARDA PERTENCES | 25,00 |
| | COZINHA | 30,00 |
| | DEPÓSITO | 20,00 |
| | ÁREAS TÉCNICAS | 50,00 |
| | TOTAL | 220,00 |
| SUBTOTAL | | 710,00 |

Fonte: Autor (2018).

Tabela 7 – Pré-dimensionamento de áreas do centro comunitário.

| CENTRO COMUNITÁRIO | | |
|---------------------------|-------------------------------|-----------------------------|
| SETOR | AMBIENTE | ÁREA (m²) |
| COMUNITÁRIO | PRAÇA COBERTA | 400,00 |
| | AUDITÓRIO (200 pessoas) | 350,00 |
| | BIBLIOTECA | 170,00 |
| | SALA DE ESTUDOS | 80,00 |
| | SALAS DE AULA (2) | 120,00 |
| | SALA DE TEATRO | 150,00 |
| | SALA DE EXPRESSÃO CORPORAL | 80,00 |
| | SALA DE CORTE E COSTURA | 80,00 |
| | SALA DE ARTES | 80,00 |
| | SALA DE ARTESANATO | 80,00 |
| | SALA MULTIUSO | 80,00 |
| | SALA DE CULINÁRIA | 120,00 |
| | ASSESSORIA JURÍDICA | 20,00 |
| | TOTAL | 1.810,00 |
| COMÉRCIO | CAFÉ | 150,00 |
| | LOJAS (2) | 120,00 |
| | TOTAL | 270,00 |
| ADMINISTRAÇÃO | RECEPÇÃO | 20,00 |
| | ADMINISTRAÇÃO | 30,00 |
| | SECRETARIA | 30,00 |
| | TOTAL | 80,00 |
| SERVIÇO | SANITÁRIOS | 50,00 |
| | BASTIDORES | 55,00 |
| | CAMARINS | 20,00 |
| | FOYER | 120,00 |
| | DEPÓSITOS | 60,00 |
| | ÁREAS TÉCNICAS | 50,00 |
| | TOTAL | 355,00 |
| SUBTOTAL | | 2.515,00 |

Fonte: Autor (2018).

Tabela 8 – Total das áreas pré-dimensionadas.

| ÁREA TOTAL | | |
|--|------------------------------|-------------|
| SETOR | ÁREA TOTAL (m ²) | PORCENTAGEM |
| CENTRO COMUNITÁRIO | 2.515,00 | 56,60% |
| ABRIGO | 710,00 | 16,00% |
| CLÍNICA | 330,00 | 07,40% |
| SUBTOTAL | 3.555,00 | |
| ACRESCIMO DE 25% DE CIRCULAÇÃO E PAREDES | 889,00 | 25,00% |
| ÁREA TOTAL DO PROJETO | 4.444,00 | 100,0% |

Fonte: Autor (2018).

A área total atingida de 4.444,00 m² resulta em um coeficiente de aproveitamento 3. É proposto a criação de uma praça no térreo que dê acesso a todos esses usos e seja um ponto de encontro. Abaixo, no fluxograma (Figura 45) é possível perceber como se dará os acessos e fluxos do projeto.

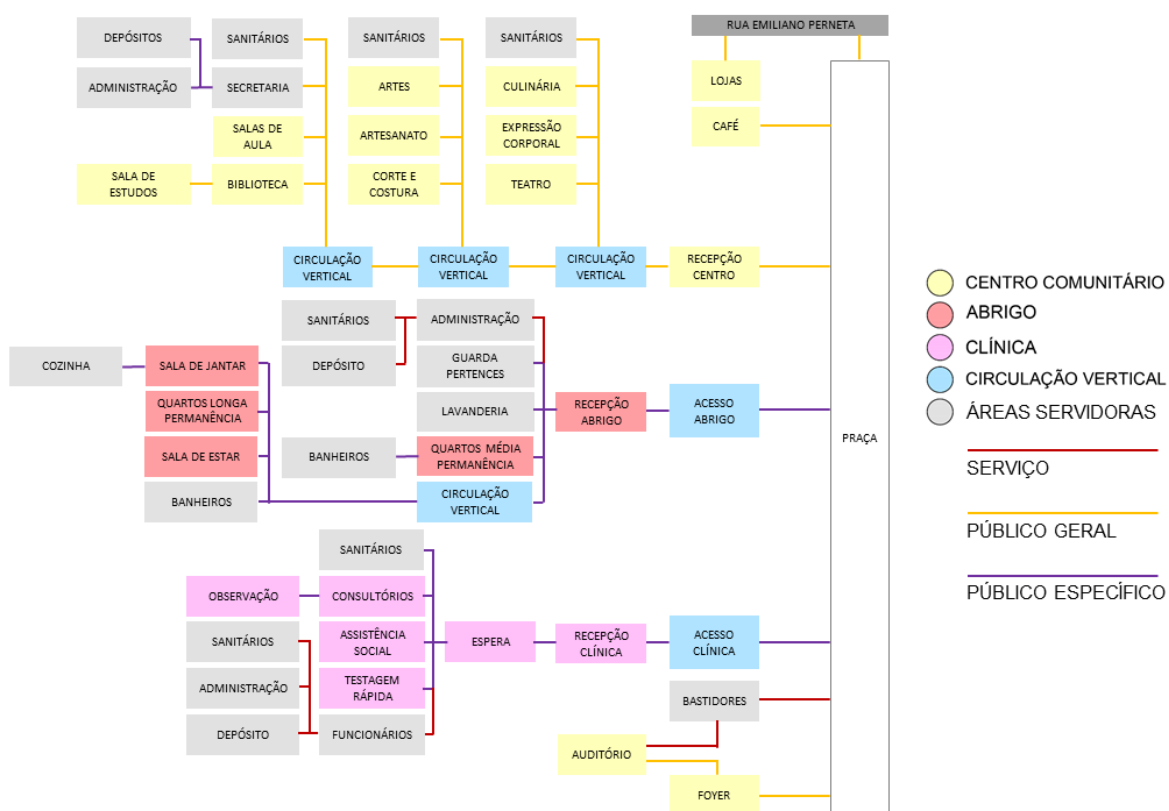


Figura 45 – Fluxograma.

Fonte: Autor (2018).

5.2 PLANO DE OCUPAÇÃO

Devido ao terreno ser estreito, porém longo, é proposto um plano de ocupação de forma que aproximadamente um terço do térreo seja liberado para a criação da praça e permitir os acessos independentes dos diferentes usos.

No térreo estarão localizados os espaços de comércio, para maior visibilidade da comunidade, e o auditório, permitindo uma facilidade de acesso de cenário aos bastidores, além das recepções independentes para os outros usos. No primeiro pavimento, localizam-se as salas de culinária, teatro e expressão corporal, além da continuação do pé direito duplo do auditório.

No segundo pavimento, salas de artes, artesanatos e corte e costura do centro comunitário. No mesmo pavimento, a localização da clínica, que terá um acesso independente pelo térreo.

O terceiro pavimento é integralmente composto por espaços do centro comunitário, sendo um andar de atividades que requerem maior silêncio: biblioteca, sala de estudos e salas de aula.

Acima disso, os pavimentos 4, 5 e 6 são compostos somente pelo abrigo, que também terá um acesso independente pelo térreo, e fica na parte mais alta da edificação visando uma maior privacidade dos usuários (Figura 46).

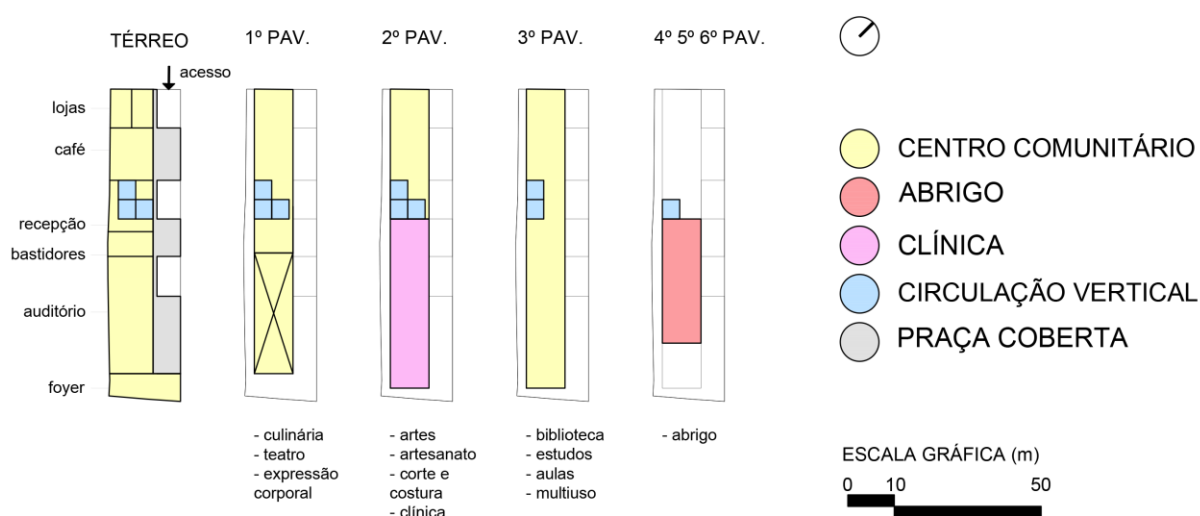


Figura 46 – Esquema de plantas.

Fonte: Autor (2018).

Essa proposta de plano de ocupação visa um bom aproveitamento do terreno, sendo um ponto de destaque no entorno, mas ao mesmo tempo, não sendo uma construção de impacto tão grande. A setorização é realizada de maneira que os usos fiquem separados, permitindo a funcionalidade independente de cada um, e dando o espaço e privacidade talvez desejada pelos usuários.

Como resultado, podemos observar nos esquemas a seguir (Figuras 47, 48 e 49), um desenho de implantação, uma perspectiva setorizada do projeto inserido em seu entorno, e uma perspectiva explodida para demonstrar didaticamente os diferentes usos e acessos.



Figura 47– Esquema de implantação.

Fonte: Autor (2018).

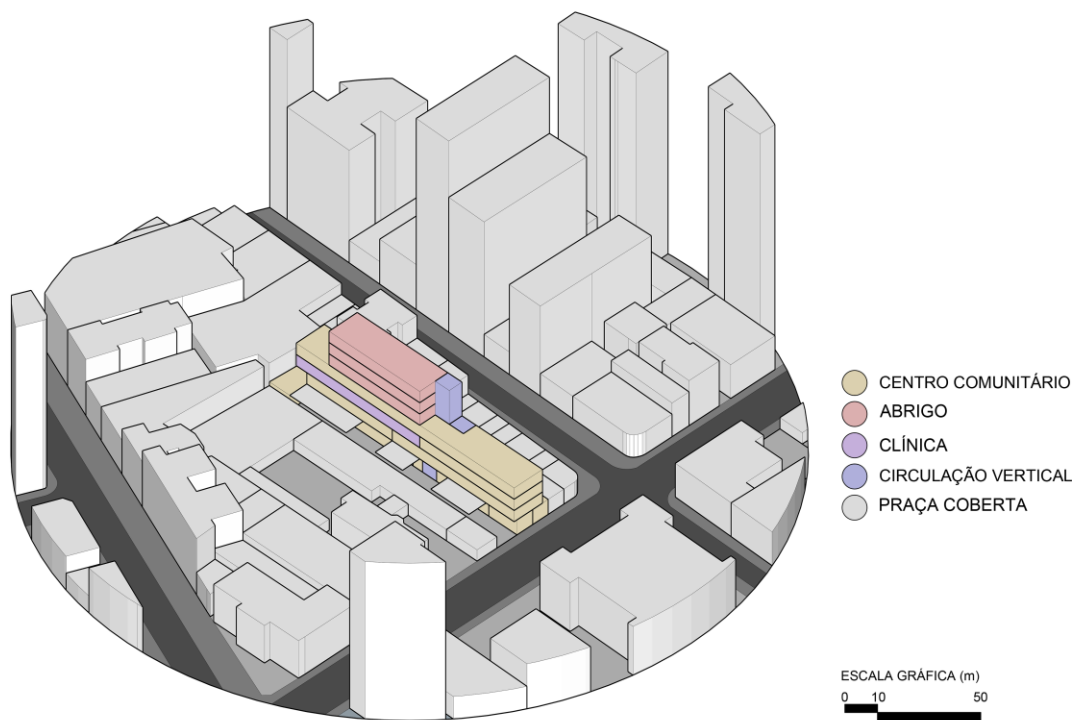


Figura 48 – Perspectiva setorizada com entorno.

Fonte: Autor (2018).

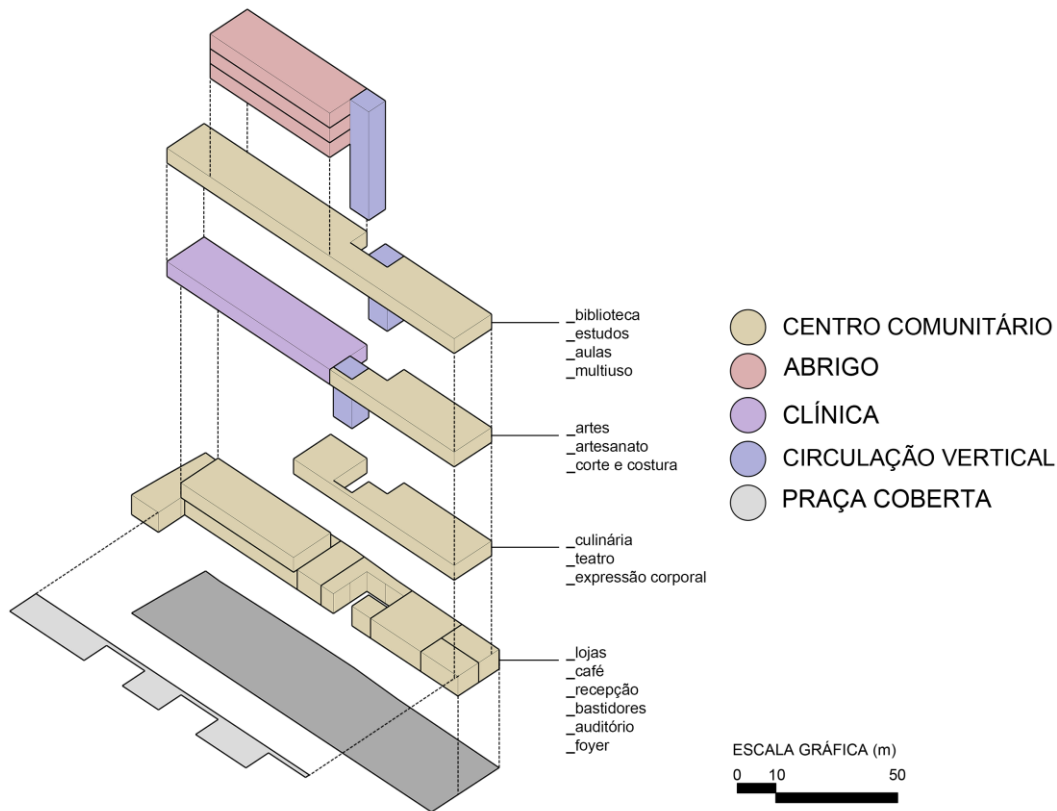


Figura 49 – Perspectiva setorizada explodida.

Fonte: Autor (2018).

O motivo pelo qual foi escolhido manter a altura em até 3 pavimentos no alinhamento predial é a presença do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto na frente do terreno, um prédio é tombado como patrimônio histórico desde 1994 (SEED, 2016, p. 1), que possui uma altura de aproximadamente 13 metros. Foi escolhido respeitar este gabarito na frente do edifício, subindo mais pavimentos apenas no interior do terreno (Figura 50).

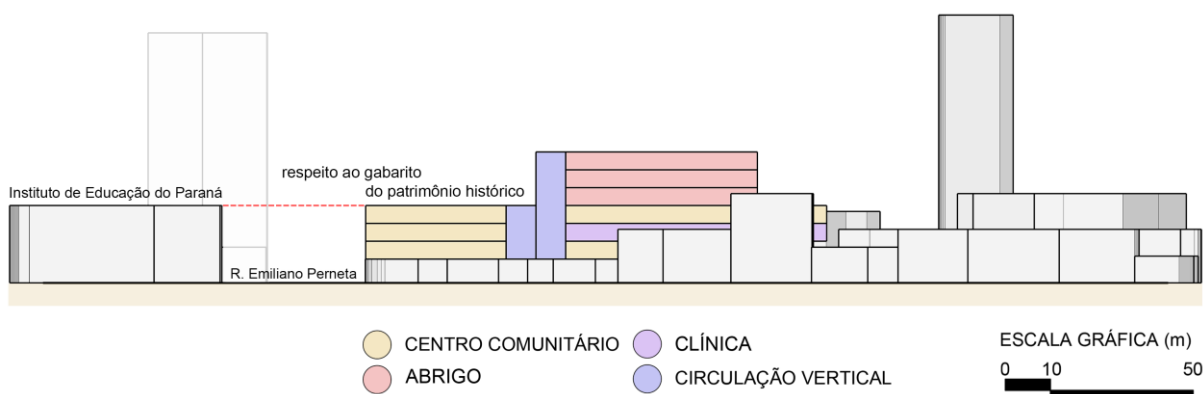


Figura 50 – Esquema de vista.

Fonte: Autor (2018).

Tendo em vista essa proposta de plano de ocupação, na realização do projeto arquitetônico serão levadas em considerações as características de um ambiente restaurador (Ver Capítulo 2.3.1) e elementos projetuais identificados nos estudos de caso, sempre levando em consideração a funcionalidade e conforto da edificação.

6 PROPOSTA

Com base nesta pesquisa, foi desenvolvido o desenho arquitetônico da edificação que abriga o Centro de apoio para a população transexual e travesti em Curitiba (Figura 51), complexo que é composto por um centro comunitário, uma clínica especializada em saúde trans e um abrigo para pessoas da comunidade LGBTQ+ em situação de vulnerabilidade. O projeto levou em consideração às análises feitas no desenvolvimento da monografia, às condicionantes do terreno escolhido e às diretrizes projetuais apresentadas no capítulo anterior.

O centro foi nomeado de "Casa Dandara", em homenagem à memória de Dandara dos Santos, travesti assassinada em 15 de fevereiro de 2017, que foi espancada e executada a tiros em Fortaleza, no Ceará. O caso teve grande repercussão devido às imagens do crime serem divulgadas nas redes sociais.



Figura 51 – Perspectiva Lateral Esquerda.

Fonte: Autor (2018).

Inspirados pelas cores azul, branco e rosa da Bandeira do Orgulho Trans, os materiais empregados no projeto foram madeira, concreto e as cores branco e rosa, além das esquadrias de vidro (Figura 52). O maior partido em relação ao tratamento de fachada do projeto foi a diferenciação imediata dos usos distintos na fachada do centro, através dos materiais e das esquadrias.

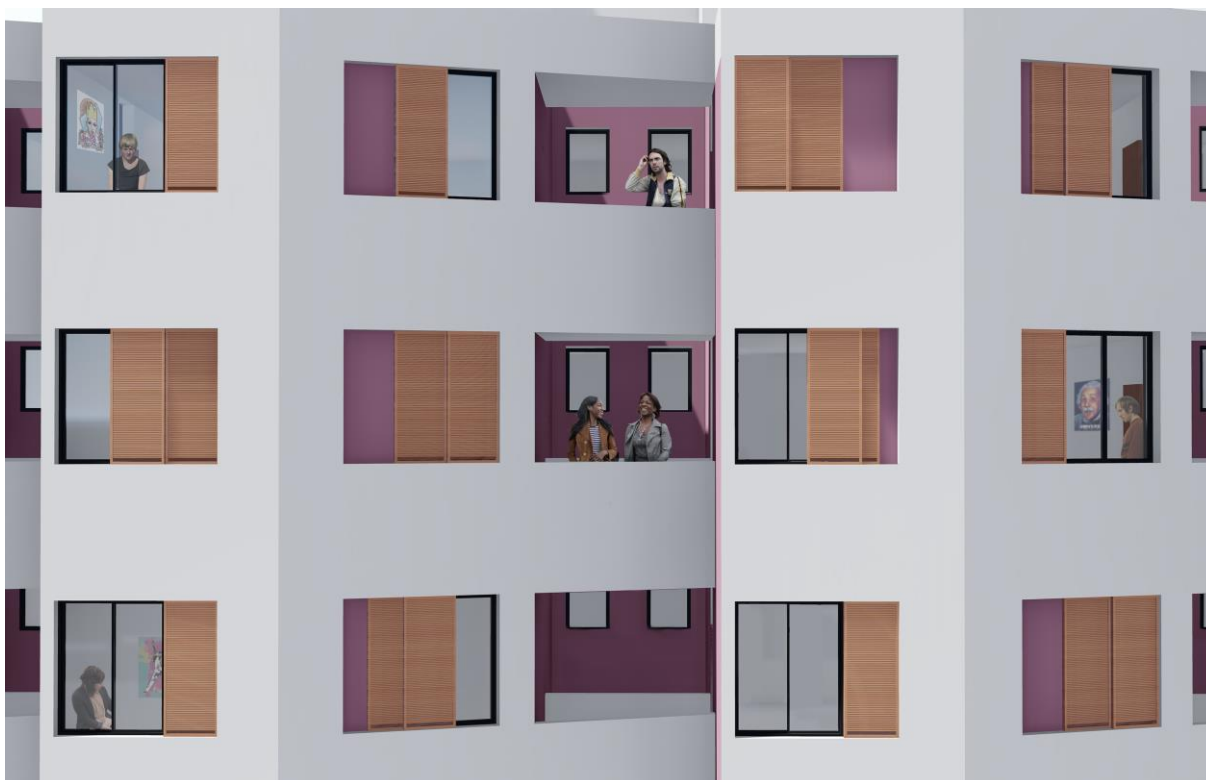


Figura 52 – Fachada do Abrigo.

Fonte: Autor (2018).

No térreo foram localizados os usos de maior uso público: lojas, café, recepção e auditório, com as lojas voltadas para a fachada frontal, seguindo o perfil já existente na rua. Prezou-se pela presença de, além de ambientes internos de qualidade (Figura 53), áreas externas de convivência que fossem agradáveis ao usuário e proporcionasse uma variedade de possibilidades de usos, como feiras e apresentações ao ar livre, além de trazer leveza ao projeto (Figuras 54 e 55).



Figura 53 – Ateliê de Costura.

Fonte: Autor (2018).



Figura 54 – Área externa de convivência.

Fonte: Autor (2018).



Figura 55 – Praça de Acesso.

Fonte: Autor (2018).



Figura 56 – Perspectiva Lateral Direita.

Fonte: Autor (2018).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população transexual e travesti está, aos poucos, alcançando avanços no que se diz respeito a conquista de seu espaço social. Porém, à medida que essa discussão e aceitação social progride, nota-se o aumento nos dados de violência contra essa comunidade. Portanto, nos vemos numa necessidade de proteção dessa população, da sua reinserção social, e de incentivar uma aceitação pela comunidade.

Ao finalizar esta pesquisa, é notável que a discussão sobre o assunto é recente. Portanto, foram encontradas algumas dificuldades em relação a referências bibliográficas e dados concretos sobre o tema, especialmente sobre estudos de caso e dados locais da cidade de Curitiba e do estado do Paraná. A análise dos estudos de caso teve que ser adaptada, visto que não há projeto arquitetônico de referência com a mesma proposta. A inexistência de um levantamento preciso denuncia a negligência do poder público tratando-se desse grupo de minorias invisibilizado e marginalizado. Porém esses obstáculos enfrentados reforçam a importância desta pesquisa, uma vez que pode influenciar outras relacionadas ao tema.

Entretanto, chegou-se em um resultado condizente com a realidade, visto que propostas similares em outros estados tiveram sucesso e é notável a existência da demanda. O programa de necessidades foi o resultado de uma união entre diferentes projetos estudados; mas além disso, foi desenvolvido a partir de conversas diretas com o Transgrupo, que acompanha de perto as reais necessidades da população e realiza projetos em auxílio da mesma, e a ONG assente com o espaço e os usos propostos.

Conclui-se que a proposta desse tipo de equipamento para que o mesmo atenda, desde o início, sua função, atinge os objetivos e diretrizes, bem como será de grande avanço da inclusão social dessa comunidade. Os espaços e suas ligações acontecerão de forma racional e funcional, visando sempre a integração entre os espaços público e privativo, trazendo ao público uma integração direta com a comunidade e ao mesmo tempo uma privacidade para lidar com aspectos delicados de suas vidas. Será um espaço que promove a discussão sobre o assunto, a aceitação social e a representatividade dessas pessoas que merecem usufruir de bem-estar e cidadania.

8 REFERÊNCIAS

AEN - Agência de Notícias do Paraná. **Estado oferece apoio no processo de nova identidade de gênero**. Paraná, set. 2017. Disponível em <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=95371&tit=Estado-oferece-apoio-no-processo-de-nova-identidade-de-genero>>. Acesso em 25 maio 2018.

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasília, jan. 2018, 121 p. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/mapa-dos-assassinatos/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

ARAÚJO, Isaac Rodas; SILVA, Ediane Viana da; SOUSA, Stéphane Figueiredo de. **O processo de despatologização do transtorno de identidade de gênero**. Psicopedagogia On Line, Paraíba, maio 2017. Disponível em: <<https://www.psicopedagogia.com.br/index.php/3226-o-processo-de-despatologizacao-do-transtorno-de-identidade-de-genero-2>>. Acesso em 06 abril 2018.

ARCHDAILY. **Clínica Sayanomoto / Yamazaki Kentaro Design Workshop**. Archdaily, jan. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/804457/clinica-sayanomoto-yamazaki-kentaro-design-workshop>>. Acesso em 11 maio 2018.

BENTO, Berenice. **O Que É Transexualidade**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008 (Coleção Primeiros Passos).

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 569-581, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200017>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BOECKEL, Cristina. **Casa ajuda transexuais e travestis a conquistar educação e respeito**. G1 Rio, jul. 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/casa-na-lapa-ajuda-transexuais-e-travestis-conquistar-educacao-e-respeito.html>>. Acesso em 13 maio 2017.

CERVINI, Esther Aparecida. Abrigo primordial e envoltura psíquica:duplicidade do setting em psicopatologia fundamental. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 7, n. 4, p. 59-76, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142004000400059&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 abr. 2018.

DITTMAR, A. C. C. **Paisagem e morfologia de vazios urbanos: análise da transformação dos espaços residuais e remanescentes urbanos ferroviários em Curitiba, Paraná**. 2006. 230 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 2, n. 2, p. 349-362, dez. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2018.

FAS - Fundação de Ação Social. **FAS realiza pesquisa sobre população em situação de rua de Curitiba**. Paraná, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/fas-realiza-pesquisa-sobre-populacao-em-situacao-derua-de-curitiba/40126>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**. Brasília, 24 p., abr. 2012. Disponível em: <https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans>. Acesso em: 02 abr. 2018.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen. **The experience of nature: a psychological perspective**. Nova Iorque: Cambridge University, 1898.

KAPLAN, Stephen. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. **Journal of Environmental Psychology**, v. 15, n. 3, p. 169-182, 1995.

KUHNEN, Ariane; PUFF, Sandra. Psicologia ambiental: a percepção de ambientes/espaços restauradores nas escolas e em educandos com TDAH. **Revista Uniasselvi-Pós**, Santa Catarina, v. 1, n. 3, p. 34-44, maio 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/303677260_Psicologia_ambiental_a_percepcao_de_ambientesespacos_restauradores_nas_escolas_e_em_educandos_com_TDAH>. Acesso em 30 abr. 2018.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. 5ª ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

LISBOA, Vinícius. **Abrigos LGBT se espalham e reúnem histórias de orgulho e superação**. Agência Brasil, jun. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-06/abrigos-lgbt-se-espalham-e-reunem-historias-de-orgulho-e-superacao>>. Acesso em 10 maio 2018.

LOPES, R. E.; LEÃO, A. **Terapeutas ocupacionais e os centros de convivência e cooperativas: novas ações de saúde**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.13, n.2, p.56-63, 2002.

LOUREIRO, Gabriela; VIEIRA, Helena. Tudo que você sabe sobre gênero está errado. **Revista Galileu**, maio 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/05/tudo-o-que-voce-sabe-sobre-genero-esta-errado.html>>. Acesso em 05 abr. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.

MAIA, Bibiana. **Conheça 5 casas e uma plataforma que oferecem abrigo para LGBTs**. Projeto Colabora, set. 2017. Disponível em: <<https://projetocolabora.com.br/genero/casas-dao-abrigo-para-lgbts/>>. Acesso em 13 maio 2018.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. **Casa e Lar: A essência da arquitetura**. Arqtextos – Periódico mensal de textos de arquitetura. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/arqtextos>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 3, n. 1, p. 121-130, jun. 1998 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 abr. 2018.

NUNES, Brunella. **Conheça a Casa Nem, um exemplo de amor, acolhimento e apoio a transexuais, travestis e transgêneros no RJ**. Hypheness, 2017. Disponível em: <<http://www.hypheness.com.br/2016/08/casa-nem-e-um-exemplo-de-amor-acolhimento-e-apoio-a-transexuais-travestis-e-transgeneros-no-rj/>>. Acesso em 13 maio 2018.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. Arquitetura, urbanismo e Psicologia Ambiental: uma reflexão sobre dilemas e possibilidades da atuação integrada. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 155-165, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 abr. 2018.

PANERARI, Vanessa. **Conheça a CASA 1, a casa de cultura e acolhimento LGBT em São Paulo**. Lado M, fev. 2017. Disponível em <<http://www.siteladom.com.br/casa-1/>>. Acesso em 12 maio 2018.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades – A hierarquia da invisibilidade**. Coleção Preconceitos. São Paulo: Cortez, 2008.

Prefeitura Municipal de Curitiba. Lei nº 9800/2000. **Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo**. Curitiba, 2000.

Prefeitura Municipal de Curitiba. **Portaria 80/2013: Caderno de Anexos – Regulamento de Edificações**. Curitiba, 2013.

Prefeitura Municipal de Curitiba. **Plano Diretor 2014-2024**. Material de apoio. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/material-de-apoio-plano-diretor/1756>>. Acesso em 30 maio 2018.

REDAÇÃO GLAMOUR. **Conheça o Casa1, projeto de cultura e acolhimento LGBT no centro de São Paulo**. Revista Glamour, nov. 2016. Disponível em <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2016/11/conheca-o-casa1-projeto-de-cultura-e-acolhimento-lgbt-no-centro-de-sao-paulo.html>>. Acesso em 13 maio 2018.

RIBEIRO, Marli B. Santos; OLIVEIRA, Luiz Roberto de. **Terapia ocupacional e saúde mental: construindo lugares de inclusão social**. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 9, n. 17, p. 425-431, Aug. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 maio 2018.

SAADEH, Alexandre. **Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino**. 2004. 265 p. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SEED - Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Instituto de Educação do Paraná comemora 140 anos**. Paraná, abril 2016. Disponível em: <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=6427>>. Acesso em 02 jun. 2018.

SESA - Secretaria de Estado da Saúde do Paraná. **Paraná investe na capacitação sobre o processo transexualizador**. Paraná, julho 2018. Disponível em:

<<http://www.saude.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=5594>>. Acesso em 27 maio 2018.

SILVA, Elvan. **Matéria, idéia e forma. Uma definição de arquitetura**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994.

SILVA, Bruno de Brito; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, p. 27-44, dez. 2014. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 abr. 2018.

SMADS - Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo. **Censo da População em Situação de Rua**. CPMT, São Paulo, 2015.

Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/pesquisas/index.php?p=18626>. Acesso em 09 jun. 2018.

TARNOWSKI, Camila Martinez Lima. **Percepção da paisagem: estudo sobre vazios urbanos no centro de Curitiba**. BDTD, Paraná, 2007. Disponível em: <http://btdt.ibict.br/vufind/Record/P_PR_0a400f12f1abb43098b6580d330eccc0>. Acesso em 02 jun. 2018.

TRANSVEST. **Sobre Nós**. Transvest.org, mar. 2017. Disponível em <<http://transvest.org/sobre-nos/?%3E>>. Acesso em 13 maio 2018.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VASCONCELOS, Elis. **Bem vindos à Casa Nem**. RIOetc, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.rioetc.com.br/sem-categoria/bem-vindos-a-casa-nem/>>. Acesso em 13 maio 2018.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Transfobia e Homofobia como crimes de ódio e a necessidade de sua repressão pelo estado**. Mapa dos assassinatos de

Travestis e Transexuais no Brasil em 2017, p. 67-89, São Paulo, jan. 2018.

Disponível em <<https://antrabrazil.org/mapa-dos-assassinatos/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

APÊNDICE A – PRANCHAS DO PROJETO

CASA DANDARA

Centro de Apoio para a população Transexual e Travesti em Curitiba

Hyan Felipe Gallo Caminha
Prof. Orientadora Fernanda Botter

Trabalho de Conclusão de Curso 2S 2018
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Curso de Arquitetura e Urbanismo DEAAU

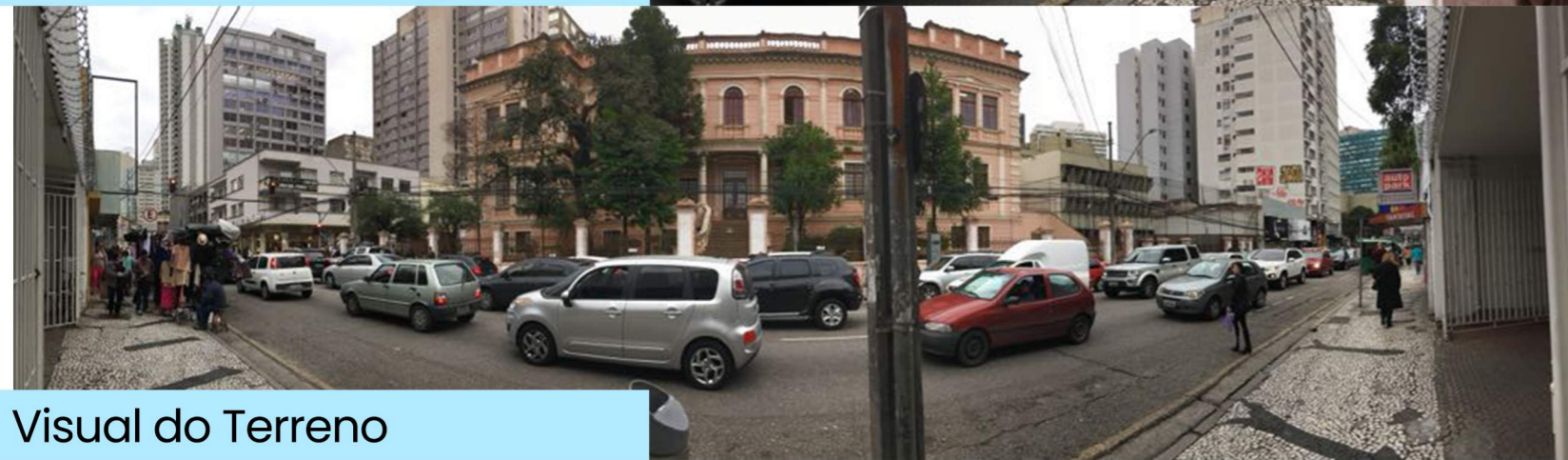


O Brasil é o país que mais mata transexuais e travestis no mundo, de acordo com a ONG internacional Transgender Europe. A taxa de homicídios em 2017 foi a maior registrada nos últimos dez anos. No ano passado, de acordo com os dados do Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), foram 179 assassinatos, o que representa 52% da porcentagem mundial (2018). Além de temerem por suas próprias vidas morando em um dos países mais transfóbicos do mundo, essa população sofre preconceito diariamente e têm até direitos básicos de personalidade negados, como o direito à própria identidade. Em consequência desse panorama nacional, essas pessoas enfrentam dificuldades para se inserir no mercado de trabalho e na sociedade. Isso resulta em uma grande parcela trabalhando na prostituição – principalmente as travestis e mulheres trans, que vem a ser o grupo mais afetado pelos crimes de ódio.

Esse grupo se constitui de uma minoria de gênero que, juntamente com homossexuais e bissexuais (minorias sexuais), configuram-se como merecedores de especial proteção do Estado, em razão das fobias e discriminações que sofrem devido a sua identidade de gênero e/ou orientação sexual (VECCHIATTI, 2018, p. 7). Em termos de proteção social por intermédio do Direito Penal, o direito à segurança é fundamental e previsto no art. 5º da Constituição Federal. Ou seja, no caso dessa população que se encontra insuficientemente protegida, o Estado teria o dever constitucional de aprovar leis, medidas e políticas públicas para efetivar a segurança da população em questão das opressões que sofrem. (VECCHIATTI, 2018, p. 73). Entretanto, essa não é a realidade a qual nos encontramos: essa população atualmente encontra-se desamparada e invisibilizada, tanto pelo Estado, quanto pela sociedade como um todo.

Butler (2009, p. 97) chama atenção ao contexto social, e afirma que a autonomia trans não será alcançada sem a assistência e o suporte de uma comunidade, principalmente porque apenas pelo fato de serem incluídas dentro das identidades de gênero consideradas desviantes, essas pessoas sofrem com discriminação e intolerância. Tendo em vista todos os obstáculos e riscos que essa população enfrenta, e a necessidade de um apoio da sociedade, torna-se pertinente a criação de um ambiente seguro, que ampare essas pessoas nas situações de dificuldade e que além de suprir necessidades básicas, ofereça uma plataforma que possa ajudá-los a se (re)inserir no mercado de trabalho e na sociedade. Outrossim, além de fornecer ajudas específicas, que a edificação seja considerada um marco e traga visibilidade para a comunidade trans e conscientização para a população.

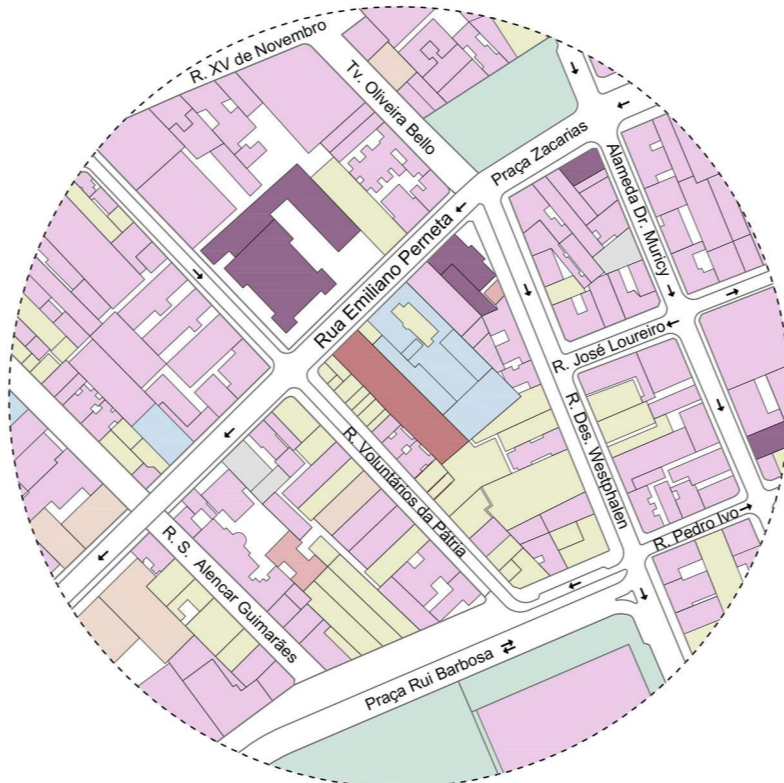
Escolha do Terreno



Fachada Atual do Terreno

Visual do Terreno

Condicionantes



- TERRENO
- COMÉRCIO
- SERVIÇO
- RESIDENCIAL
- INSTITUCIONAL
- MISTO
- ESTACIONAMENTO
- PRAÇA
- ABANDONADO

ESCALA GRÁFICA (m)
0 10 50 100



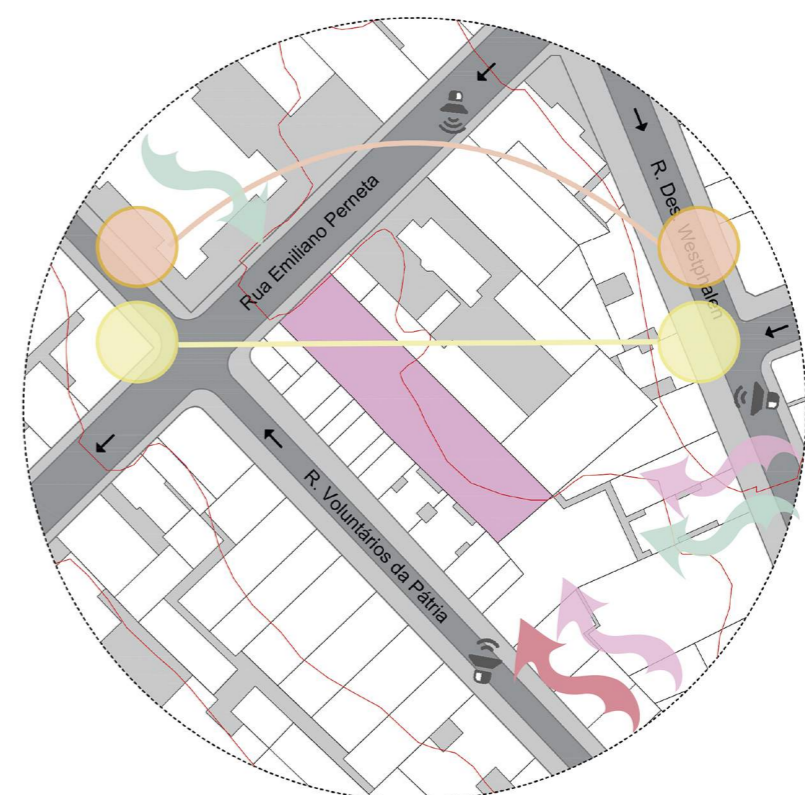
- TERRENO
- 1 - 4 PAVIMENTOS
- 5 - 10 PAVIMENTOS
- 11 - 28 PAVIMENTOS

ESCALA GRÁFICA (m)
0 10 50 100



- TERRENO
- ALTO VEÍCULOS
- MÉDIO VEÍCULOS
- BAIXO VEÍCULOS
- ALTO PEDESTRES
- MÉDIO PEDESTRES
- BAIXO PEDESTRES
- CANELETA ÔNIBUS

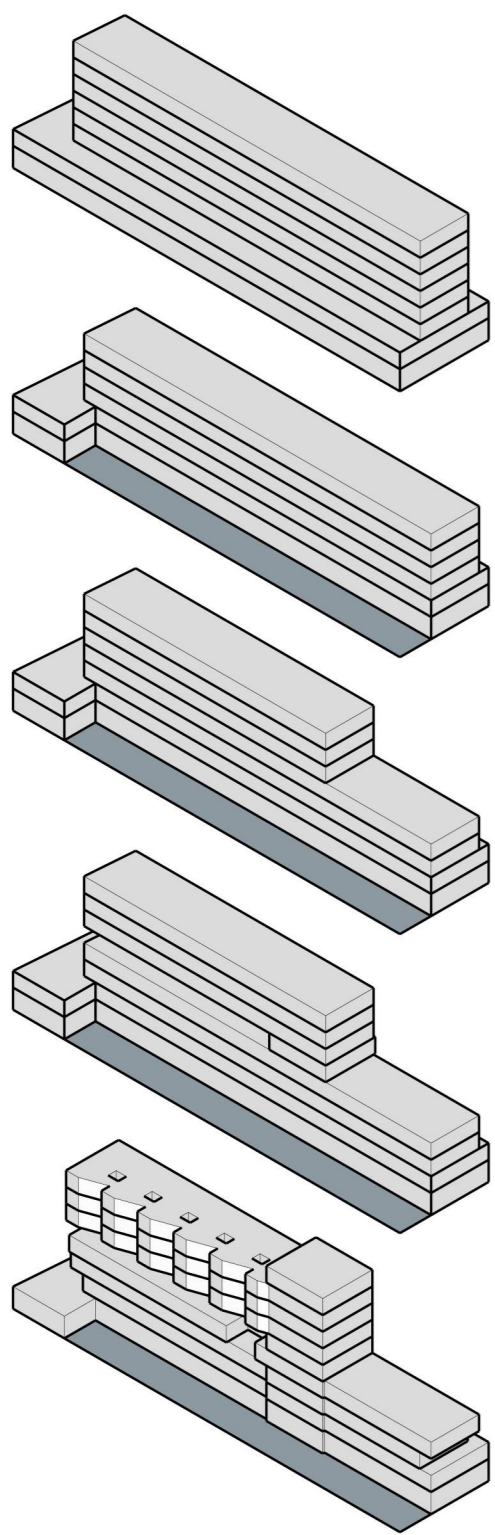
ESCALA GRÁFICA (m)
0 10 50 100



- SOLSTÍCIO VERÃO
- SOLSTÍCIO INVERNO
- VENTOS PREDOMINANTES
- VERÃO / PRIMAVERA
- INVERNO
- VENTOS MAIS FREQUENTES
- RUIDOS

ESCALA GRÁFICA (m)
0 10 50

Estratégias de Ocupação



Ocupação total do terreno seguindo os parâmetros construtivos da linha amarela: 1480 m²; 100% de utilização do térreo e primeiro pavimento, 50% nos demais pavimentos; Coeficiente de aproveitamento igual a 4.

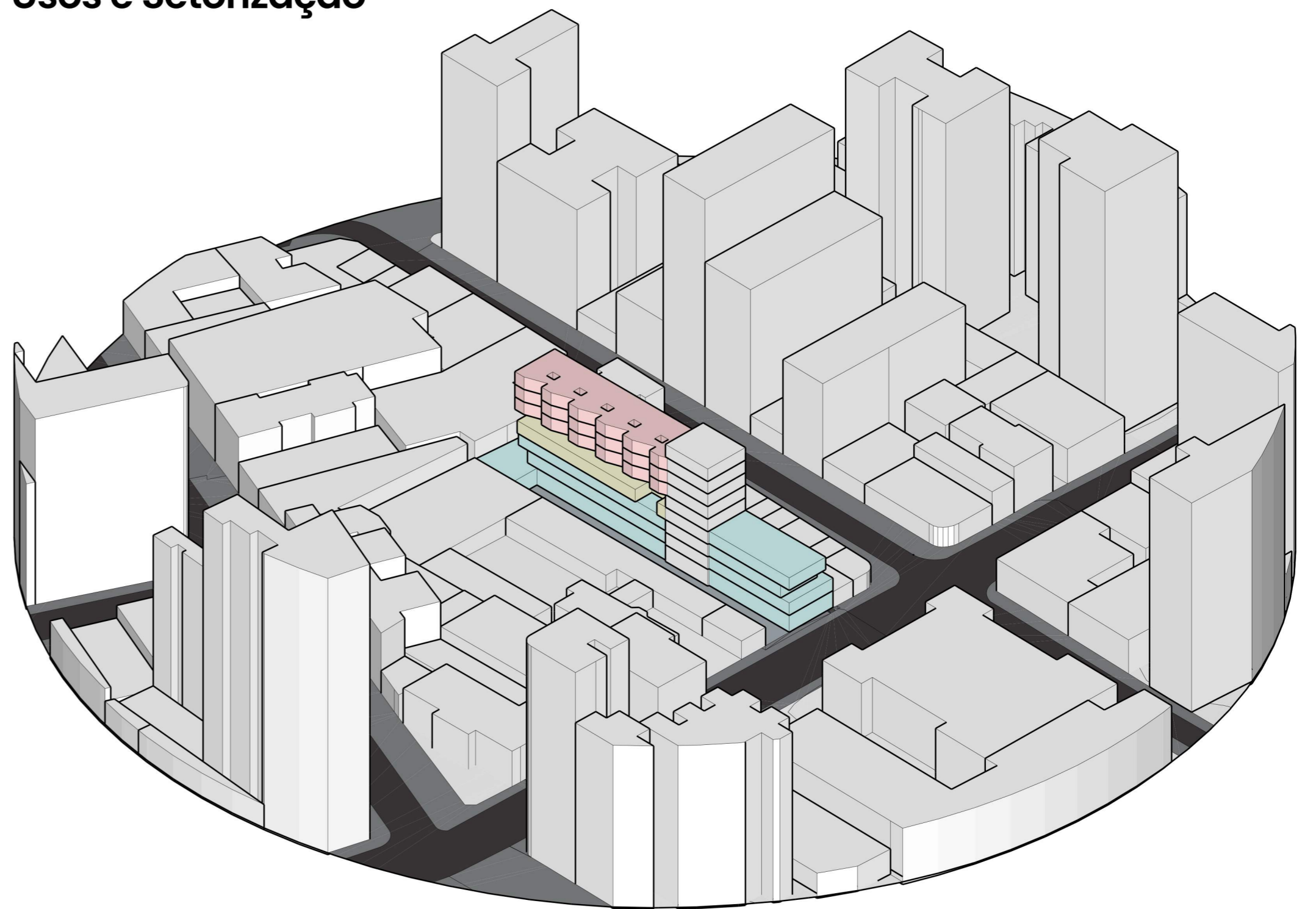
Utilizar um terço do terreno para a abertura de uma praça interna de acesso aos usos, além de garantir melhor insolação norte para maior parte do complexo.

Recuar o prédio a partir do terceiro pavimento, de modo que, no alinhamento predial, a construção respeite o gabarito do patrimônio tombado que se encontra à sua frente, o Instituto de Educação do Paraná.

Liberar o 4º pavimento para a criação de um outro espaço de convivência externo, integrando todos os usos do complexo, além de proporcionar uma leveza estética para o prédio.

A partir dessa base, utilizar de recuos para um maior dinamismo ao projeto, ângulos para um melhor aproveitamento da insolação norte, e recortes para criar um canal de ventilação para banheiros e maior entrada de luz no pavimento livre.

Usos e Setorização



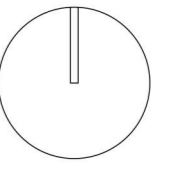
Abrigo

Clínica

Centro Comunitário

Acesso Vertical

Perspectiva Aérea



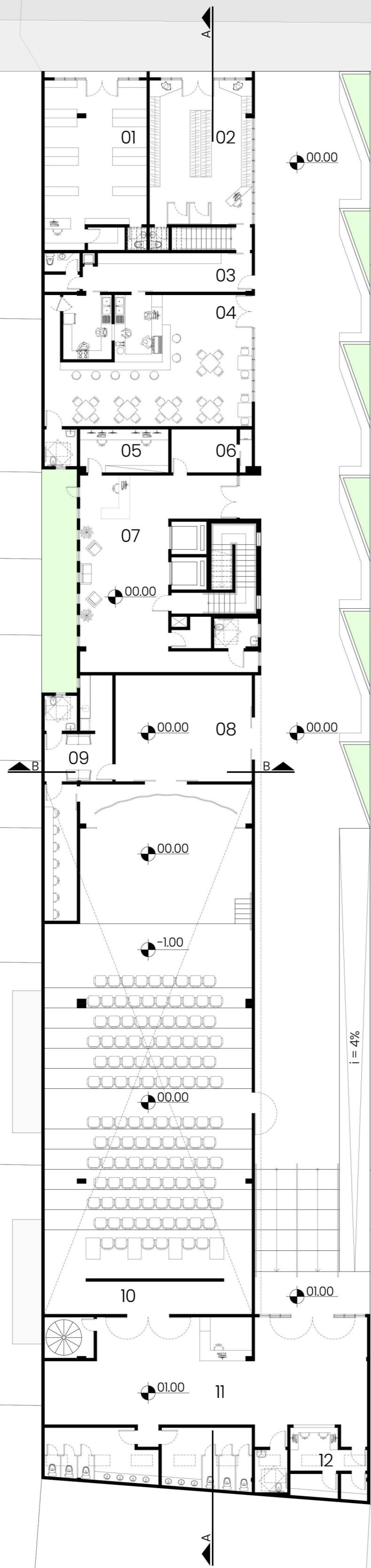
IMPLANTAÇÃO ESCALA 1:500



Perspectiva Aérea

Rua Emiliano Perneta

Rua Voluntários da Pátria



PLANTA TÉRREO ESCALA 1:200



10 Auditório



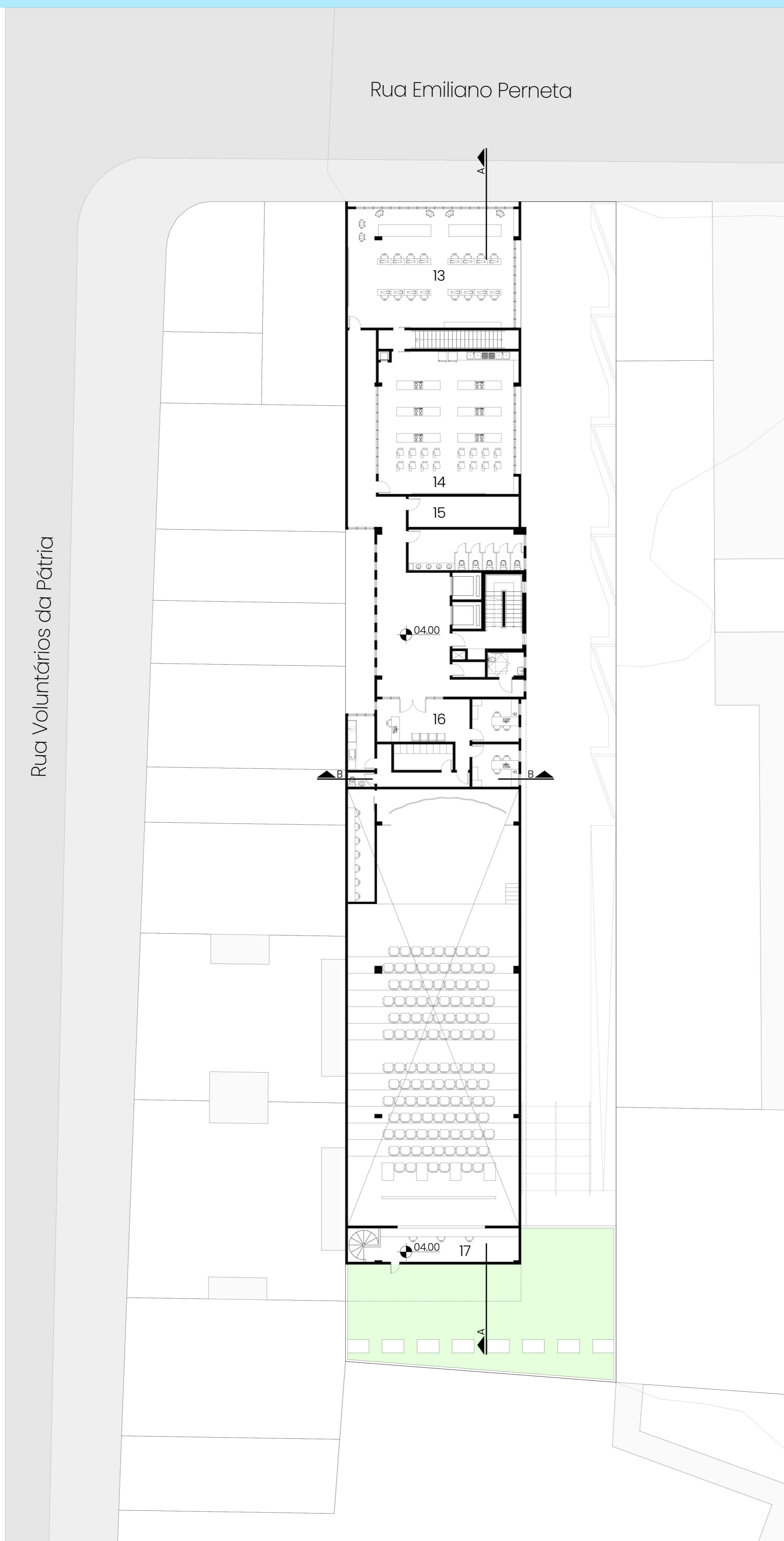
10 Auditório

LEGENDA

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| 01 Loja de Artesanato | 22 Ensaio / Multiuso |
| 02 Loja de Roupas | 23 Recepção Clínica |
| 03 Depósito Café | 24 Depósito de Resíduos Sólidos |
| 04 Café | 25 Psicólogo / Assistência Social |
| 05 Sala de Segurança | 26 Assistência Jurídica |
| 06 Depósito de Lixo / Acesso Cisterna | 27 Consultório Médico |
| 07 Recepção | 28 Testagem Rápida |
| 08 Depósito Auditório | 29 Administração Clínica |
| 09 Camarim | 30 Convivência |
| 10 Auditório | 31 Administração Abrigo |
| 11 Foyer | 32 Academia |
| 12 Administração Auditório | 33 Estar |
| 13 Ateliê de Costura | 34 Jantar |
| 14 Cozinha Escola | 35 Cozinha |
| 15 Almoarifado | 36 Dispensa |
| 16 Administração Centro Comunitário | 37 Lavanderia |
| 17 Sala de Projeção Auditório | 38 Estendal |
| 18 Oficina | 39 Copa / TV |
| 19 Sala de Informática | 40 Quartos |
| 20 Sala de Aula | 41 Depósito |
| 21 Biblioteca | |



Praça de Acesso



PLANTA 1º PAVIMENTO ESCALA 1:200



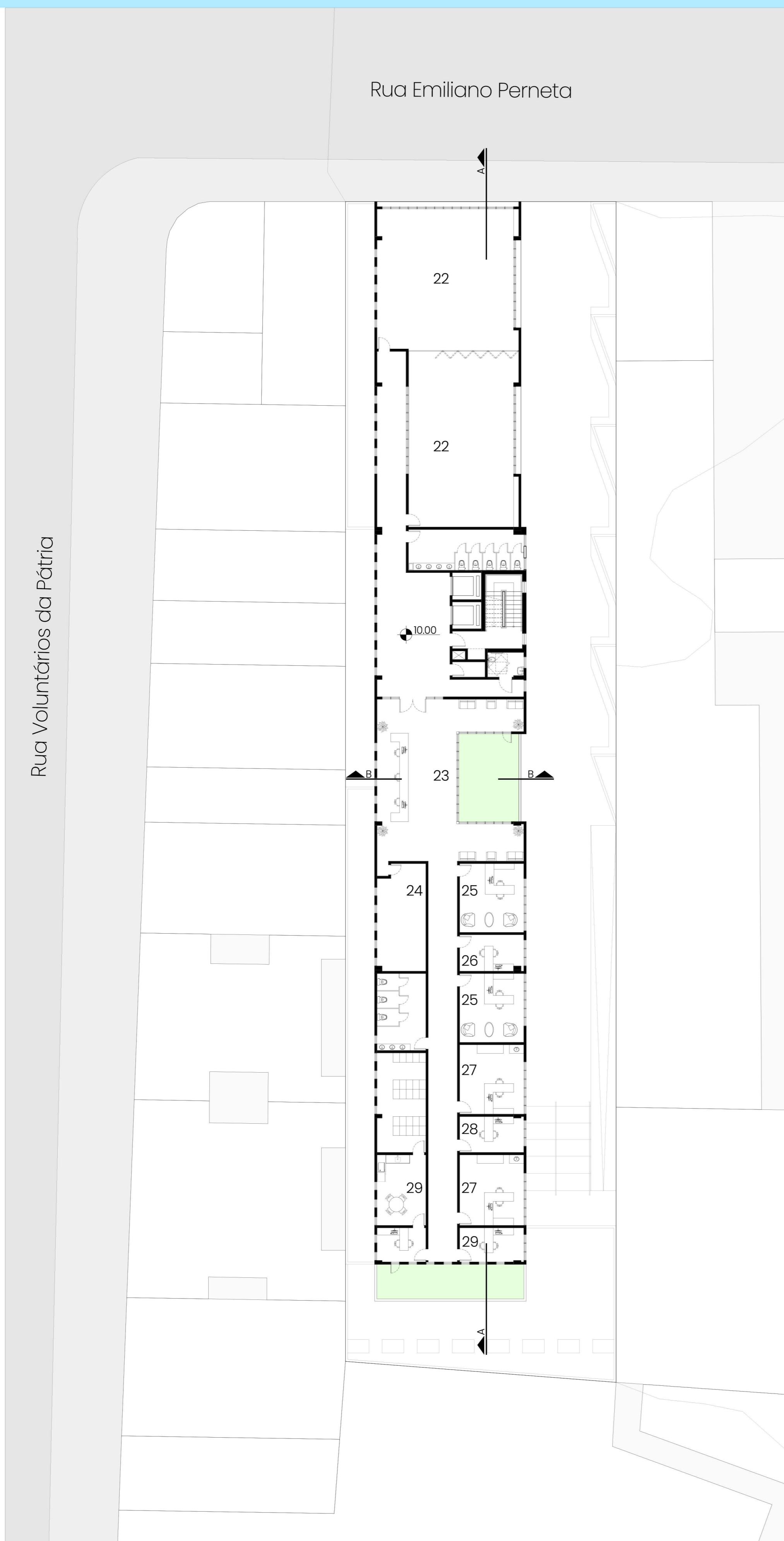
PLANTA 2º PAVIMENTO ESCALA 1:200

LEGENDA

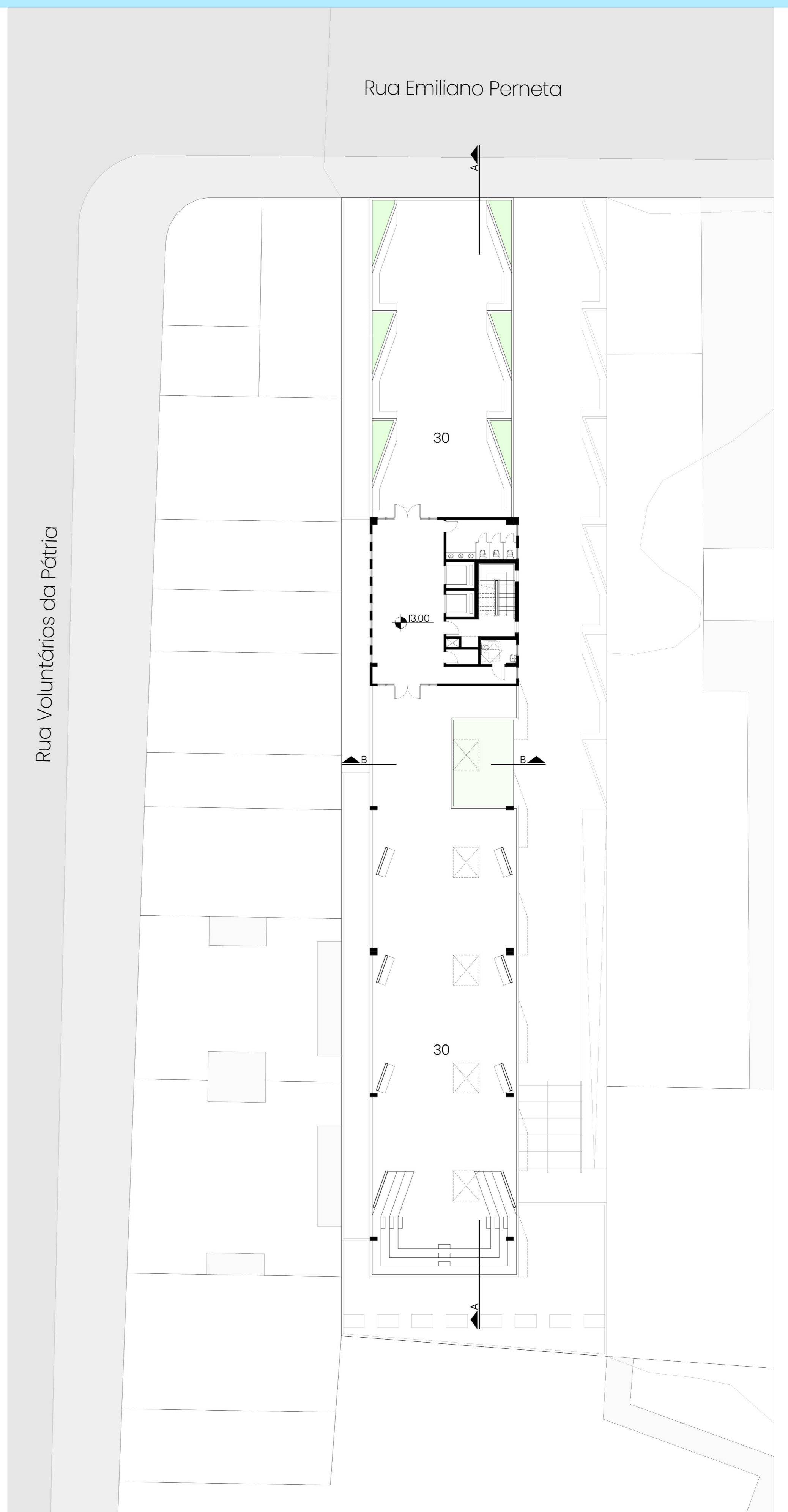
- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| 01 Loja de Artesanato | 22 Ensaio / Multiuso |
| 02 Loja de Roupas | 23 Recepção Clínica |
| 03 Depósito Café | 24 Depósito de Resíduos Sólidos |
| 04 Café | 25 Psicólogo / Assistência Social |
| 05 Sala de Segurança | 26 Assistência Jurídica |
| 06 Depósito de Lixo / Acesso Cisterna | 27 Consultório Médico |
| 07 Recepção | 28 Testagem Rápida |
| 08 Depósito Auditório | 29 Administração Clínica |
| 09 Camarim | 30 Convivência |
| 10 Auditório | 31 Administração Abrigo |
| 11 Foyer | 32 Academia |
| 12 Administração Auditório | 33 Estar |
| 13 Ateliê de Costura | 34 Jantar |
| 14 Cozinha Escola | 35 Cozinha |
| 15 Almoarifado | 36 Dispensa |
| 16 Administração Centro Comunitário | 37 Lavanderia |
| 17 Sala de Projeção Auditório | 38 Estendal |
| 18 Oficina | 39 Copa / TV |
| 19 Sala de Informática | 40 Quartos |
| 20 Sala de Aula | 41 Depósito |
| 21 Biblioteca | |



13 Ateliê de Costura



PLANTA 3º PAVIMENTO ESCALA 1:200



PLANTA 4º PAVIMENTO ESCALA 1:200

LEGENDA

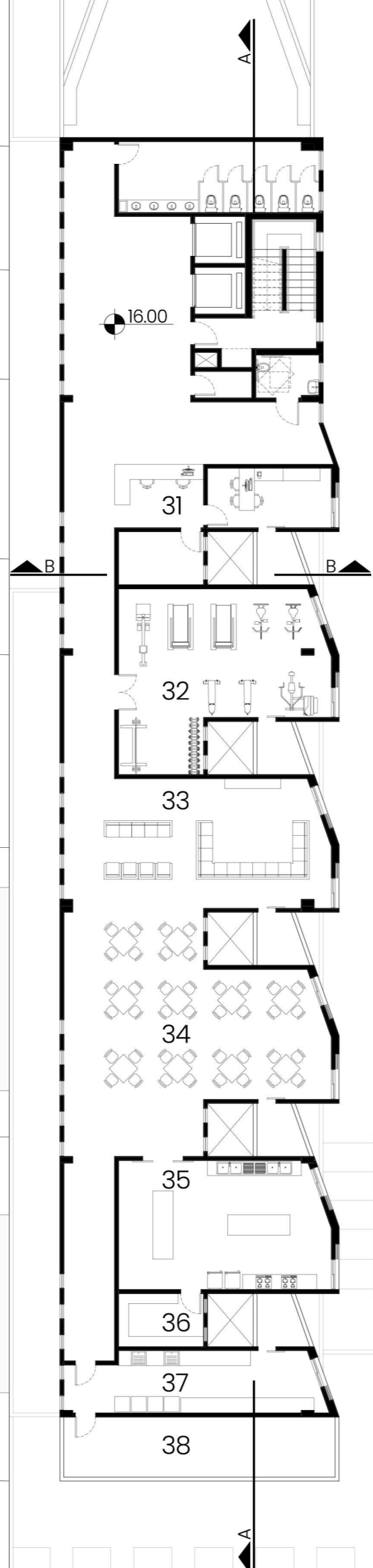
- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| 01 Loja de Artesanato | 22 Ensaio / Multiuso |
| 02 Loja de Roupas | 23 Recepção Clínica |
| 03 Depósito Café | 24 Depósito de Resíduos Sólidos |
| 04 Café | 25 Psicólogo / Assistência Social |
| 05 Sala de Segurança | 26 Assistência Jurídica |
| 06 Depósito de Lixo / Acesso Cisterna | 27 Consultório Médico |
| 07 Recepção | 28 Testagem Rápida |
| 08 Depósito Auditório | 29 Administração Clínica |
| 09 Camarim | 30 Convivência |
| 10 Auditório | 31 Administração Abrigo |
| 11 Foyer | 32 Academia |
| 12 Administração Auditório | 33 Estar |
| 13 Ateliê de Costura | 34 Jantar |
| 14 Cozinha Escola | 35 Cozinha |
| 15 Almoarifado | 36 Dispensa |
| 16 Administração Centro Comunitário | 37 Lavanderia |
| 17 Sala de Projeção Auditório | 38 Estendal |
| 18 Oficina | 39 Copa / TV |
| 19 Sala de Informática | 40 Quartos |
| 20 Sala de Aula | 41 Depósito |
| 21 Biblioteca | |



30 Convivência

Rua Emiliano Perneta

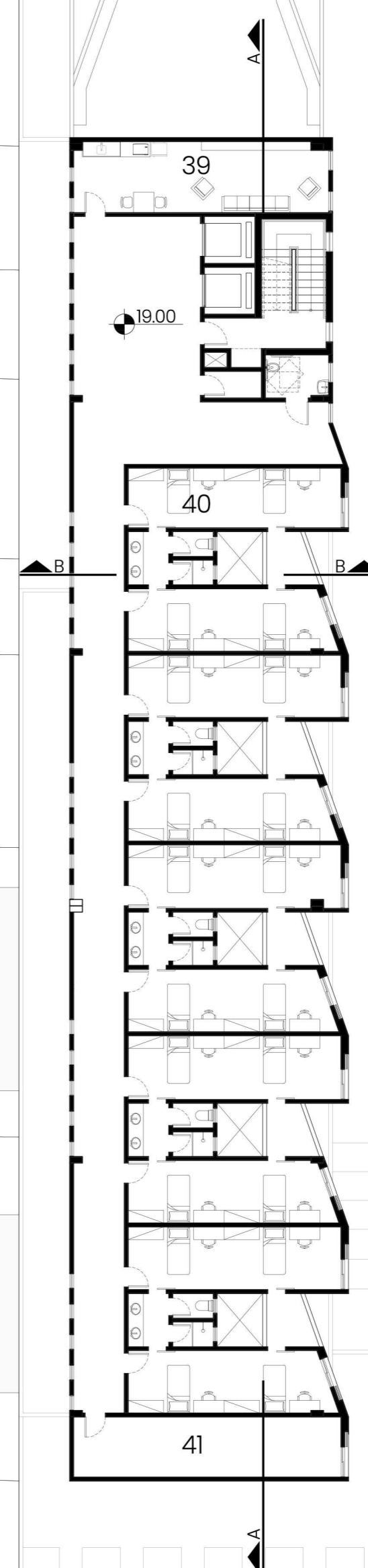
Rua Voluntários da Pátria



PLANTA 5º PAVIMENTO ESCALA 1:200

Rua Emiliano Perneta

Rua Voluntários da Pátria



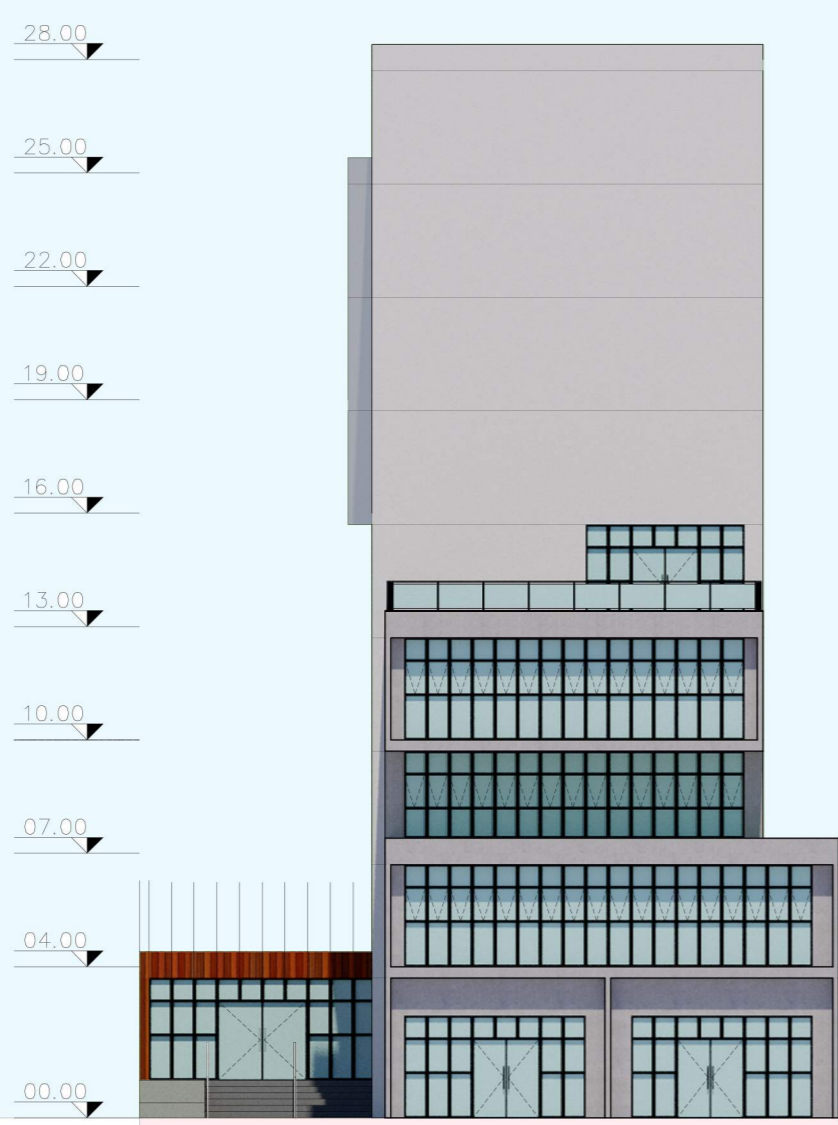
PLANTA TIPO 6º E 7º PAVIMENTOS ESCALA 1:200

LEGENDA

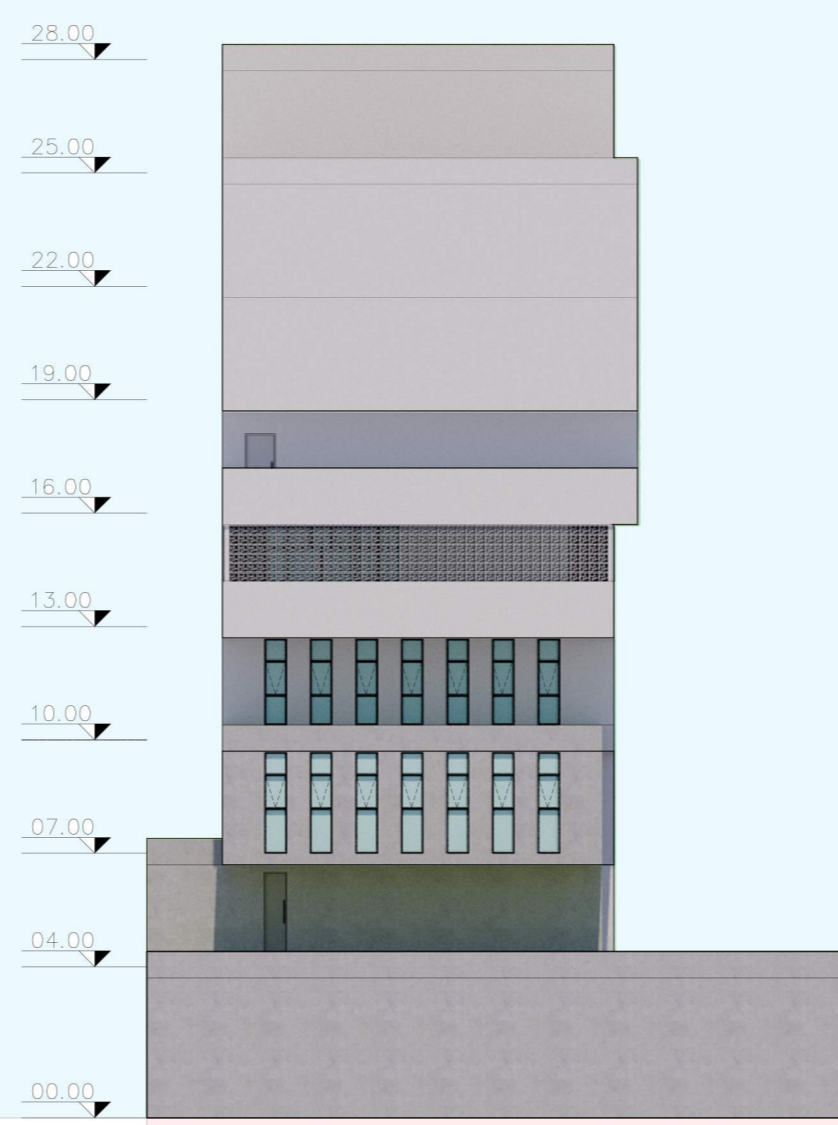
- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| 01 Loja de Artesanato | 22 Ensaio / Multiuso |
| 02 Loja de Roupas | 23 Recepção Clínica |
| 03 Depósito Café | 24 Depósito de Resíduos Sólidos |
| 04 Café | 25 Psicólogo / Assistência Social |
| 05 Sala de Segurança | 26 Assistência Jurídica |
| 06 Depósito de Lixo / Acesso Cisterna | 27 Consultório Médico |
| 07 Recepção | 28 Testagem Rápida |
| 08 Depósito Auditório | 29 Administração Clínica |
| 09 Camarim | 30 Convivência |
| 10 Auditório | 31 Administração Abrigo |
| 11 Foyer | 32 Academia |
| 12 Administração Auditório | 33 Estar |
| 13 Ateliê de Costura | 34 Jantar |
| 14 Cozinha Escola | 35 Cozinha |
| 15 Almoarifado | 36 Dispensa |
| 16 Administração Centro Comunitário | 37 Lavanderia |
| 17 Sala de Projeção Auditório | 38 Estendal |
| 18 Oficina | 39 Copa / TV |
| 19 Sala de Informática | 40 Quartos |
| 20 Sala de Aula | 41 Depósito |
| 21 Biblioteca | |



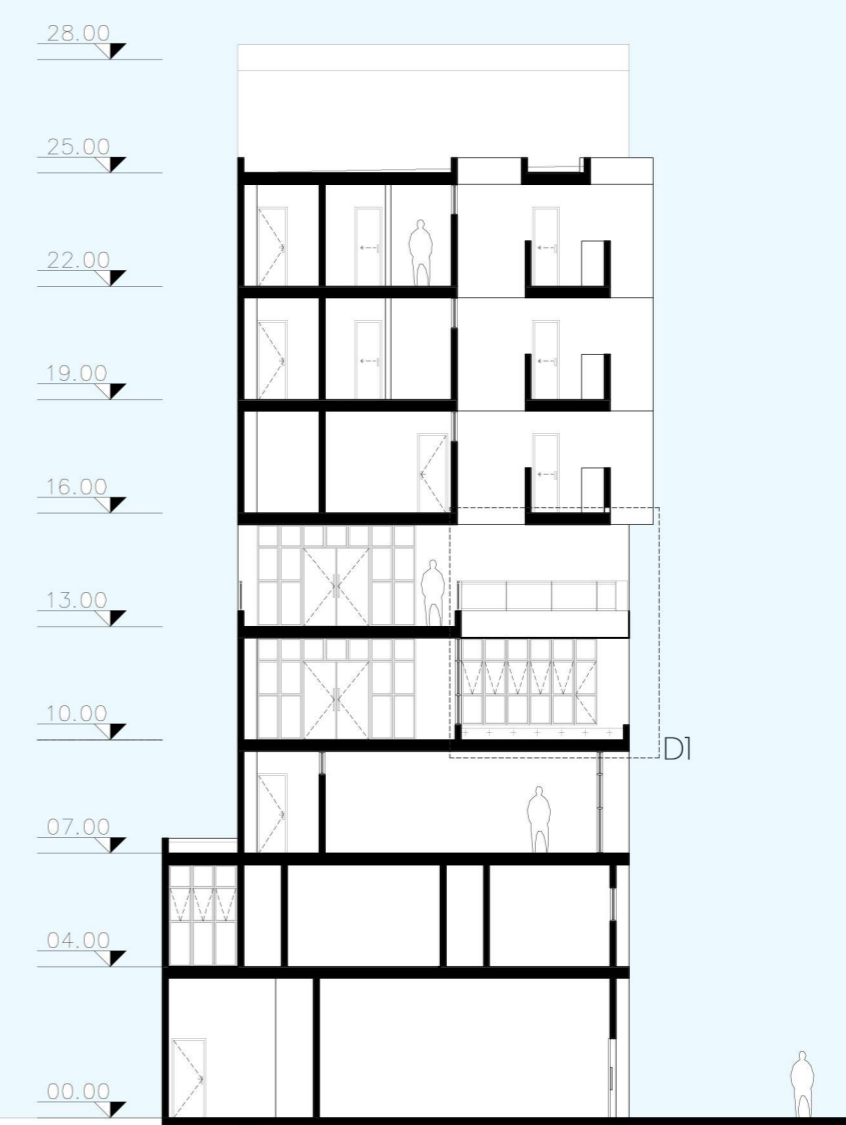
40 Quarto



ELEVAÇÃO FRONTAL ESCALA 1:200



ELEVAÇÃO POSTERIOR ESCALA 1:200



CORTE BB ESCALA 1:200



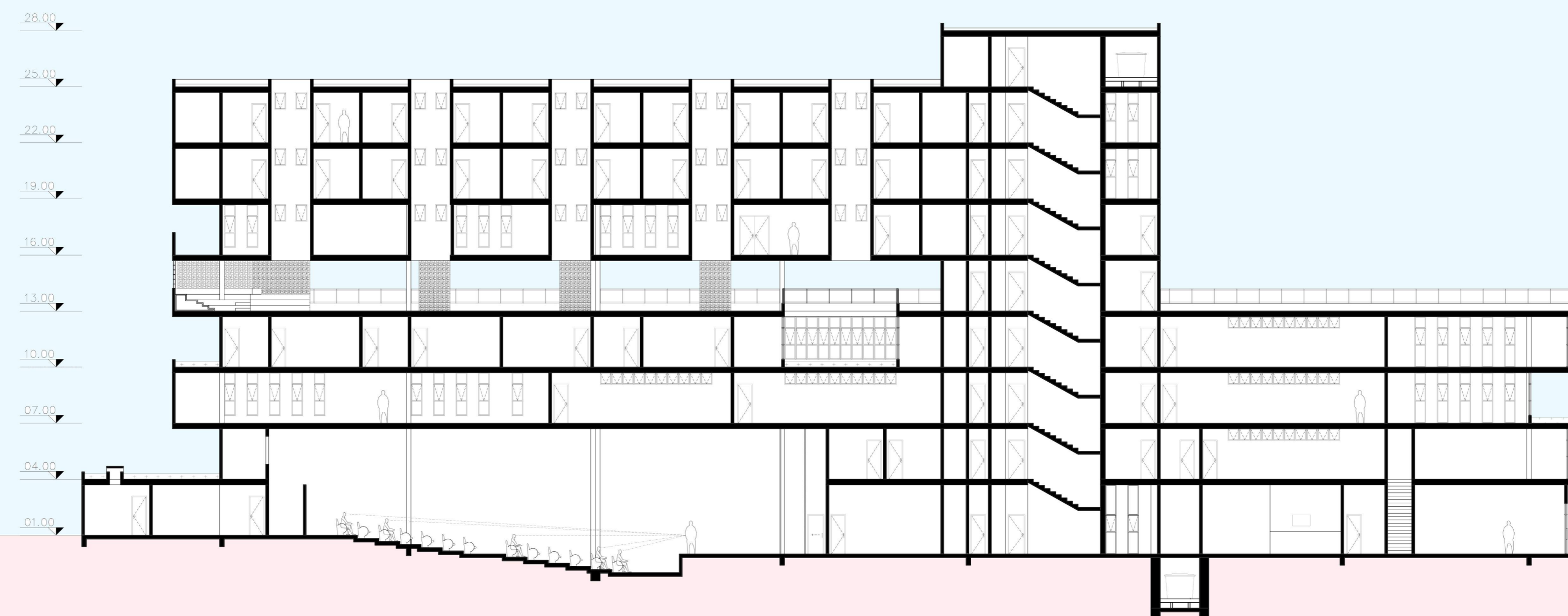
ELEVAÇÃO LATERAL ESQUERDA ESCALA 1:200

Rua Emiliano Perneta



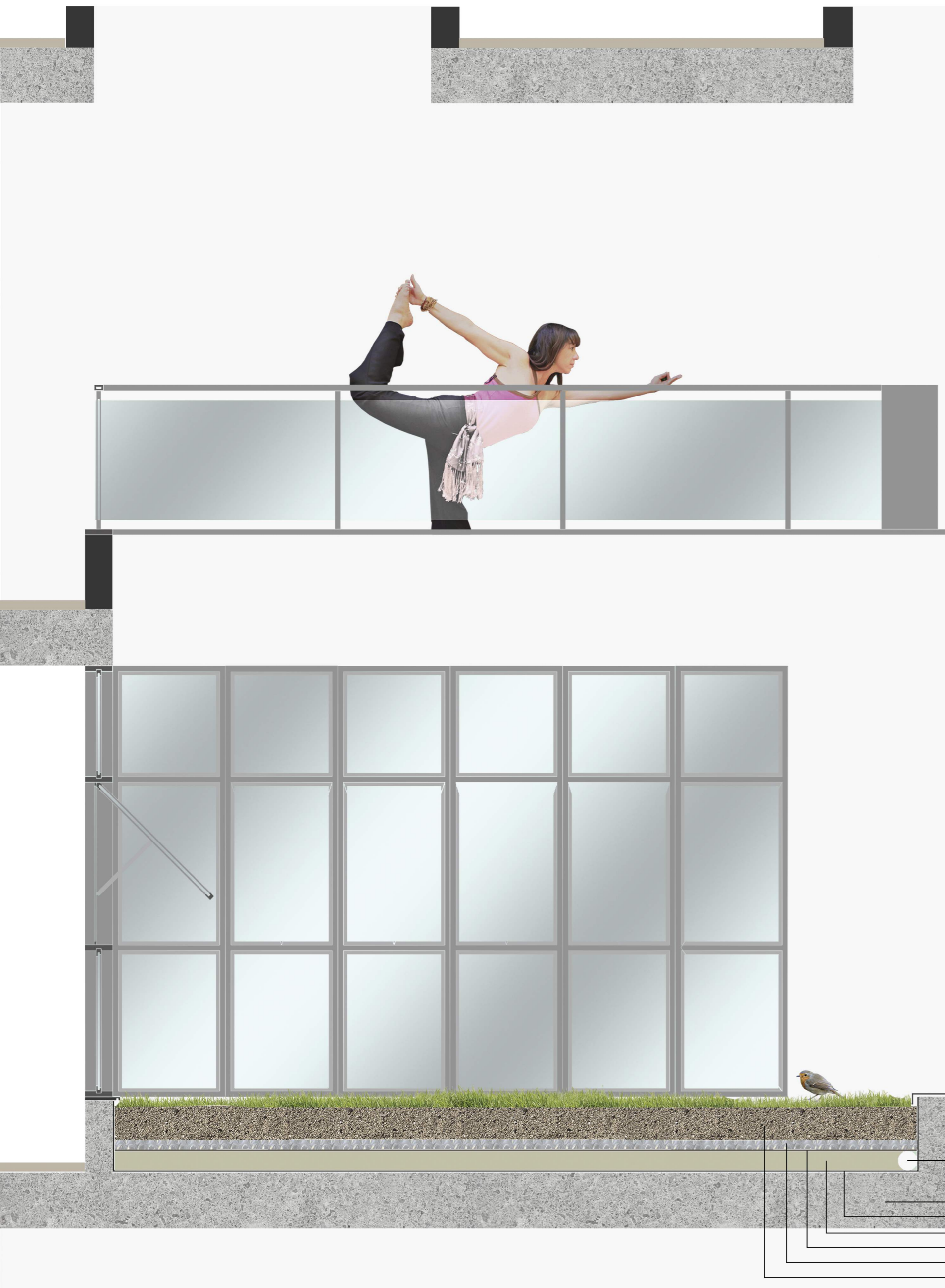
ELEVAÇÃO LATERAL ESQUERDA ESCALA 1:200

Rua Emiliano Perneta



CORTE AA ESCALA 1:200

Rua Emiliano Perneta



Fachada do Abrigo

- Rufo
- Cano Escoamento
- Laje Protendida
- Impermeabilização
- Manta Isolamento
- Manta Geotêxtil
- Chamada Drenante
- Substrato

DETALHAMENTO D1 ESCALA 1:20



Perspectiva da Esquina